

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA GABRIELA FARIA

**NÓS TAMBÉM TEMOS HISTÓRIA: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DO
BAIRRO VENCATO/JAGUARÃO E A FORMAÇÃO DE SUA CONSCIÊNCIA
HISTÓRICA**

**Jaguarão
2022**

MARIA GABRIELA FARIA

**NÓS TAMBÉM TEMOS HISTÓRIA: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DO
BAIRRO VENCATO/JAGUARÃO E A FORMAÇÃO DE SUA CONSCIÊNCIA
HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História-Licenciatura da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em História.
Orientador: Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti

**Jaguarão
2022**

MARIA GABRIELA FARIA

**NÓS TAMBÉM TEMOS HISTÓRIA: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DO
BAIRRO VENCATO/JAGUARÃO E A FORMAÇÃO DE SUA CONSCIÊNCIA
HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História-Licenciatura da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam
(UNIPAMPA)

Prof.^a. Dr.^a. Débora Clasen de Paula
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho à minha família e ao meu
companheiro Leandro, que com seu incentivo
possibilitou com que eu pudesse completar esta
jornada.

AGRADECIMENTO

Quero agradecer a todos que acompanharam a minha trajetória na universidade, as pessoas as quais conheci, e as amizades que fiz, muitos deles não estando mais aqui em Jaguarão, porém os carrego com carinho no meu coração.

Agradeço aos meus pais José Flávio e Zilda por todo o apoio e incentivo dado, permitindo que eu não desistisse da minha formação.

Agradeço ao meu irmão José Pedro, pelo carinho e apoio fazendo-se muitas vezes presente.

Agradeço às amigas Nycole Schmitt e Yasmin Centeno das quais fui presenteada com suas amizades, por sempre me auxiliarem nos momentos de dúvida, estando presentes de diversas maneiras, até mesmo nos fins de semana, me incentivando a seguir em frente.

Agradeço ao meu companheiro Leandro, por compreender a seriedade deste projeto, me incentivando, me alegrando nos momentos em que pensei que não conseguiria, me oferecendo seu ombro para que eu pudesse lamentar minhas tristezas e principalmente, me fazendo acreditar que eu era capaz de realizar qualquer projeto em minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Jônatas pela paciência ao me orientar neste projeto, que foi primordial para que eu não entrasse em desespero nos momentos em que me senti perdida, mostrando desvelo a cada orientação.

Agradeço às pessoas que entrevistei para este trabalho, tendo oportunidade de conhecer suas histórias e pelo carinho as quais me receberam.

Agradeço aos demais professores do curso que foram essenciais para a minha formação e permitiram que eu chegasse até aqui.

Obrigada.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado.

Luis Fernando Cerri

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito a criação de um material didático, através das memórias coletadas de moradores ainda não entrevistados, que presenciaram o período que antecede o surgimento do bairro Vencato na cidade de Jaguarão/RS, construído pelos próprios alunos da E.M.E.F. Dr. Fernando Corrêa Ribas, pertencente ao bairro. Com este material, além de ser incluído como ferramenta de ensino nas aulas de História, integrando os alunos na história do bairro e fazê-los pensar como sujeitos históricos, tem como objetivo ser exposto no centro comunitário do bairro, como um material que evidencie o pertencimento da população na região, fazendo-a reconhecer-se ali, diferentemente das demais pesquisas, em que estas não são encontradas.

Palavras-Chave: Bairro Vencato. Identidade. Memória.

RESUMEM

El propósito de esta investigación es crear un material didáctico, a través de los recuerdos recogidos de los vecinos aún no entrevistados, que presenciaron el período anterior al surgimiento del barrio Vencato en la ciudad de Yaguarón/RS, construido por los estudiantes de la E.M.E.F. Dr. Fernando Corrêa Ribas, perteneciente al barrio. Con este material, además de ser incluido como herramienta didáctica en las clases de Historia, integrando a los estudiantes en la historia del barrio y haciéndolos pensar como sujetos históricos, pretende ser expuesto en el centro comunitario del barrio, como un material que destaca la pertenencia de la población en la región, haciéndola reconocerse allí, a diferencia de otros estudios, en los que no se encuentran.

Palabras clave: Barrio Vencato. Identidad. Memoria.

LISTA DE ABREVIATURAS

CNPQ- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

ECA- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

E.M.E.F-ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

FAPERJ- FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

IHGJ- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE JAGUARÃO

IPHAN- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

MEC- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

PAC 2- PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO

PIBID- PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

TCC- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIPAMPA- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. AGORA É CIDADE: A ELEVAÇÃO DE JAGUARÃO E O SURGIMENTO DO BAIRRO	16
1.1. Jaguarão e suas histórias.....	17
1.2. As memórias dos habitantes do bairro Vencato como fonte de estudo	27
2. SE NÃO TEM DOCUMENTO NÃO TEM HISTÓRIA: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL NA RECUPERAÇÃO DE OUTRAS MEMÓRIAS SOBRE O BAIRRO VENCATO	34
2.1 Em busca de relatos desconhecidos: integrando novas histórias do bairro Vencato	35
2.2 Da desatenção ao protagonismo: o papel da comunidade por melhorias do bairro Vencato	39
2.3. Mudando a percepção do bairro Vencato por meio de novas entrevistas.....	48
3. LOCAIS DE MEMÓRIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E PROJETOS NAS ESCOLAS DE PERIFERIA.....	53
3.1. Os desafios do professor/historiador nas escolas de bairro	53
3.2. (Re)criando a história de bairro: projetos em outros estados brasileiros e uma proposta para o bairro Vencato.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal fonte as narrativas oriundas das memórias de moradores do bairro Vencato, sendo que alguns foram entrevistados pela primeira vez¹. O meu objeto de estudo é o bairro Vencato, localizado na cidade de Jaguarão, estado do Rio Grande do Sul, Brasil fronteira com a cidade de Rio Branco, Uruguai, já que fui moradora do bairro durante dezenove anos, passando minha infância e boa parte da juventude vivendo naquela região, servindo de motivação para ir em busca de outras histórias, já que algumas eram contadas a mim por meu pai José Flávio Faria, anteriormente compartilhadas com ele por alguns amigos e conhecidos, alguns bem mais velhos que ele. Com essas informações surgiu grande curiosidade de minha parte sobre a existência de outras memórias, que no final me incentivou a ir além desses amigos e conhecidos, levando-me também à outras pessoas as quais não conhecia, que comigo partilharam seus relatos sobre a história do bairro. Meu objetivo é que com essas narrativas, crie-se um modelo de atividade educativa para os alunos da escola do bairro, e também com esta propor uma iniciativa em conjunto com a escola do bairro, o centro comunitário e a Unipampa, para que aconteça anualmente.

O foco principal da atividade é confeccionar um mini livro com os relatos que os próprios alunos da escola obterão através de entrevistas realizadas pelos mesmos, com integrantes da comunidade. O curso de História da Unipampa também fará parte do projeto auxiliando na formação dos professores da escola, apoiando também com material e ferramentas para a confecção dos materiais. Por último, estes serão encaminhados para o Centro Comunitário, na sua função de centro de cultura local, para exposição e também fazer parte do acervo de documentos do bairro.

A região onde está localizado o bairro Vencato, anteriormente foi uma chácara denominada “Chácara do Galo”², qual o dono Sr. Frederico Vencato³ loteou parte, permitindo assim a expansão da cidade, transformando a zona rural em urbana e oportunizando opções de moradia aqueles que não possuíam condições financeiras de morar na região central de Jaguarão onde localizava-se a zona nobre onde supostamente as residências tinham custo muito alto, sendo acessível somente para alguns. Com as entrevistas realizadas para esta

¹ Entrevistas realizadas anteriormente por Fladiane Nunes Teixeira em 2015 e 2019. *O Vencato a partir da memória de seus moradores: Do loteamento à construção do bairro.* (TEIXEIRA, 2015) ; *Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão/RS.*(TEIXEIRA, 2019)

² Denominada Chácara do Galo, devido a existência de um galo alouçado no portão de entrada da casa.

³ Proprietário da Chácara do Galo que loteou a região para a criação do bairro.

pesquisa, as informações coletadas foram além do esperado, pois descobri outros locais de memória que fazem parte da história das pessoas mais velhas da região, assim como alguns dos antigos donos da chácara, que anteriormente através de pesquisa, foi descoberto que um dos antigos proprietários, também recebeu entidades ilustres na casa.

Para dar seguimento a este trabalho, utilizei como principal ferramenta a história oral como principal método de coleta de dados, como afirma o historiador Antônio Roberto Xavier (2020)⁴, “A história oral é deste modo, a extração das informações contidas na Memória que servem de orientação e transmissão do legado cultural de geração em geração. Assim, é racional afirmarmos que a história oral entra no cenário desde que o homem surge na terra”.⁵ Devido à pandemia do COVID-19⁶, não pude ter acesso às instituições que continham muitos arquivos, que provavelmente eu precisaria para este trabalho, pois estas encontravam-se fechadas. Com isso me dediquei na busca de pessoas que pudessem contar suas memórias. Também contei com apoio de obras de escritores locais que também foram de grande valor no enriquecimento de informações para a construção deste assim como trabalhos de colegas do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa de Jaguarão.

O tema principal deste trabalho é voltado para novas histórias do bairro Vencato contadas por pessoas entrevistadas, algumas desconhecidas, pois como pesquisadora, não acredito que algo ou alguém tenha somente uma versão de história, e busco aqui nesta pesquisa mostrar que existem outras versões, outros personagens que compõem a trajetória histórica do local. Não digo que a história que já conhecemos da região não seja válida, mas sim, que devemos dar espaço a outras histórias contadas por outras pessoas comuns que viveram períodos antecedentes aos relatos coletados em pesquisas publicadas anteriormente.

Com isso cheguei à conclusão que o problema de pesquisa deste trabalho está focado na conscientização dos alunos da escola do bairro na produção de materiais didáticos que envolvam a trajetória da região. Com os relatos coletados, cheguei à conclusão que parte da comunidade acredita que o bairro desconhece a existência de uma história, enquanto a outra parte tem conhecimento que a história do bairro se resume com loteamento da chácara. Isso significa que as pessoas que têm memórias mais antigas não as compartilham com os mais

⁴ XAVIER, Antônio Roberto *et al.* História Oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. Ver. Pemo, Fortaleza, v. 2, n.1, p. 1-16, 2020. p.3. Disponível em [HTTPS://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802](https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802) Acesso em 21 de dezembro de 2021.

⁵ PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES. Rev. Pemo – Revista do PEMO. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, 2020 (p.6)

⁶ Coronavírus é uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/covid19/covid-19/> > Acesso em 21 de dezembro de 2021, às 15:21.

novos e que isso se tornou um costume, assim como na escola, os alunos desconhecem qualquer história além da já conhecida, e tampouco têm acesso a trabalhos que falam sobre o seu bairro, pois estes não foram publicados como as obras que envolvem a história a elite, o que resulta nestas pessoas não perceberem uma identidade e pertencimento à região a qual vivem.

O primeiro capítulo desta pesquisa está voltado para a história da cidade de Jaguarão, desde o seu princípio de elevação, atividades comerciais, sua relação com a cidade vizinha Rio Branco-Uruguaí, acervo arquitetônico localizado na região central evidenciando o poder aquisitivo daqueles que ali viviam, contrastando com as localidades mais afastadas onde encontravam-se as populações mais pobres e esquecidas. Com a aceleração do progresso, a cidade começou a crescer e expandir-se surgindo os bairros, muitos deles iniciados primeiramente com ocupação de populares, diferentemente do bairro Vencato que teve seu surgimento através de loteamento e doação de terrenos pelo proprietário da região. Com o apoio de outras pesquisas realizadas anteriormente sobre o bairro foi possível proporcionar um enriquecimento do primeiro capítulo, pois as informações coletadas anteriormente foram essenciais para estimular a minha insistência em busca de novas histórias do bairro.

No segundo capítulo trago o conceito da metodologia utilizado neste trabalho e o porquê de sua escolha. Também apresento o perfil dos entrevistados contando através de seus relatos suas participações como personagens importantes da comunidade. Com as entrevistas foi possível perceber que seus relatos são essenciais para um enriquecimento da história do bairro, pois estavam guardados e ninguém tinha conhecimento destes, e não sendo coletados, aos poucos se perderiam. Ao total entrevistei seis pessoas, as quais me receberam com carinho e falaram bastante sobre suas memórias. Também houve um episódio em que não fui bem recebida pela cônjuge de um entrevistado, o que não me proporcionou a totalidade de uma entrevista, porém a parte a qual coletei, foi de grande aproveitamento. Justifico aqui também o número pequeno de entrevistados devido ao contexto pandêmico no momento da pesquisa, que limitou as minhas saídas em busca de pessoas que pudessem falar.

O Sr. Adão Pimentel de 75 anos, aposentado foi entrevistado no dia 18 de outubro de 2021 na parte da tarde na sua residência localizada na Rua José Alberto Portela, 107. Este senhor traz relatos interessantes de um período em que este ainda era criança e sua mãe lavadeira da família proprietária da Chácara do Galo.

O Sr. João José Martins Dutra (Zé da Vencato) de 53 anos, líder comunitário do bairro Vencato, foi entrevistado no dia 19 de outubro de 2021 no Centro Comunitário do bairro

localizado na Rua João da Costa Chaves, 139. O Sr. Zé traz relatos das funcionalidades atuais do centro comunitário e da relação deste com a comunidade.

A professora e vice-diretora da E.M.E.F. Dr. Fernando Corrêa Ribas localizada na Rua Rosalino Lopes de Moura 121, Maria Túlia Duarte Mendes Arence de 51 anos, entrevistada no dia 16 de novembro de 2021, traz relatos antigos do bairro contados à ela pela mãe e também comenta sobre diversas situações que ocorrem na escola.

O Sr. Jorge Nilton Tormes Echevengú de 60 anos, ex-vereador e atualmente metalúrgico, entrevistado no dia 2 de dezembro de 2021 na sua residência localizada na Rua Fernandes Vieira 665, conta sobre as propostas levadas à prefeitura em benefício do bairro Vencato no período que fez parte do legislativo.

O Sr. Juarez Justino Albanáz (Catarina), ex-líder comunitário do bairro Vencato e atualmente microempresário, entrevistado no dia 8 de dezembro de 2021, residente na Rua Odilo Gonçalves 1374, traz informações do período em estava na gestão do centro comunitário.

Por último o Sr. Carlos Darcy Vencato de 80 anos, plantador de arroz, filho do Sr. Frederico Vencato, residente na Rua dos Andradas 510, foi entrevistado no dia 14 de dezembro de 2021, e traz informações da chácara na qual originou o bairro.

Percebe-se aqui que os entrevistados possuem relação de período de vivência na região como o Sr. Adão Pimentel e o Sr. Carlos Darcy Vencato pela proximidade de idade, porém cada um com suas memórias de distintas realidades. Assim como o Sr. “Zé da Vencato” e o Sr. “Catarina”, ambos líderes comunitários do bairro, porém em circunstâncias distintas, o que nos leva a refletir após a leitura de suas entrevistas nas melhorias e transformações do bairro no geral. E por último a professora Túlia que tem como missão garantir um ensino de qualidade para os alunos da escola, enquanto o Sr, Jorge Tormes lutava por melhor infraestrutura para o bairro.

No terceiro e último capítulo, que está voltado para o ensino, trago a importância da disciplina de história na escola do bairro, já que os alunos não foram apresentados às pesquisas voltadas para as memórias da região. Também citarei alguns problemas que assombram as escolas de periferia que não são levadas a sério e não recebem a atenção devida do município, formando alunos que não percebem a sua participação na história refletindo no seu futuro. Por último trarei uma proposta de projeto de ensino de história em que inclua as memórias dos moradores, a participação da escola do bairro e de seus alunos, do centro

comunitário, e da Unipampa para que este aconteça anualmente e beneficie tanto os alunos quanto a comunidade ao redor.

1. AGORA É CIDADE: A ELEVAÇÃO DE JAGUARÃO E O SURGIMENTO DO BAIRRO

Neste capítulo trarei fatos históricos da cidade de Jaguarão, na qual encontra-se o bairro Vencato, meu objeto de estudo, dando ênfase na história das periferias, trazendo assim outros relatos coletados através de entrevistas e que estes de alguma maneira representem a população que no bairro vive. Busquei por outros moradores e conhecedores da região, alguns muito antigos que tiveram acesso aquela localidade quando esta ainda era desabitada e não possuía qualquer indício de presença de pessoas. Com a inexistência de documentação, busquei outros indivíduos que pudessem me presentear com novas histórias, locais e personagens desconhecidos do bairro e também contei com o auxílio de outras pesquisas realizadas anteriormente sobre este. Para o primeiro capítulo fui atrás de informações importantes sobre Jaguarão desde seus primórdios de elevação, para que mais à frente pudessemos entender o que levou essas localidades possuírem tais aspectos sociais.

Confesso que houve empecilhos com os quais não contei que dificultaram a busca de documentos históricos sobre a cidade, já que os espaços que contém esses acervos estavam inacessíveis durante o meu processo de pesquisa, assim como algumas entrevistas dos moradores, que no total não foram tantas quanto eu gostaria. Porém com as obras e publicações os quais tive acesso sobre a cidade, possuindo informações e datações, acredito que tenha alcançado o objetivo que era mostrar com deus-se o surgimento da cidade de forma esclarecedora, porém não como gostaria, assim como o surgimento do bairro Vencato, e não mostrar a história contada que está nos poucos arquivos e publicações existentes.

Trarei posteriormente um pouco da história contada pelas pessoas que presenciaram a rotina envolta da chácara enquanto ainda esta era local de moradia dos proprietários, assim como características da região enquanto ainda era campo, a chegada da urbanização que movimentou a região com a construção de moradias e a nova face da região com os habitantes mostrando autonomia em busca de melhorias. Quero ainda esclarecer que este trabalho está focado na história de periferia, particularmente nas memórias do bairro Vencato, este como local de memória das pessoas que ali vivem, e tentar compreender, porque a história desses locais não instigam a curiosidade dos moradores dos bairros. Também nesta pesquisa, procuro incentivar outros pesquisadores a buscar temas voltados para as histórias das periferias, para que estas se sintam valorizadas e não caiam no esquecimento.

1.1. Jaguarão e suas histórias

Nesta parte, para uma melhor compreensão abordarei brevemente sobre história da cidade que abriga o Bairro Vencato, tema deste trabalho. O município de Jaguarão⁷ está situado no final da BR-116 na parte sul do Rio Grande do Sul, fazendo divisa com a cidade de Rio Branco, Uruguai. Jaguarão é reconhecida nacionalmente por seus prédios, que com sua arquitetura neoclássica, fazem parte do patrimônio histórico nacional, atraindo curiosos e intelectuais de todas as partes. O acervo arquitetônico da cidade é composto de vários prédios que vão desde cemitério, clubes sociais, enfermaria militar, igrejas, instituto histórico e geográfico, mercado público, museus, ponte, praças, teatro, e instituições do governo municipal.

A constituição da cidade de Jaguarão deu-se a partir de um acampamento militar que delimitava o expansionismo dos portugueses em terras pertencentes, conforme o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, à Espanha. Em 1801, uma tropa regida pelo Cel. Manoel Marques de Souza alterou a linha fronteira portuguesa, instaurando batalhas contra os espanhóis. Devido a má localização, gerou problemas como o fornecimento de produtos, fazendo com que os soldados movessem-se tempos depois para as proximidades de vias navegáveis, o que seria vantajoso, pois permitiria acesso mais rápido com Rio Grande, atitude esta que foi decisiva para que iniciasse a povoação que posteriormente daria início a cidade de Jaguarão. Denominada Guarda do Serrito e da Lagoa, esta era composta por cerca de 260 integrantes e aos poucos a relação entre os dois grupos, que eram separados pelas águas do rio, foi conciliada⁸.

Em 1812, foi criada a Freguesia do Espírito Santo de Jaguarão, e em 1815 a primeira planta da cidade, havendo um crescimento de vários setores da infraestrutura local. Em 1832 foi elevada à Vila, e posteriormente no ano de 1855 esta foi elevada à cidade. Dez anos após, em 1865, foi invadida por aproximadamente 1.500 orientais armados, e da parte oposta havia um terço de integrantes jaguarenses, que com a contribuição de canhões, permitiu estes defenderem-se e fazer com que os inimigos desistissem. Quase ao mesmo tempo, a cidade foi invadida por um surto de cólera, vitimando parte da população e o restante que sobreviveu ao

⁷ O nome da cidade possui origem indígena, oriundo da lenda de um animal semelhante a um lobo marinho com caneca e patas de tigre denominado Jagua-ru, que escavava nas barracas às margens do rio criando deslizamentos, permitindo que aqueles que por ali passassem caíssem nas águas e fossem capturados pelo animal. (*Jaguarão – A história que queremos preservar* – Ano 2003; Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão).

⁸ *Jaguarão – A história que queremos preservar* – Ano 2003; Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão)

episódio ficou receosa, como é descrito abaixo um trecho da Tese de Doutorado de Roberto Martins (2001)⁹, sobre a cidade de Jaguarão. Utilizei esta obra como base pelos dados nela relatados.

Sem dúvida um dos fatos mais graves ocorridos na metade do século foi a epidemia do cólera-morbo. O Rio Grande do Sul, que em 1850, conseguira ficar imune à febre amarela, mesmo tomando medidas profiláticas, não conseguiu evitar a chegada do vírus através do porto de Rio Grande. (MARTINS, 2001, p. 120)

É perceptível a gravidade da situação sanitária no século XIX na região, o que acarretou em uma grande crise na cidade. Aqueles que tinham condições financeiras abandonaram a região, e os pobres ficaram isolados à mercê da doença.

Durante o período da epidemia, as autoridades principais da Vila e o povo mais abastado fugiram para o interior, ficando a cidade mais uma vez isolada. Não havia sequer marinheiros para o serviço de travessia para o lado uruguaio. As charqueadas estavam proibidas de produzir e distribuir carne e o matadouro da cidade ficou fechado por esse tempo. A solicitação dos charqueadores de que no lado oriental e na cidade de Pelotas as charqueadas funcionavam normalmente apesar da epidemia, não convenceu aos responsáveis pela saúde pública de Jaguarão. (MARTINS, 2001,p. 121-122)

Com a epidemia foi necessária a construção às pressas do Cemitério das Irmandades¹⁰ na cidade de Jaguarão, já que a quantidade de vítimas da cólera era grande. Conforme a pesquisadora Liana Piñeiro (2018)¹¹ comenta em seu trabalho sobre arte cemiterial, neste cemitério encontra-se uma coleção de mausoléus de distintas datações que formam um patrimônio de inestimável valor, já que nele foram enterradas personalidades como barões, vários personagens do Partido Rio-Grandense¹² de Jaguarão e até mesmo um dos presidentes do estado do Rio Grande do Sul.

Carlos Barbosa Gonçalves nasceu no dia 8 de abril de 1851, na cidade de Pelotas, filho de Antônio Gonçalves da Silva e de Maria da Conceição Barbosa Gonçalves, mas veio ainda bem jovem para cidade de Jaguarão. Barbosa tem em sua árvore genealógica o parentesco com o “herói” republicano Bento Gonçalves da Silva, sendo este seu tio-avô. Carlos Barbosa foi um dos fundadores do Clube Republicano em Jaguarão e teve uma importante trajetória política na cidade, tendo chegado a ser presidente da província. Faleceu em Jaguarão com 82 anos, no dia 29 de setembro de 1933. (PIÑEIRO, 2018, p. 28)

⁹ MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão*. Barcelona: Universidade Politècnica de Catalunya, 2001. Tese (Doutorado).

¹⁰ Localizado no Cerro das Irmandades, o local mais alto da cidade de Jaguarão

¹¹ GONZALEZ PIÑEIRO, Liana Nadine. *Arte e discursos do Cemitério das Irmandades de Jaguarão nas primeiras décadas da República*. 2018. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)-Unipampa, Jaguarão, 2018.

¹² Partido republicano que participou na formação política do estado, separando os federalistas e os republicanos.

Outro exemplar edificado que Jaguarão possui é o Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (IHGJ)¹³, criado pela Lei municipal 725, de 19 de julho de 1966 e posteriormente fundado em 23 de novembro da respectiva data. Conforme a pesquisadora Katarine Lapuente Souza (2017)¹⁴ relata em seu trabalho, as atividades da instituição iniciaram-se em uma sala emprestada pelo Círculo Operário Jaguareense¹⁵, e seu arquivo era composto de doações de arquivos históricos da prefeitura de Jaguarão e demais pessoas. No ano de 1973, foi transferido para a antiga sede do Partido Libertador¹⁶, atual endereço o qual se encontra hoje. Seu acervo é composto pelos Museus Alfredo Varella, Biblioteca Almiro de Lima Piúma e o Arquivo Léo Santos Brum.

A cidade conta também com um Mercado Público¹⁷ que teve iniciada a sua construção no ano de 1864 e concluída em 10 de julho de 1867, conforme dados dos arquivos do Instituto histórico e Geográfico de Jaguarão, o Mercado Público, serviu há alguns anos como importante centro de compras e abastecimento da população, tendo entrado em decadência nas últimas décadas. Foi tombado como Patrimônio Histórico pelo IPHAN¹⁸ em 1990. Devido à precariedade da sua estrutura e das instalações elétricas, o prédio foi interditado pelo Corpo de Bombeiros desde julho de 2013. Graças ao PAC2 - Cidades Históricas¹⁹, Jaguarão recebe do Governo Federal cerca de R\$ 40 milhões à recuperação de prédios e áreas tombadas da cidade. Hoje o Mercado Público encontra-se restaurado e eventualmente acontecem feiras de agricultura familiar e artesanato durante o dia e à noite alguns barzinhos situados em suas salas, dão vida ao local.

Ao lado do Mercado Público encontra-se a Praça das Figueiras²⁰, ou Praça do Desembarque, local de comercialização de trabalhadores escravizados que chegavam através do Cais do Porto no período de 1860, já que Jaguarão possuía uma população negra semelhante às cidades de maior porte na mesma época.

Na Praça das Figueiras, como é popularmente conhecida, mas que já foi chamada de Praça do Desembarque ou do Comércio, abordamos o mundo mágico do religioso

¹³ Instituição criada com a finalidade de manter um acervo e permitir pesquisas históricas sobre o passado da cidade, organização do arquivo e tombamento do patrimônio histórico municipal. (SOUZA, 2017, pag. 36)

¹⁴ LAPUENTE SOUZA, Katarine. “*JUBILOSOS E ESPERANÇOSOS INICIÁVAMOS ENTÃO A CAMINHADA*”: *homens e mulheres e as décadas iniciais do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (1966-1986)*. 2017. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Unipampa, Jaguarão, 2017.

¹⁵ Associação de trabalhadores que com suas reuniões discutiam questões políticas e sociais e promoviam ações com intuito de melhorar a vida da sociedade operária. (VERGARA, 2019, pag. 33)

¹⁶ Defendia o sistema de parlamento e o federalismo.

¹⁷ Mercado público municipal de Jaguarão.

¹⁸ Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹⁹ Programa de aceleração de crescimento.

²⁰ Praça que dá acesso ao cais do porto.

africano, buscando evidenciar a importância das religiões de matriz africana na formação da cultura do Pampa gaúcho. O conjunto de figueiras lembra as formas de adaptação que os/as africanos/as fizeram de suas culturas quando no contato com a natureza das Américas, mais especificamente a religião: as figueiras foram usadas de forma simbólica como árvores sagradas, assim como os baobás foram utilizados em África. Ainda hoje, ao pé destas árvores, muitas vezes são encontradas oferendas, que demonstram que a Praça do Desembarque, bem como sua vegetação, ainda possui um importante significado dentro da tradição afroreligiosa na cidade. Na Praça também foram comercializados trabalhadores/as escravizados/as e o imaginário da população da cidade ainda evidencia nas figueiras, mais objetivamente nos ganchos de ferro que estão cravados nelas, a memória da escravidão: seriam nestas árvores que ficariam nossos antepassados amarrados para a venda. (AL-ALAM e LIMA, 2012 p. 39)²¹

Conforme menciona Martins (2001) em 6 de julho de 1832, foi decretada a formação do município de Jaguarão, pelo Conselho Geral da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul²², e posteriormente em 22 de maio de 1833 a instalação do município foi iniciada, com a posse dos integrantes da primeira Câmara Municipal da Vila.

Durante o século XVIII, houve uma grande imigração de portugueses ao Rio Grande do Sul, o que favoreceu a sua economia, porém em Jaguarão, no século XIX, a imigração desses estrangeiros não foi forte, pois já havia a presença de outros, vindos de outros países contratados por questões militares, assim como integrantes das comissões, com a missão de demarcar os limites de fronteira, que já haviam se instalado na localidade. Diante disso, Jaguarão investiu em pequenas charqueadas²³, que em conjunto com outras fábricas do mesmo ramo foram fundamentais para o desenvolvimento do Estado. Além do mais, os criadores também forneciam animais para a região de Pelotas, onde encontravam-se as charquearias maiores, já que na época a exportação de charque para o norte do país era muito forte.

Mas foi com a criação e a produção de charque, que a região sul foi protagonista do desenvolvimento do Estado. Apesar das crises constantes, resultado das contradições entre os interesses do Império brasileiro e dos criadores e charqueadores, em função de preços, taxas e impostos, esta região se beneficiou da exportação do charque para o norte do país. (MARTINS, 2001, p. 86)

Martins (2001) cita que para receber mais recursos do governo, as zonas de periferia eram exageradamente discriminadas como miseráveis nas documentações, mesmo no período em que a cidade apresentava uma forte expansão.

²¹ AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa da Gama. Territórios *negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico*. In: *Ensino de História no Conesul: Patrimônio Cultural, Territórios e Fronteiras*. Jaguarão: Evagranf, 2012.

²² Uma das províncias do Império brasileiro criada no dia 28 de fevereiro de 1821.

²³ Locais em que se fabricavam o charque.

Porém o que se observa na análise da dita documentação, é o fato de que mesmo nos períodos de comprovado crescimento econômico, existe um exagerado interesse de demonstrar a pobreza do município, evidentemente com a intenção de sensibilizar o governo central na liberação de recursos. (MARTINS, 2001, p. 94)

O autor comenta sobre os modelos arquitetônicos e tamanho das casas, estas que pertenciam às figuras abastadas da cidade. Na obra “Olhares sobre Jaguarão”, de autoria dos escritores Eduardo Alvares de Souza Soares e Sérgio da Costa Franco, encontra-se o relato de Giovanni Palombini²⁴ que fala com espanto e admiração sobre tamanha beleza das estruturas erguidas nesta cidade, algo que estes jamais esperariam de uma cidade pequena que mal ouvia-se falar como Franco e Soares descreve em sua publicação: “Jaguarão, da qual não se fala ao norte de Porto Alegre e mesmo nesta Capital, é conhecida somente de nome; no entanto é uma das mais lindas e elegantes cidades do Estado do Rio Grande do Sul” (SOARES, FRANCO, 2010, p. 6)²⁵.

Essas construções tinham como propósito mostrar que as famílias possuíam posses, uma forma de ostentar publicamente, enquanto outras, desprovidas de recursos, viviam em construções bem simples, com materiais frágeis, que as tornavam invisíveis perante o restante da sociedade. Percebe-se até hoje, estas mesmas residências possuem suas fachadas e estruturas em perfeitas condições de manutenção, reafirmando a nobreza de seus antepassados para que não sejam esquecidos da história.

Alguns prédios começam a apresentar algumas variações dentro do panorama arquitetônico, quer por suas dimensões – caso da Casa do Barão Tavares Leite, como algumas outras construções menores, que compunham a arquitetura da cidade. O conhecimento das características destas construções assume um grau de importância, no sentido de que estas obras eram praticamente as únicas estruturas de definiam a cidade até a metade do século 19, período em que ainda permanecia muito atrelada aos tempos coloniais.

De maneira geral, as construções eram simples, quase sempre de um pavimento, com paredes de pedras ou tijolos rejuntadas com cal e areia, e os telhados de beirais salientes, revestidos com telhas do tipo “capa-e-canal”. Muitas edificações permaneciam dentro do esquema construtivo mais simples, com suas paredes de “pau-a-pique” e coberturas de palha, embora o ambiente urbano neste momento começasse a sofrer alguma alteração, tanto a partir de iniciativas individuais, como da própria legislação que inicia neste momento e se preocupará em dar uma ordem estrutural na cidade, através de portarias, decretos e do próprio Código de Posturas Municipais. (MARTINS, 2001, Pag. 111-112)

²⁴ Italiano, formado em 1895 pela Faculdade de medicina de Roma. Chegou no início do século XX ao Brasil. Catalogou diversas amostras de itens sul-riograndenses da cultura, flora e fauna, criando um museu particular. Com dados coletados na sua passagem pelo Brasil, foi publicada uma edição particular de “Um Retrato do Rio Grande do Sul no Início do Século XX”, publicado posteriormente por seus netos.

²⁵ SOARES, Eduardo S.; FRANCO, Sérgio F. *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evagranf, 2010

A expansão continuou perdurando durante os anos seguintes. Em 1871 foi inaugurada a comunicação telegráfica entre Jaguarão e Pelotas. As notícias de progresso eram divulgadas em bom tom pelo jornal Atalaia, que trazia nele estampado notícias como a aceleração do crescimento de residências urbanas e forte atividade comercial na região, o que propiciou à expansão da cidade com maior rapidez.

Para que se tenha uma idéia e seja possível dimensionar o crescimento alcançado logo no início dos anos 70, o mesmo jornal “Atalaia” noticiava em 14 de novembro de 1873, que a cidade, “segundo últimos dados estatísticos, contava com aproximadamente 988 fogos”, portanto com um expressivo crescimento de 351 residências, ou seja, 55% em aproximadamente 7 anos. (MARTINS, 2001, pag.142)

Jaguarão apresentava um fortalecimento econômico em meados dos anos 1880 com a criação de gado, base militar e comércio -, este último que teve a seu favor as atividades fluviais com a presença do porto, no qual desembarcavam mercadorias que eram distribuídas em toda região de fronteira, as quais eram favorecidas pela falta de estradas terrestres naquele período. Como recompensa pelo seu progresso, apesar de ser uma cidade pequena e com um número não tão grandioso de habitantes, foi equiparada, por alguns historiadores, às cidades de maior tamanho e com população numerosa.

Sua atividade econômica continuava fundamentada no mesmo tripé dos tempos da fundação: gado, comércio e a base militar. A pecuária era a principal atividade econômica, com as charqueadas como foco primário de indústria; o comércio aproveitando-se da localização fronteiriça e das facilidades do porto tinha uma abrangência que se estendia até o município de Bagé. No Rio Grande do Sul e às vilas de Melo e Treinta Y Três, no lado uruguaio e as instalações militares a garantir um contingente importante para uma cidade de pequeno porte. (MARTINS, 2001 ,pag.142-143)

Segundo Martins (2001) “A euforia do crescimento incentivava as iniciativas para projetos de desenvolvimento da região. Diante disto, neste período intensifica a discussão da necessidade da via férrea a idéia de uma via férrea até Jaguarão.”

Ainda na década de 1880, houve a fundação da Sociedade Emancipadora Jaguarenses²⁶ que tinha como propósito angariar fundos econômicos para a quitação das “alforrias” dos

²⁶ Organizações que visavam discutir questões políticas e buscavam recursos econômicos para quitar “alforrias” de escravos o que permitia aos escravizados a sua liberdade, e este passava a ser considerado civilmente uma pessoa. (MARTINS, 2001, p. 143)

escravizados, para que estes garantissem sua liberdade e pudessem ter autonomia em suas ações e fossem descaracterizados como “coisas”, sendo portanto considerados um cidadão.

É uma fase de intensidade política que tem fortes reflexos na fronteira. Desde 1881 que Jaguarão encampa o clima contra o regime de escravidão que se alastra pelo país, fundando a Sociedade Emancipadora Jaguareense, uma associação abolicionista inspirada em outras entidades com os mesmos objetivos (MARTINS, 2001, p. 143)

Conforme o autor afirma, em casos de doença grave, que os tornava inúteis ao trabalho, aos escravizados era-lhes concedida a carta de alforria por parte de seus senhores, uma maneira de estes isentarem-se da responsabilidade. O que restava a esses indivíduos era mendigar pela cidade.

Outra prática cruel que se preservava e ocorria com frequência, conforme os documentos, era dos proprietários de escravos que, quando estes adquiriam alguma grave moléstia (ou cegueira, por exemplo) e ficavam inaptos para o trabalho, lhe passavam carta de liberdade com a finalidade de se eximirem da responsabilidade por sua alimentação, ficando estes a mendigar pelas ruas da cidade. (MARTINS, 2001, p. 157)

Martins (2001) cita que na metade do século XIX, houve uma grande movimentação na câmara municipal, que vai desde procura por terrenos para construção de moradias, algumas petições para aberturas comércio e edificações de olarias, que obrigou o coletivo a estudar e criar leis municipais urbanas. O desenvolvimento também se expandiu até zonas de periferia, que oportunizou uma melhor qualidade de vida para as populações que nesses locais viviam. Com o crescimento da mão-de-obra assalariada, houve uma melhora no poder aquisitivo das minorias, fato este associado a uma maior oferta de emprego, permitindo a essas pessoas construírem casas pequenas, porém melhores, com mais cômodos para abrigar as famílias, além de implantações de pequenos comércios, muitos por integrantes da própria comunidade, o que facilitava a busca de produtos de necessidade, já que antes, era preciso ir até o centro da cidade onde estavam localizadas as lojas.

Com o ambiente de paz que se estabeleceu na metade do século 19, cresceu o comércio e os negócios para os criadores de gado passavam por um bom momento. A cidade vai se reconstruindo e experimentando um desenvolvimento expressivo que logo se refletiu no seu espaço urbano. O aumento de número de solicitações de terrenos dirigidos à Câmara Municipal e a natureza destes pedidos, eram um sintoma deste momento de progresso. (MARTINS, 2001, p.146)

Na metade do século XIX, houve o surgimento das vilas, porém sua infraestrutura era simples, suas ruas não possuíam nomes, que posteriormente receberam identificação devido ao aumento acelerado de urbanização.

A estrutura física da Vila era muito simples. Até este momento as ruas continuavam se sem identificação formal. Com o crescimento e a vontade de organização urbana, uma das primeiras atitudes tomadas foi oficializar a nomenclatura das suas ruas. Tratando-se de uma povoação muito nova e ainda vinculada ao mundo rural, a identificação utilizada pela primeira vez para suas ruas é ilustrativa e interessante, refletindo exatamente a dimensão e o caráter da Vila. (MARTINS, 2001, p.147)

Já em maio de 1856, a cidade contou com a presença de engenheiros militares, que forneceram um plano de benfeitorias nas estruturas urbanas da cidade que incluía obras no cais, Praça do Mercado, melhorias na cadeia, e um plano de calçamento nas ruas. O que se percebe é que as melhorias foram destinadas primeiramente a parte central, porém houve a necessidade de atenção nas zonas de periferia que também estavam crescendo em um ritmo acelerado devido ao progresso, que ocasionou diversas mudanças nessas famílias.

Nos primeiros tempos da retomada da gestão da cidade, tudo estava por fazer. Foi um período de intensas reuniões e muito trabalho por parte dos vereadores, para atender as solicitações da população e encaminhar projetos na tentativa de sensibilizar o Governo Provincial para a liberação de recursos necessários a estas obras. As mínimas necessidades da povoação não eram atendidas satisfatoriamente, das quais o abastecimento de água era o próprio exemplo. (MARTINS, 2001, p. 148)

Jaguarão não é composta somente pela parte central e seus arredores. Com a expansão da cidade, surgiram o Bairro Kennedy²⁷, Bairro Vencato, Cerro da Pólvora²⁸, entre outros. O Bairro Vencato surgiu a partir do loteamento da Chácara do Galo que no princípio de elevação a bairro, não possuía qualquer infraestrutura o que levou a pedidos de melhorias do local- que dependia da boa vontade do governo municipal- pela população que ali morava. O local, diferentemente de outros bairros, não possuía indícios de ocupação, e seus moradores eram pessoas de classe pobre, negros e alguns estrangeiros, que escolheram a Vencato como local de moradia por ser próxima ao centro da cidade.

O Cerro da Pólvora²⁹ foi outro bairro que teve seu início com a ocupação de negros, pobres e população marginalizada. O local era rico em basalto e o perigo das técnicas de

²⁷ Local para onde foram realocados os moradores do Cerro da Pólvora, durante o período de extração de minério.

²⁸ Nome oficial, ou como é conhecido pela população jaguareense, Cerro da Enfermaria, em virtude da Enfermaria Militar ali localizar-se. Encontra-se no local mais alto da cidade de Jaguarão.

²⁹ Bairro de periferia que fica em um dos pontos mais altos da cidade de Jaguarão.

extração para os que ali viviam não foi o suficiente para que a população saísse por livre e espontânea vontade, já que eram pessoas sem poder aquisitivo algum, e precisou que governo municipal intervisse para que essas pessoas fossem deslocadas para um local próximo, que hoje é o Bairro Kennedy.

Com o decorrer da pesquisa e busca de referências que incluíam história de bairros, me deparei com o livro “Da Vila Dique ao Porto Novo” da pesquisadora Carmem Zeli de Vargas Gil³⁰ que retrata o caso recente e semelhante ocorrido na cidade de Porto Alegre, onde a população que era formada por forasteiros, pequenos agricultores, a maioria provinda de cidades do interior e que buscava um sustento na cidade grande, vivia ao redor do aeroporto Salgado Filho, foi removida para outra localidade, denominada Porto Novo, muitos a contragosto, para que pudessem ser feitas alterações naquela região, assim como em outros locais, para receber a Copa do Mundo de 2014. Essa população era tratada como uma “pedra no caminho”, e o governo à sua maneira, expulsou a comunidade que ali já possuía raízes.

Durante a remoção, os moradores deixam seus pertences, seus animais e suas lembranças. Nesse novo espaço que lhes foi designado, com portas e janelas simétricas de casas todas iguais, (o espaço) a área destinada a esses moradores não contempla as suas especificidades, modificando e reconfigurando, não só as suas relações de trabalho, mas as redes de sociabilidades no novo lugar. Em meados de 2010, o que ouvíamos falar nos meios de comunicação sobre a Copa do Mundo no Brasil em 2014 referia-se à impossibilidade de realização do evento, devido ao atraso no qual se encontravam as obras e as tratativas para tal. Nos corredores acadêmicos, muitos de nós negligenciávamos a situação. O que não sabíamos, era que, para muitas pessoas, a possibilidade da Copa do Mundo a ser realizada no Brasil, poderia representar uma nova moradia em outro bairro da cidade, em uma residência de 38m². A princípio, o que ficava manifesto era a aceleração que o evento Copa do Mundo conferia ao processo “transitório permanente” dos moradores da Vila Dique em Porto Alegre. No decurso do ano de 2012, em que apresentamos algumas reflexões do projeto em eventos de divulgação nacional, na área da Saúde, História e Ciências Sociais, foi possível conhecer estudos semelhantes que anunciam não ser a Vila Dique uma exceção. Remoções acontecem em todo o território brasileiro com roupagem de modernização. (VARGAS, 2017 p. 19)

Martins (2001) ainda acrescenta que no período de 1875, a Câmara Municipal alterou as configurações dos prédios a serem construídos a partir daquele ano, características que deveriam ser formadas conforme às edificações de cidades grandes e capitais, e assim as casas foram ganhando uma nova aparência, assim como a pavimentação das ruas que proporcionavam valorização àquelas localidades. Hoje ao caminhar pela cidade, é perceptível que o investimento em infraestrutura e melhorias só são destinadas à parte central de

³⁰ DE VARGAS GIL, Carmem Zeli. *Da Vila Dique ao Porto Novo: Extensão Popular, rodas de memórias e remoções urbanas*. 2017.88f. UFRGS, Porto Alegre, 2017.

Jaguarão. Ao nos afastarmos do centro histórico da cidade, a aparência muda drasticamente, ao nos depararmos com ruas esburacadas, sem iluminação e mal sinalizadas e praças sem manutenção e poda freqüente de árvores.

Efetivamente, isto na prática significava impor, através da legislação, uma linguagem estética para as construções da cidade, ou seja, uma forma de construir que se aproximasse dos princípios estéticos utilizados naquele momento nas grandes cidades da região (Pelotas, Porto Alegre, Montevideu e Buenos Aires). Considerando-se que nas cidades de pequeno porte, como o caso de Jaguarão, suas construções tinham um peso muito importante na estruturação do espaço urbano, dar-lhes uma determinada formatação, significava dar um estilo à cidade. (MARTINS, 2001, p. 155)

Como cita Martins (2001), com a Proclamação da República em 1889, posteriormente, a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, passou a denominar-se Rio Grande do Sul, e com isso várias mudanças ocorreram.

Com a Proclamação da República em 1889, a província de São Pedro do Rio Grande do Sul passa a chamar-se Estado do Rio Grande do Sul. Ao nível das cidades, é criado o Conselho Municipal e os cargos de Intendente e Vice-Intendente, alterando-se desta forma aquela antiga situação da administração da cidade ser realizada diretamente pela Câmara de Vereadores, que acumulava as funções legislativa e executiva. (MARTINS, 2001, p. 160)

No princípio do século XX, Jaguarão passou por um grande crescimento econômico, perceptível ao passar pelas fachadas imponentes e grandes construções preservadas, que complementam o acervo das principais ruas centrais. A cidade contou com a presença de vários construtores de cidades vizinhas e até mesmo de outros continentes, os quais foram contratados para retratar com elegância as enormes fachadas, portas ornamentadas, estátuas e vasos.

Artista de talento reconhecido, estes construtores possuíam uma seleta clientela e suas obras serviam de modelo para aqueles que construía edifícios mais populares, mas que representavam o grosso das edificações da cidade, apropriando-se de elementos construtivos, dos abastados casarões. Eram as casas da classe média, sempre com perspectivas de ascensão social. Tentar repetir, mesmo de maneira reduzida, modelos construtivos da classe dominante, poderia ser uma das formas de se identificar com aqueles que representavam o poder, o progresso, enfim uma modernidade distinta daquele mundo colonial atrasado que os cercava. (MARTINS, 2001, p. 237)

Onde ao mesmo tempo as residências menores que possuíam pequenas portas e janelas eram associadas à pobreza, o que diferenciava, de modo gritante, as classes sociais daquele período.

O setor mais pobre da cidade, aquele correspondente às famílias mais próximas da miséria, ainda que em escala reduzida naquele momento, também estava representado no espaço urbano. Somente ao se aproximar a metade do século 19 é que começará a crescer a área destas ocupações, caracterizadas pelas “sub-habitações” e em terrenos carente de qualquer infra-estrutura urbana. (MARTINS, 2001, p. 238)

Como pode-se perceber, as zonas de periferia sempre sofreram com descaso dos órgãos competentes, pois nos relatos estão presentes desagradáveis situações em que a minorias estão sujeitas. Viver em locais em que não são a prioridade das prefeituras é uma realidade para essas pessoas. Os bairros de periferia de Jaguarão, conforme relatos possuem os mesmos problemas de infraestrutura, o que acabou infelizmente tornando-se uma das características que define estes locais. Dando seguimento a este trabalho, a seguir abordarei brevemente a história do bairro Vencato.

1.2. As memórias dos habitantes do bairro Vencato como fonte de estudo

Neste momento trarei algumas informações sobre o bairro Vencato, quando o terreno ainda fazia parte da zona rural, no período de elevação da cidade de Jaguarão. Ressalto aqui a existência dos Trabalhos de Conclusão de Curso e Dissertação de Mestrado de Fladiane Nunes Teixeira, voltados para a história do bairro, onde o seu TCC está centrado no processo de loteamento e formação do bairro e sua Dissertação voltada para a infância em um local de periferia considerado violento, utilizando de fontes físicas e documentos, além de relatos de história oral. Minha pesquisa também é sobre o bairro Vencato, porém está voltada para memórias antigas, algumas que relatam fatos ainda desconhecidos não compartilhadas com as novas gerações. Pensar como isso interfere no cotidiano dos moradores e na formação dos jovens da região é uma de minhas pretensões, e para isso utilizei como fonte principal a história oral, já que não tive acesso no período de pesquisa às instituições que possuíam documentos físicos.

O Bairro Vencato surgiu a partir da venda de lotes das terras da “Chácara do Galo”, de propriedade do Senhor Frederico Vencato, conforme Diário de Eduardo de Salterain y

Herrera³¹, transcrito no Livro “Olhares sobre Jaguarão”, que em meados dos anos 1950, o local era propriedade do Sr. Manoel Amaro.

Seguidamente via Latorre e recorda particularmente que, aos sábados à noite, envolto numa capa espanhola e portando um chapéu de aba larga, ia a cavalo até a Chácara do Galo, de propriedade do Sr. Manoel Amaro (N.O.:pai do Dr. Manoel Amaro Junior) (SOARES; FRANCO, 2010, pag. 51)

Poucas informações foram obtidas, mas aparentemente, a localidade aparece em um inventário, como um local no “subúrbio”, conforme consta em um inventário localizado no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

“[...]Foi possível localizar apenas o inventário de seu pai, General Manoel Amaro Barbosa, casado em segundas núpcias com Felisbina Neréa Macedo de Amaro, que possuía seis filhos do primeiro casamento. Ao que foi possível observar, a viúva meeira não herdou nada, sendo o valor total dos bens, correspondente a 11 contos e 700 mil réis, dividido igualmente entre os filhos, resultando em 6 parcelas de 1 conto e 950 mil réis. Entre os seus bens, constavam apenas dois itens: parte de uma chácara nos subúrbios da cidade, que correspondia ao valor de 10 contos e 500 mil réis, e um carro de quatro rodas, avaliado em 1 conto e 200 mil réis”³²

O que não se sabe até o presente momento devido falta de documentos, se após a escrita do inventário, para quem o terreno foi vendido, mas através de relatos de entrevistados, descobriu-se que o local pertencia ao Sr. Atanagildo Feijó e este vendeu para a família Vencato, o que veremos mais adiante nas narrativas coletadas.

Diferentemente de outros bairros, como cita Alzemiro Rosa (2015)³³ em seu trabalho dedicado ao Cerro da Pólvora, outro bairro da cidade de Jaguarão, em que a trajetória deu-se com a ocupação de populares, maior parte população negra, indivíduos sem poder aquisitivo ou excluídos socialmente, que não possuíam outra oportunidade de sobrevivência, a não ser trabalhar na extração das pedras de basalto.

[...]Podemos perceber que entre as décadas de 1960 e 1970, o bairro supracitado, conhecido também como Cerro da Enfermaria, possuía diques de basalto, os quais serviam como uma das principais formas de arrecadação de renda dos moradores. Nas pedreiras, trabalhavam homens, mulheres e até mesmo crianças, que quebravam basalto a fim de suprir as necessidades básicas pessoais e das famílias as quais faziam parte. Através da História

³¹ Novelistas, historiador e biógrafo. No ano de 1950, entrevistou alguns moradores enquanto escrevia a biografia do Coronel Lorenzo Latorre. (SOARES; FRANCO, 2010, p. 50)

³² APERS – *inventário de Manoel Amaro Barbosa*. Autos n. 944 Maço n. 36. Estante n. 14. Cartório de Orphãos e Ausentes, Jaguarão, 1899.

³³ ROSA, Alzemiro Gonçalves. *A voz popular: O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História-Licenciatura na Universidade Federal do Pampa. Jaguarão, 2015.

Oral, pudemos perceber como o trabalho exaustivo nas pedreiras não era suficiente para sanar os gastos com alimentação e outras necessidades iminentes da comunidade. Os relatos demonstram que algumas famílias viviam em extremo grau de miséria/pobreza. (ROSA, 2015, p. 21)

A zona considerada perigosa com intervenção da prefeitura teve seus ocupantes removidos para outra localidade, e assumiu a atividade mineradora posteriormente. O que para alguns moradores foi um presente, morar em uma casa nova, para outros foi tristeza e saudade, já que a maioria estava a bastante tempo no local e estava acostumada com a rotina da comunidade. Durante a pesquisa para este trabalho e em busca de outras fontes e referências bibliográficas, deparei-me com o livro sobre a história recente da Vila Dique, local na cidade de Porto Alegre, próximo do Aeroporto Salgado Filho, onde estavam assentadas diversas famílias vindas de outros locais, maior parte da comunidade vinda do interior do estado, em busca de uma vida melhor, porém tornaram-se um empecilho naquela região quando surgiu o tema de expansão e melhorias da cidade em prol do recebimento da Copa do Mundo³⁴ de 2014.

A tensão entre o ficar e o sair tem acompanhado os moradores que se constituíram vivendo o transitório e almejando o permanente. Se as vivências e os múltiplos pertencimentos estruturam nossas vidas cabe pensarmos que condições as famílias da Vila Dique, que vivem o processo de remoção e reassentamento, vão reconstruir pertencimentos e afetos em um novo lugar? Com que redes de apoio poderão contar? Teriam a educação e a saúde como contribuir? Quando se desenham grandes transformações na vida das pessoas, como é o caso de um deslocamento coletivo, há que se pensar também nos pertencimentos que são reconfigurados: relações de vizinhança são desfeitas, animais e objetos são descartados e grandes famílias divididas. Sabe-se que os primeiros cadastros feitos para a remoção são antigos e famílias mudaram de configuração, casamentos geraram novos núcleos, muitas vezes não incluídos no “direito” a um espaço no reassentamento. Outro território e outra vila nascem sem as características da ocupação inicial, mas com a supervisão de um Estado que, agora, fala sobre humanização, cidadania e progresso. (VARGAS, p. 27-28)

Embora os governos possuam “boas intenções” em realocar comunidades de locais inapropriados para outros com melhor infraestrutura, oferecendo moradias e condições melhores em outros espaços físicos, estas acabam deixando pra trás suas lembranças e memórias, porém a discriminação social acompanha essas pessoas, pois estão saindo da periferia para a periferia. Para esta comunidade a percepção pode ser melhor, vivendo em uma nova localidade, com mais benefícios, porém o olhar da parte central continuará sendo o mesmo, pois continua sendo periferia. Essa situação não é exclusiva de este ou aquele lugar,

³⁴ Competição internacional de futebol que ocorre a cada quatro anos, com exceção de 1942 e 1946, não sendo realizada devido à Segunda Guerra Mundial. Em 2020 também não ocorreu devido à pandemia do (COVID-19)

conforme pesquisa do LabCidade – Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade – Laboratório de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, é uma situação que ocorre em um grande número de zonas pobres desde os anos 70.³⁵

A venda legalizada de lotes não impediu a falta de infraestrutura nos primórdios de elevação do bairro Vencato, causando um grande descontentamento da população. Com o desenvolvimento da cidade, as famílias mais abastadas já residiam nas áreas mais centrais e as populações de baixo poder aquisitivo, negros ou aqueles considerados “marginais” dirigiam-se aos bairros mais afastados, o que aumentou o contraste entre as duas realidades sociais da cidade. Com isso houve uma expansão das zonas de periferia, já a maior parte da população não possuía bom poder aquisitivo. Em “Olhares sobre Jaguarão”, no Diário de Carl Seidler³⁶, este descreve a cidade como mal construída, ruas mal-“acabadas” e sem limpeza, principalmente nas partes afastadas do centro e dando ênfase à beleza e cuidado da parte central “Serrito é mal construída, suas ruas são tortas e estreitas, as casas são baixas, e em parte cobertas de macega, e só apresenta uma única praça pública bonita”³⁷ o que nos permite refletir que o descaso sempre fez parte do cotidiano dessas comunidades, e que o governo pouco ou nada faz para mudar essa realidade, e tampouco se importa com as inúmeras situações em que estas pessoas estão sujeitas.

Com a assinatura da Lei Áurea, foi permitido aos escravizados a sua liberdade, porém esse novo passo não permitia um recomeço de vida digno às famílias negras, o que obrigou esses indivíduos voltarem a trabalhar para seus “donos”, e os que negavam-se a voltar à antiga rotina, acabaram na miséria das ruas, como mendigos e taxados como “vagabundos” como também é relatado nas crônicas de Carl Seidler: “Observa, Thomas. Se tu encontrares uma pessoa trabalhando, podes ter certeza de que é estrangeira.” “Donde se deduz que nossos cidadãos, para matar o tempo, se debruçam nas janelas escancaradas ou passeiam pelas ruas”³⁸.

³⁵ Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/depois-que-o-barro-acaba-novas-centralidades-em-periferias-autourbanizadas/> Acessado em 10 de janeiro de 2022, às 14:00.

³⁶ Em 1826, com posto de alferes, integrou o 27º Batalhão de caçadores. De Porto Alegre deslocou-se para o sul da província, passando 3 dias em Pelotas e após 3 dias chegou a Jaguarão por via fluvial, permanecendo por quase 3 meses. (FRANCO e SOARES 2010, p. 19)

³⁷ SOARES, Eduardo S.; FRANCO, Sérgio F. *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p.21

³⁸ SOARES, Eduardo S.; FRANCO, Sérgio F. *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. 73

Com as narrativas colhidas pela pesquisadora Fladiane Nunes Teixeira (2015, 2019), ambas para a seu Trabalho de Conclusão³⁹ e Curso e Dissertação de Mestrado⁴⁰, percebe-se que os moradores sempre clamavam por melhorias para a localidade, já que nos primórdios, saneamento básico quando havia era precário, a iluminação e manutenção das ruas não eram realizadas regularmente, e que poucos governantes mostraram-se dispostos a atender as demandas do bairro. Com a expansão do local e o transcorrer da pesquisa, a pesquisadora percebeu que conforme o bairro se aproxima do centro, o aspecto muda drasticamente, onde este recebe mais investimento e cuidado.

O centro da cidade é composto de prédios e casas imponentes, com portas trabalhadas com arabescos, estátuas que representam o progresso de gerações que por ali passaram e de seus descendentes que ali ocupam, e que vem se perpetuando com o passar do tempo.

Teixeira descreve as casas dos moradores como pequenas e simples e percebeu que uma grande preocupação da população do bairro com o descaso, que passa também por dificuldades financeiras. A locomoção em ruas de chão batido e esburacados, onde dias de chuva tornam-se imensos lagos, e com sua proximidade do rio, torna-se propenso às enchentes, tornando impossível o trânsito das pessoas. Fato este, também é citado no diário de Michael George Mulhall⁴¹, “Além disso, uma ou duas vezes por ano, as enchentes do rio Jaguarão ameaçam destruir a parte mais baixa da cidade” (SOARES; FRANCO, 2010, p.39)

Com o passar dos anos, aos poucos foram instaladas a creche, a escola, o centro comunitário, o posto de saúde e a quadra de esportes. O bairro conta com uma praça localizada na parte central, que em períodos muito alternados recebe manutenção como poda das árvores e plantas e brinquedos para as crianças da localidade. Por volta da década de 90, na praça da Vencato, assim como nas praças dos demais bairros da cidade, foram implantadas lixeiras recicláveis, para que a população pudesse selecionar os variados tipos de lixo. Periodicamente um caminhão especializado passava pelo bairro e coletava os recicláveis, que diminuía também a quantidade de lixo que permanecia nas calçadas. Já que não havia lixeiras como na parte central da cidade, o caminhão de coleta de lixo normal passava a cada três ou quatro dias durante a semana. Alguns meses após a implantação, a lixeira de artigos

³⁹ TEIXEIRA, Fladiane Nunes. *O Vencato a partir da memória de seus moradores: Do loteamento à construção do bairro*. Jaguarão: Universidade federal do Pampa, 2015. (Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em História)

⁴⁰ TEIXEIRA, Fladiane Nunes. *Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão/RS*. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

⁴¹ Irlandês, chegado na América do Sul em 1860, residiu em Buenos Aires e virou jornalista. Entre 1871 e 1872, veio para o Rio Grande do Sul acompanhado da esposa dando bastante atenção as colônias germânicas, e posteriormente visitou as cidades de Pelotas e Jaguarão, e por fim adentrou no território uruguaio.

recicláveis foi depredada e queimada durante uma noite conforme a narrativa de um dos moradores do bairro. (TEIXEIRA, 2019, p.54)

O investimento em infraestrutura no bairro como a instalação de um posto de saúde e uma escola, trouxe otimismo e perspectiva de melhorias do bairro para a população, já que estes não precisavam percorrer grandes distâncias para realizar uma consulta médica ou um exame, e o trajeto feito dia-a-dia para acompanhar os filhos à uma escola distante, foi substituída pela confiança de um ensino de qualidade e acesso a cuidados médicos bem perto de casa. Porém isso não se torna suficiente enquanto ao mesmo tempo, a comunidade sofre com a discriminação social associada à baixa rentabilidade e estereotipada por viver na periferia.

É notável a indiferença sentida pelas populações dos bairros, exclusivamente do bairro Vencato, já que esta encontra-se em zona afastada da parte central da cidade de Jaguarão, e por muito tempo foi estereotipada como local de marginais, devido as brigas, batidas da polícia em busca de entorpecentes e afins, baixa infraestrutura já que há moradias que cercam as margens do rio, e que sofrem com enchentes em períodos de grandes chuvas, o que leva à remoção desses moradores para outros locais, até que a situação normalize.

A situação dos alagamentos também é relatada no diário de Gastão de Orléans, Conde D'eu⁴², como consta na publicação “Olhares sobre Jaguarão”.

Partimos, pois, às 6 horas, muito animados. Mas a chuva torrencial, que caíra durante as últimas oito ou dez horas, bastara para fazer transbordar todos os afluentes do Jaguarão e para formar entre ele vastos banhados. Em suma, íamos constantemente por terreno inundado, muitas vezes chegava água aos peitos dos cavalos. Mais de uma vez meu carrinho foi inundado, mas consegui não molhar-me. (SOARES; FRANCO, 2010, p. 33)

A presença de casas de umbanda e cabarés era outro fator que aumentava ainda mais o distanciamento social dos moradores do bairro com as demais pessoas da cidade. Outra narrativa, agora de um conterrâneo, o Sr. Pedro Bartholomeu Ribeiro⁴³ em “Olhares sobre Jaguarão” menciona a presença de diversos cabarés espalhados na cidade, em especial encontrava-se um na “baixada”, como era conhecido o local que hoje é a Vencato.

⁴² Neto do rei francês Luís Felipe, da casa de Orléans, casou-se com a princesa Isabel, em outubro de 1864. Após o consórcio, veio para o Rio Grande do Sul, acompanhado do Imperador Dom Pedro II, com o propósito de impedir a invasão paraguaia. Seu relato corresponde aos dias 21 a 24 de outubro de 1865, e este encontrava-se doente naquele momento. (SOARES; FRANCO 2010, p. 33)

⁴³ Nascido em 24 de agosto de 1936, técnico em contabilidade, professor secundarista e membro fundador da Câmara Júnior de Jaguarão. Colaborou em torno de quarenta anos na imprensa local escrevendo crônicas sobre a rotina da Jaguarão e de seus moradores. (SOARES; FRANCO, 2010, p. 248)

Foi uma época de muito dinheiro e orgia. Os embarcadouros, quando chegavam, “não tinham china pobre”. Nessa época houve o auge da nossa vida noturna. Existiam muitos cabarés, *dancings* e até cassinos. Na praia tinha o famoso PEIXE EM PÉ; perto da ponte. *O NIGHT CLUB*, que nos domingos funcionava à tarde, também; perto do hospital, A BAIANA: no fim da rua 15, DANCING DO CAMPELO; início da rua Augusto Leivas, o MANDAGARÁ; na baixada, o PEDRO BIJUGA e na rua do Cordão, o IDALÉCIO. (SOARES; FRANCO 2010, p. 249)

Todas essas características acarretavam e ainda acarretam em uma super desvalorização das moradias do local e a falta de clareza de que este tipo de situação não ocorre somente no bairro Vencato, mas em todos os bairros periféricos, perpetua essa imagem marginalizada de quem ali vive, pois também encontram-se pessoas trabalhadoras que buscam uma vida tranqüila e que por um motivo ou outro escolheu o local como moradia.

Percebe-se com as entrevistas realizadas, que todas as pessoas possuíam outra perspectiva de vida, esperando viver em um local, o qual não se sentisse excluídos socialmente, já que morar no centro era para poucos, e das zonas de periferia, o bairro Vencato, era o mais próximo da zona central.

Pelos relatos é notável a sensação de vitória quando estes comentam que o bairro recebeu melhorias em sua infraestrutura. Hoje, parte destes que tecem essas narrativas não estão mais entre nós. O que nos intriga é que as memórias dos integrantes que ainda restam, a grande parte são de lutas e reivindicações, e as glórias, estas são minúsculas ou inexistentes, e os novos moradores que hoje vivem lá o pouco que sabem sobre o local são histórias que rebaixam a imagem do bairro, dando a impressão de uma região sem probabilidade de melhorias, enquanto as partes mais abastadas da cidade presenciam e desfrutam do progresso.

Ainda pouco se sabe sobre o Bairro Vencato, já que a população entrevistada, parece não perceber-se como sujeito das próprias narrativas, e contam as histórias como se fossem um conto qualquer, e nós da área de História, compreendemos o quão ricas são essas memórias, já que todos esses trechos relatados são fundamentais para a história da cidade e principalmente para as pessoas que nesses locais vivem. O que difere este trabalho das demais histórias, é que estes sujeitos citados na pesquisa, não encontram-se nos livros e nem nos quadros dos museus, porém, estes são mais acessíveis e encontram-se à nossa volta, e nos proporcionam histórias de vida, cotidiano e luta, qual jamais imaginaríamos se somente nos rendêssemos aos livros.

2. SE NÃO TEM DOCUMENTO NÃO TEM HISTÓRIA: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL NA RECUPERAÇÃO DE OUTRAS MEMÓRIAS SOBRE O BAIRRO VENCATO

No presente capítulo trarei conceitos sobre a metodologia utilizada para esse trabalho, a minha experiência como entrevistadora e reflexão sobre temas que aparecem durante os relatos. Minha principal intenção neste trabalho foi ir atrás de novas histórias do bairro Vencato, contadas por outras pessoas que ainda não foram entrevistadas, analisá-las e agregá-las na história já conhecida, tentando compensar à comunidade, seu espaço e memórias⁴⁴. O bairro possui uma história um pouco distinta dos demais bairros de periferia da cidade, pois surgiu a partir do loteamento particular de uma chácara, com propósito de criação de um bairro que aos poucos foi tomando forma e ganhando espaço. Com pesquisas realizadas anteriormente sobre o bairro e as realizadas agora, e com o pouco acesso a documentos que tive, não foram encontrados indícios ou fontes que indiquem remoção de famílias do local quando houve o projeto de construção do bairro. Então assim pode-se dizer que o bairro surgiu com o propósito de povoamento da região.

Utilizei o método de história oral, a partir de entrevistas realizadas com alguns conhecidos de minha família e outros por indicação dos próprios entrevistados, tentando assim coletar o máximo de informações sobre o passado do bairro. A partir dessa prática, tive acesso a diversas narrativas oriundas de memórias que com o passar do tempo vão se apagando ou se reconstruindo por diversos fatores, já que não estão registradas em nenhum espaço, ou por vezes são eliminadas, já que em um período distante do passado a preservação de documentos não era uma prática adotada por todos. A boa vontade dos entrevistados foi um fator crucial para que as conversas fluíssem. Apesar de nem todos os diálogos terem sido concluídos, não por vontade minha, mas por intervenções que ocorreram devido a ação de terceiros, foi possível captar informações importantes, desde o período em que ainda não era loteado, as pessoas que viviam cerca da localidade naquela época, acontecimentos da vida privada de algumas famílias, aspectos estruturais da chácara, mata nativa, os poucos recursos que a vida campesina oferecia.

Nos encontros que foram concretizados, percebi que as experiências conforme eram revividas deixavam transparecer nos rostos o sentimento de entusiasmo ou a falta deste conforme eram narrados. Com a análise, seleção e reunião de todos os relatos importantes é

⁴⁴ Entrevistados pela primeira vez: Sr. Adão Pimentel, Sr. Carlos Darcy Vencato, Sr. Jorge Nilton Tormes Echevengú e Sr. Juarez Justino Albanáz.

possível vislumbrar parte do passado do bairro, do cotidiano dos narradores, e a transformação do campo em zona urbana.

2.1 Em busca de relatos desconhecidos: integrando novas histórias do bairro Vencato

Para esta pesquisa, fui em busca de outros moradores do bairro e também alguns que hoje se encontram em outros locais, para que estes pudessem acrescentar outras informações importantes, já que possuem um histórico de participação importante no passado e presente. Escolhi esta metodologia dentre outras opções⁴⁵, devido à inexistência de documentos⁴⁵, estes que foram descartados com o tempo pós o falecimento do Sr. Frederico Vencato. Segundo afirmação do Sr. Carlos Darcy, outros integrantes da família possuem alguns documentos guardados, porém, nenhum se mostrou disposto a conceder uma entrevista e mostrar os arquivos.

Essa acumulação resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo. Muitas vezes, principalmente no caso de arquivos privados de pessoas públicas, essa seleção também é feita por auxiliares e, após a morte do titular do arquivo, por familiares e amigos.⁴⁶

Com os relatos coletados para esta pesquisa, além de confeccionar este trabalho busco também resgatar memórias e experiências que até então desconhecemos, e com estas entrevistas contribuir com outras histórias que os moradores do bairro se sintam representados. Através da história oral além de descobrir novos fatos, pude perceber enquanto estes narravam, os sentimentos que essas memórias boas ou ruins causavam, como o semblante de perturbação, tristeza ou felicidade que estampavam seus rostos durante os relatos.

Os saberes comunitários presentes nos bairros, nas populações menos abastadas ou em outros grupos sociais são constantemente desconsiderados tanto pela academia quanto pelas escolas, que preferem utilizar o conhecimento legitimado pela racionalidade científica. São recentes no Brasil as políticas públicas voltadas para a

⁴⁵De uma maneira geral, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos de sua vida, suas relações pessoais ou profissionais, seus interesses. São cartas, fotografias, documentos de trabalho, registros de viagens, diários, diplomas, comprovantes e recibos, ou simplesmente "papéis velhos". Esses documentos, quando tomados em conjunto, podem revelar não apenas a trajetória de vida, mas também gostos, hábitos e valores de quem os guardou, constituindo o seu arquivo pessoal. O que são arquivos pessoais. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em 21 de dezembro de 2021, às 11:15.

⁴⁶ Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em 21 de dezembro de 2021, às 13:36.

valorização do patrimônio (material e imaterial) vinculado a grupos sociais menos favorecidos e excluídos. (PEREIRA, PIRES. 2014 p. 128)⁴⁷

Outra pretensão é criar um material didático com os relatos recolhidos e que este possa ser utilizado, não com um livro, mas como uma lembrança em que os jovens ao acessá-lo se reconheçam naquela história e compreendam que o seu bairro é um local de memória que deve ser cultivado e preservado. Outros dois trabalhos sobre o bairro foram anteriormente realizados por Teixeira (2015, 2019) que deram início à busca de memórias do bairro, e este presente trabalho além de trazer novas narrativas, deixa um espaço para que futuros pesquisadores continuem na busca de outras memórias e assim, complementar o conjunto de memórias que vêm sendo construído.

Como expus anteriormente, utilizei a História oral como procedimento, já que há a ausência de fontes materiais, o que dificulta a pesquisa, porém não a torna impossível, e por esse motivo nós como pesquisadores devemos buscar outras maneiras de encontrá-las. Outro empecilho, que não deixo de citar, é a pandemia do COVID-19⁴⁸, que desde o princípio de 2020 assola o mundo inteiro, fazendo com que os governos tomem medidas restritivas de acesso à maioria dos departamentos públicos e particulares, que para nós, pesquisadores, são primordiais. A privação da sociabilidade entre pessoas também foi um fator determinante nessa pesquisa, já que algumas pessoas das quais seus relatos seriam importantes para meu trabalho, com medo do contágio, negaram o encontro.

Encontrei-me com pessoas que estiveram dispostas a me receber em suas casas, como também fui recebida no Centro Comunitário do bairro Vencato e na escola Dr. Fernando Corrêa Ribas. Os entrevistados escolhidos são pessoas comuns, aposentados, trabalhadores informais e trabalhadores da área da educação, assim como Antônio Roberto Xavier (2020) fala em seu artigo:

Deste modo, a utilização da história oral tem sido, a partir da década de 1970, em geral, e de 1990, no Brasil, especificamente, um desses caminhos, ora alternativo, ora indispensável às produções científicas, principalmente no campo das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas. Como também uma forma de viabilizar a história dos desvalidos e excluídos.⁴⁹

⁴⁷Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276343673_Construindo_a_Historia_dos_Bairros_Um_Dialogo_Entre_Memoria_e_Educacao>. Acesso em 21 de dezembro de 2021, às 15:02.

⁴⁸ Coronavírus é uma família de vírus que causa infecções respiratórias.). Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/covid19/covid-19/Acesso>> em 21 de dezembro de 2021, às 17:00.

⁴⁹ XAVIER, Antônio Roberto et al. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. p.3. Disponível em <<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>> Acesso em 21 de dezembro de 2021, às 16:07.

A citação que acabo de apresentar acima, reforça a necessidade de apresentar essa história que não é contada. Nas entrevistas as quais realizei, uma em específica, com a vice-diretora da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, que atende todas as crianças e jovens do bairro Vencato e sua comunidade entorno, esta comenta sobre a necessidade do acesso a uma história daquele local, o que me leva a pensar que provavelmente os alunos não se enxergam como sujeitos ativos da história da qual vivem, como aqueles indivíduos que fazem parte dos livros dos quais eles têm acesso nas aulas. Quando o grupo docente tem intenção de realizar algum trabalho sobre o bairro, tem que recorrer à internet, e quando encontram algum material sobre este, na maior parte são repetidas. A docente também reclama da falta de incentivo de promover a história das periferias, que poderia ser realizado neste momento, porém precisaria de mais tempo e pesquisas mais aprofundadas sobre o tema. Por hora, este trabalho tem o propósito de resgatar algumas memórias antigas do bairro, que durante o percurso nos deparamos com a falta de documentação, muitos dos relatos ouvidos possuem informações que por vezes divergem entre si, devido às diferentes experiências vividas, nos levando a crer um acontecimento possui mais de uma versão, e todos eles sendo verídicos.

Com a prática da História Oral, reitero que fiquei receosa, já que não sabia o que esperar, pois foi a primeira vez que me vi no papel de entrevistadora e com relatos coletados. Embora, muitas vezes durante o percurso o tema tenha se desviado para outros assuntos, busquei manter o foco e deixar o entrevistado relatar suas memórias, assim como Antônio Torres Montenegro (1992) comenta em seu artigo:

A relação entre o entrevistador e o entrevistado é outro aspecto constitutivo da produção de um depoimento. A postura de um entrevistador deve ser de um parceiro que não conhece a pressa e a impaciência e está disponível a ouvir as histórias do entrevistado com o mesmo cuidado, atenção e respeito, tenham estas significado ou não para a pesquisa em tela.⁵⁰

Uma das entrevistas em que realizei foi com Sr. Adão Pimentel, hoje aposentado, que trouxe várias memórias particulares de um tempo em que o bairro ainda não era edificado. Quando o questionei sobre a história do bairro fui surpreendida com vários relatos, portanto que “a memória possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, determinados momentos, determinados acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e ou coletiva.” (MONTENEGRO, 1992, p.56)

⁵⁰ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral, caminhos e descaminhos*. São Paulo: ed. Contexto, 1992, p. 57.

Com o decorrer da entrevista, percebi a empolgação do entrevistado com fatos que por ora desviavam do foco da minha pesquisa, mas busquei ser paciente e boa ouvinte, deixei discorrer a fala, já que para o Sr. Adão, todos os fatos fazem parte de um todo, fazem parte da sua história de vida.

A entrevista realizada na perspectiva da história de vida estabelece um campo de resgate da memória. São experiências, acontecimentos, momentos que constituem as fontes de significados a serem revisitados. Diferentes são as entrevistas que têm como foco determinados temas, nas quais a preocupação básica são opiniões, pontos de vista, análises do entrevistado. Esse tipo de entrevista se caracterizará por uma construção em que predomina a racionalidade ou mesmo o discurso racionalizado do entrevistado.⁵¹

Devido à sua condição atual (idade avançada), os relatos do Sr. Adão poderiam não ser levados tão à sério, o que nos meados dos anos 70 essa metodologia não era considerada legítima, já que “O principal argumento usado por esses críticos era que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador como do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado.” Como afirma Alistair Thomsom (1997). Por meio de seus relatos que posteriormente foram comparados com outras entrevistas, cheguei à conclusão que as informações obtidas possuíam fundamento. O que pode ser tratado como um empecilho para alguns pesquisadores, para outros a oralidade é considerada um gatilho para novas informações que até então não haviam sido reveladas:

Na tentativa de eliminar as tendências e fantasias, alguns profissionais descuidavam-se das razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias de modo específico e não conseguiam enxergar como o processo de afloramento de lembranças poderia ser a chave para ajudá-los a explorar os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e da memória coletiva. Não percebiam que as chamadas “distorções” da memória, embora talvez representassem um problema, eram também um recurso.⁵²

Com as entrevistas foi possível perceber que entre todas as pessoas com as quais conversei, em primeiro lugar mencionavam a história de uma localidade rural que pôs ser

⁵¹ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral, caminhos e descaminhos*. São Paulo: ed. Contexto, 1992, p. 56.

⁵² THOMSOM, Alistair. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. Proj. História, São Paulo, (15), abr.1997. p.52

loteada e outra parte doada aos menos favorecidos, deu vida ao bairro que é hoje, o que reforça a idéia da intencionalidade de progresso daquele local⁵³ Como afirma Sérgio Buarque de Holanda (1995). Estes entrevistados trouxeram outros aspectos que até então passavam despercebidos, e todos eles mencionaram as qualidades do bairro sem mesmo perceber, como solidariedade dos moradores com os mais necessitados, a atenção especial às crianças do bairro para que estas tenham uma infância e vida dignas, e também o cuidado do bairro com a conscientização da população mantendo-o organizado e zelando por este.

2.2 Da desatenção ao protagonismo: o papel da comunidade por melhorias do bairro Vencato

Para este trabalho assim como Teixeira (2015, 2019)⁵⁴ fui em busca de pessoas que estivessem dispostas a dar outras informações até então desconhecidas. Foram realizadas ao total seis entrevistas⁵⁵, que iniciaram em 18 de outubro até 14 de dezembro, todas em 2021. Foi criado um questionário com treze perguntas, porém nem todos entrevistados souberam responder as questões.⁵⁶ Posteriormente comparei as falas e notei que alguns relatos se destacaram em semelhança. A partir disso para melhor compreensão, não apresentarei aqui um resumo das entrevistas de forma cronológica, e sim conforme a temática que se destacaram. As entrevistas discorrerão com comparações em alguns aspectos nas entrevistas do Sr. Adão Pimentel⁵⁷ e Sr. Carlos Darcy Vencato⁵⁸, que com a sua proximidade de idade, vivenciaram o período de loteamento da chácara à formação do bairro que é hoje, e assim sendo possível, fazer uma reflexão com suas narrativas.

A primeira entrevista aqui apresentada é a do Sr. Adão Pimentel, aposentado, 75 anos, Ele relata que desde que era criança já existia a chácara, e que sua mãe trabalhou como

⁵³ Prática semelhante à doação de sesmarias. Esta consistia na doação de um lote de terra a um beneficiário para que cultivasse em terras rurais e também com intuito de povoação de um local. São Paulo: Ática, 1978. 7-HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

⁵⁴ Entrevistados por TEIXEIRA em 2015: Sr. Caraciollo, D. Paulina, Sr. Dionísio, D.Tati, Prof. Joana Sr. Quincas, D. Marli, D. Santa, José Adolfo Pereira, Sr. Bruno, D. Adélia, Sr. Orocildo, Prof. Túlia. Entrevistados por TEIXEIRA entre 2018-2019: “Zé da Vencato”, Joice, Beatriz, Bruna, Marilu, Cláudia, Juliana, Brenda, Antônia, Vanessa.

⁵⁵ Entrevistados para esse trabalho: Sr. Adão Pimentel, Sr. João José Martins Dutra “Zé da Vencato”, Maria Túlia Duarte de Mendes Arence, Jorge Nilton Tormes Echevengúá, Sr. Juarez Justino Albanaz “Catarina” e Carlos Darcy Vencato.

⁵⁶ Sr. Adão Pimentel, Sr. João José Martins Dutra “Zé da Vencato”, Maria Túlia Duarte de Mendes Arence, Jorge Nilton Tormes Echevengúá, Sr. Juarez Justino Albanaz “Catarina” e Carlos Darcy Vencato. Anexo com todas as entrevistas realizadas na p.65

⁵⁷ Sr. Adão Pimentel, entrevista realizada em 18 de outubro de 2021, às 14:00.

⁵⁸ Sr. Carlos Darcy Vencato, entrevista realizada em 14 de dezembro de 2021, às 18:00.

lavadeira para a família Feijó⁵⁹, por volta do ano de 1953 em que esta era proprietária do terreno.

[...]Eu vim conhecer a Chácara do Galo eu já tinha seis anos né, agora os donos primeiros não sei, a única coisa que sei dizer, que era do “Velho” Atanagildo Feijó⁶⁰ que era primo-irmão do meu pai, tudo castelhano, agora de quem comprou não sei, eu sei que ele vendeu pro Vencato. Mamãe lavava pra Luísa, que era mulher do Atanagildo, ela era lavadeira.

[...]E ali na frente aquilo tudo ali era de muro, hoje é arame, ali na frente da Chácara do Galo, na entrada. Era muro daquele tijolo bagual, um portão todo de ferro, e em cima do portão tinha um galo pedrez alouçado, era bonito aquilo ali. Ali da ponta do muro das casa era de tijolo e grade, e o fundo da casa também toda de muro e grade.

A primeira casa que fizeram foi ali na Rua do Cordão⁶¹, era a casa do “Canário”⁶², que era funcionário do Vencato, depois ele começou a lotear, fez a vila ali, deu o terreno pra fazer o colégio, tudo isso aí, pra fazer o postinho, pra praça, foi doado pelo Vencato, e aí o bairro foi crescendo.[...]

O Sr. Adão que acompanhou a transformação da chácara em zona urbana, fala sobre o processo de crescimento deste que se deu a partir do loteamento, com a construção das primeiras moradias. Conforme o local foi se desenvolvendo, foram surgindo pequenos comércios na região, a construção da creche, escola e posto de saúde, a doação do terreno da praça como local de lazer e que posteriormente nele teve instalado brinquedos para as crianças do bairro.

A segunda entrevista é a do Sr. Carlos Darcy Vencato, 80 anos estancieiro, que falou mais da história particular da família Vencato quando esta veio para Jaguarão.

O pai comprou a chácara em 1964 do Sr. Atanagildo Feijó e uns dois anos depois ele loteou, começou o loteamento onde é a Vila Vencato hoje. Nós temos descendência de italiano por parte de pai, e de alemão por parte de mãe. Nós não somos jaguarenses, nós viemos no ano de 1958 da cidade de Camaquã para Jaguarão. Nós viemos para plantar arroz no Uruguai. Nós moramos dois anos no Uruguai e depois viemos morar aqui. Foi depois que compramos a chácara. Na chácara só tinha criação de vacas, produzíamos uva e fabricávamos vinho, pela parte dos italianos. Nós casamos lá na chácara (Carlos Darcy e Regina). Nós casamos em 1968.

⁵⁹ Sr. Adão informou posteriormente que a família Feijó após ter vendido a chácara para o Sr. Frederico Vencato, esta mudou-se para o Uruguai e não soube mais notícias.

⁶⁰ Dono anterior da Chácara do Galo, que vendeu para o Sr. Frederico Vencato.

⁶¹ Atual Rua Barbosa Neto.

⁶² Fui em busca do Sr. “Canário” ou de seus descendentes, porém não foram localizados. O Sr. Adão não lembra o nome original do funcionário.

Eu sou estancieiro, origem plantador de arroz. Todos meus irmãos trabalham com isso, os filhos deles e meus filhos também. A gente passou a vida inteira plantando arroz, a vida inteira dele (Frederico) plantava em Camaquã. A chácara em si, foi ele quem loteou. Quando foi loteado, o acordo era 25% do total do terreno de comissão para a imobiliária. Esse foi o custo, a comissão. O que eu sei é que ele doou um lote de terreno para um pessoal mais humilde, e essas pessoas queriam que fizessem uma homenagem pra ele por ter feito a doação.

Nos relatos do Sr. Adão e de seu Carlos Darcy, nota-se semelhanças entre as lembranças. Busquei algumas informações em comum já que os dois entrevistados possuem idade aproximada um do outro. Conforme as narrativas, o bairro foi nomeado como “Vencato” devido ao Sr. Frederico Vencato ser o antigo dono das terras e ceder o local para construção da vila, o que foi reforçado posteriormente com a fala do herdeiro que segundo este, nunca soube se houve uma preocupação em dar um nome ao bairro, levando à entender que “Vencato” foi associado ao proprietário do terreno.⁶³ Ao Sr. Adão também foi questionada a origem do nome do bairro, e este também deu a entender que o nome era uma associação ao proprietário da chácara.

Apesar da igualdade nos relatos do tempo que ainda era campo, chega um momento que estes discursos tomam rumos diferentes. Essas lembranças se diferem devido às distintas experiências dos dois entrevistados. O Sr. Carlos Darcy não acompanhou de perto todas as mudanças do bairro e suas memórias são voltadas mais para a sua família e memórias particulares. A sua permanência era em outra fazenda distante do local, na qual ficava mais tempo, e a casa da chácara era utilizada por ele ocasionalmente quando precisava vir à cidade.

Ao mesmo tempo seu Adão, trilhou desde pequeno por toda a região, conheceu muita gente conforme seus relatos. Sua mãe de origem humilde, era lavadeira da família proprietária da chácara antes desta ser vendida para o Sr. Frederico. Este lembra com detalhes do galo pedrês de louça que ornamentava o portão de ferro da chácara, do açude com as taquareiras⁶⁴, das cacimbas com água pura na Rua do Cordão⁶⁵, dos funcionários que nem de todos lembra o nome⁶⁶, pois viveu e percorreu toda aquela localidade em toda a sua fase de transformação.

Com os relatos dos próximos dois entrevistados será feita uma análise da trajetória social da comunidade, as adversidades do cotidiano de um lugar de periferia e luta por infraestrutura. Para melhor compreensão, foram entrevistados o ex-líder do bairro

⁶³ Anexo com questionário e todas as entrevistas realizadas na p.65.

⁶⁴ Local comumente denominado onde encontram-se taquaras ou bambus em grande quantidade.

⁶⁵ Atual Rua Barbosa Neto.

⁶⁶ Anexo com todas as entrevistas realizadas na p.65

“Catarina”⁶⁷ e o atual líder de bairro “Zé da Vencato”⁶⁸ e com os tempos distintos de atividade de ambos, entender a questão da liderança comunitária como algo em prol da comunidade no decorrer dos anos, e os resultados das atividades.

O terceiro entrevistado é o Sr. Juarez Justino Albanaz “Catarina”, ex-líder comunitário do Bairro Vencato.

Trabalhei como líder comunitário no Bairro Vencato de 2009 a 2015. Como eu sou de Santa Catarina, eu fiz Gestão Ambiental, e não gosto de ver lixo amontoado, um vizinho se aproveitando do outro, eu acho que todo mundo tem que ser igual, se eu limpo, os outros têm que limpar também. Na época o Coronel do exército foi até o bairro ver o meu trabalho, e gostou muito e ofereceu o Quartel e os caminhões para fazer uma promoção, que a proposta era o pessoal juntar o lixo e trocar por cupons, e daí o pessoal começou a levar todo tipo de lixo, garrafas, coisas velhas, tudo que na Vencato estava atrapalhando nos terrenos baldios. Em pouco tempo o bairro ficou lindo. A prefeitura também entrou com apoio, levando também os caminhões e as máquinas, e fizemos tudo, e foi muito bonito. Daí em diante o pessoal pediu para eu entrar de líder comunitário, e eu fui me informando qual era a prioridade que mais precisava, isso na época estava entrando o prefeito Vitor Hugo Rosa, e no ano de 2000, começou a construção da tubulação do canal fechado na rua Andrade Neves. Com o surgimento da tubulação, o prefeito Vitor Hugo precisava de um local para colocar o maquinário da prefeitura, e como eu estava construindo ali justo na beira da sanga, fizemos um acordo. Como ali é ribeirinho e tem o pessoal ali e qualquer problema dá enchente, como tava saindo muito aterro e não tinha onde colocar, eu fiz uma proposta pro Vitor Hugo, pois todos da comunidade aceitavam o local como estava, podia ser lama, podia ser o que fosse, e assim foram, o Vitor Hugo me deu carta branca e daí eu fui ver realmente quem eram as pessoas que precisavam do aterro. Veio o aterro, veio a água encanada onde precisava, limpavam as valas que fazia anos que não limpavam, os líderes que passaram não pediam as limpezas, e o pessoal foi se adaptando à limpeza. Os líderes comunitários dos outros bairros da cidade começaram a tomar gosto de ver como eu trabalhava e nós começamos a fazer reuniões com os líderes dos outros bairros. Nunca fui na prefeitura, tudo era do meu bolso. Quando faltava alguma coisa, todo mundo ajudava, mas nunca fui lá pedir alguma coisa.

O Sr. Juarez deixa claro que durante o seu período de atividade como líder, sempre buscou agir por conta própria, já que via a necessidade da resolução dos problemas com rapidez, muitas vezes contando com a ajuda da própria comunidade, que com o passar do tempo se começou a se reunir em busca da solução dos problemas. Muitas vezes sem o apoio da prefeitura, estes agiam por conta própria que acabou inspirando os líderes dos outros bairros na luta de melhorias nos outros cantos da cidade.

O quarto entrevistado é o atual líder do bairro Vencato, o Sr. João José Martins Dutra, popularmente conhecido como “Zé da Vencato”. Conversamos bastante sobre o seu papel como líder comunitário. Questionei sobre as atividades atuais do centro, as carências do bairro e propostas de melhorias à região.

⁶⁷Sr. Juarez Justino Albanaz. Entrevista realizada em 8 de dezembro de 2021, às 15:00.

⁶⁸Sr. João José Martins Dutra. Entrevista realizada em 19 de outubro de 2021, às 17:00.

Aqui nunca houve político ajudando, nem na época e nem agora. As lideranças comunitárias na época quem criou foi o Fernando Barreirinhos, a Carvalho, a Kennedy, o Cerro, aqui também, onde o líder do bairro era votado pela comunidade e levava os problemas do bairro para o prefeito, isso sem remuneração, sem nada, e trabalhava gratuito para a comunidade, simplesmente por amor à comunidade, ajudar o seu bairro.

Segundo “Zé” com a troca de partido político da prefeitura de Jaguarão, as lideranças comunitárias não receberam atenção da prefeitura, ocasionando um esquecimento das populações de periferia, já que não haveria um representante que batalhasse por benfeitorias para o bairro.

Acabou de vez os centros comunitários, ficou tudo parado. O antigo líder comunitário, o “Catarina”, cedeu o centro comunitário, para que a população pudesse ter o posto de saúde e não ficasse sem essa assistência social, até construir um novo postinho, porque , o postinho que havia aqui, que era um chalé, se desmanchou.

Com os relatos percebe-se também que ambos entrevistados presenciaram um certo descaso com as lideranças comunitárias dos bairros por parte da prefeitura, ou seja, a prioridade do novo governo eram outros aspectos sociais, e os centros comunitários dos bairros ficaram esquecidos por algum tempo, o que impediu o acontecimento de reuniões e atividades nesses locais, causando insatisfação dos moradores.

Quando o novo partido político assumiu, a prefeitura fez doações dos centros comunitários, o Cerro fez isso aí, colocou famílias, dividiu o centro comunitário, criou duas casas, e doou para as famílias, aqui ele tinha doado para uma família, e depois doou para mais duas famílias, as outras duas partes do centro comunitário, por não fazer moradias que era obrigação do município. Isso aqui nunca tinha sido usado pra comunidade. Todos os presidentes que passavam aqui, eles faziam benefício para baile, e outras coisas, daí tu queria usar pra aniversário e era uma luta te deixarem, aí comecei a fazer reunião no colégio com a comunidade, mostrar para que servia o centro comunitário, para que foi construído o centro comunitário, e o pessoal começou a debater, comecei a mostrar minhas propostas para eles, de formar um centro comunitário, lutar pelo bairro e ajudar a comunidade através de ação social.

Outro fato que transmite o sentimento de descontentamento por parte dos líderes comunitários foi do mau uso do centro comunitário que por determinado período foi destinado para moradia de famílias extremamente carentes, impedindo o uso das atividades que ocorriam no local, fossem elas educativas, culturais ou particulares.

Percebe-se com os dois relatos que ambos líderes batalhavam por melhorias do bairro. Enquanto o Sr. Catarina buscava uma melhor organização e limpeza do bairro, o Sr. Zé buscava maneiras de melhorar a infraestrutura do centro comunitário para que pudessem ocorrer as atividades educativas e sociais. Houve doações de material e mão-de-obra para melhorias do centro, e o entrevistado mencionou integrantes da família Vencato como doadora de material e mão-de-obra.

Quem nos doou todo o forro, a parte elétrica e pagou o eletricista foi a Dona Adélia e seu Darcy que era irmão dela. Depois quando reinaugurarmos o centro aqui, vamos tirar o nome de centro comunitário zona C Vencato, que vai deixar de existir, e vai ser Centro Comunitário Vencato. Nós vamos fazer uma homenagem, acredito que daqui a um ano, pois a gente parou, temos todo o piso, as coisas para fazer na obra e não deu por causa da pandemia.

Com os discursos, nota-se que o foco principal das lideranças comunitárias é a preocupação com o futuro dos jovens do bairro. Enquanto o Sr. Catarina que construiu uma horta comunitária em que as crianças do bairro foram ensinadas a plantar, cultivar e colher alguns vegetais, o Sr. Zé preocupa-se com a educação e cultura. Com apoio de alguns profissionais, atualmente o centro comunitário oferece rodas de capoeira com valores abaixo do cobrado para os jovens mais carentes e reforço de aula escolar. Ambos em seus relatos acreditam que somente a educação na escola não é suficiente para que os jovens tenham um futuro. O Sr. Zé, por exemplo, comenta que por um tempo, enquanto o centro comunitário estava desativado, na escola, juntamente com os professores e órgãos competentes realizavam palestras aos pais dos alunos, explicando a importância da educação e outros aspectos ligados, principalmente em um lugar de periferia onde muitas vezes o progresso não chega o que limita oportunidades.

Aí comecei a fazer reunião, ação social, dava palestra para as mães, a importância das crianças estarem no estudo. Tinha que quebrar o tabu, que era a única forma que tinha, de que se os pais eram pobres, os filhos tinham que ser pobres também. Tu pode mudar, só que através do estudo, isso era o que nós fazíamos, só que parou por causa da pandemia, mas nós vamos continuar fazendo isso aí, mostrar para os pais a forma de mudar a vida deles, que é com o estudo. (João José Martins Dutra, “Zé da Vencato”, 19 de outubro de 2021).

[...]Lancei uma horta comunitária lá no meu terreno. Toquei durante 5 anos até a troca de governo. Sempre tinha criança lá, as que estudavam de manhã iam de tarde pra lá, e as que estudavam de tarde iam de manhã. Ensinei a plantar todo tipo de verdura, legumes, frutas, ensinei a fazer enxerto e limpeza. Sempre a saúde deles em primeiro lugar.

Lá eles também aprendiam matemática, ciências, geografia, história, e a gurizada gostava, iam em massa pra lá, era difícil ir pouca criança pra lá, eram crianças menores e alguns adolescentes e gostavam. Inclusive saiu muita criança das ruas, da Vila Vencato com problemas de drogas. Eles gostavam de estar lá porque eu

ensinava, já outros queriam entrar, viam a oficina, eu explicava como eram as coisas, que pra entrar nessa e em outras profissões tem que estudar. (Juarez Justino Albanaz, “Catarina”, 8 de dezembro de 2021).

Além da educação, a questão socioeconômica, gênero, etnia e a localidade também são características que influenciam no futuro dos jovens. Muitas famílias alcançam níveis de extrema pobreza que se perpetuam por gerações, sendo estigmatizadas por morarem na periferia, já que não têm condições de morar em uma região melhor. Somente esse fator isolado já é motivo de discriminação em uma escola mais central e muitas vezes não favorece em uma seleção de vaga de trabalho. Na fala o Sr. “Zé” comenta sobre a mentalidade de ser e continuar pobre enaltece essas características apontadas, pois parece que além de conviver em condições precárias que são sinônimo de pobreza, os jovens precisam de um estímulo para que no futuro possam ter uma realidade diferente.

Apesar de todas essas problemáticas, ambos entrevistados afirmaram que o bairro com o passar do tempo, tornou-se mais calmo de morar, os pais deixam seus filhos brincar na praça e ir para a escola sem ficar receosos e a vizinhança no geral se dá bem, e ainda grande parte das famílias se faz presente nos projetos vinculados ao centro comunitário e ajuda como pode nos projetos.

Por último, com as narrativas dois entrevistados restantes, serão relatadas as ações de pessoas anônimas em prol do bairro, a participação da Unipampa⁶⁹ na escola da comunidade resgatando memórias que os jovens desconhecem e a problemática dos pequenos recursos que seriam destinados às periferias. Para melhor entendimento foram entrevistados a Vice-Diretora da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, a professora Maria Túlia Duarte de Mendes Arence⁷⁰ e o Sr. Jorge Nilton Tormes Echevengúá⁷¹, morador do bairro e ex-vereador.

Com os dois últimos relatos tentarei compreender as dificuldades na sala de aula de um docente em uma escola de bairro, as metodologias aplicadas na sala de aula e como interfere na consciência dos jovens, e a iniciativa de moradores em busca de melhorias, e a insatisfação de alguns representantes do bairro quando é preciso dividir os poucos recursos com outros bairros de periferia.

Perguntei à professora Túlia como era tratada a história do Bairro Vencato nas aulas da escola e se existe um sentimento de pertencimento e esta respondeu o seguinte:

⁶⁹ Universidade Federal do Pampa.

⁷⁰ Professora Maria Túlia Duarte de Mendes Arence. Entrevista realizada em 16 de novembro de 2021, às 16:00.

⁷¹ Sr. Jorge Nilton Tormes Echevengúá. Entrevista realizada dia 2 de dezembro de 2021, às 19:00.

O pessoal do PIBID⁷² de História da Unipampa fez todo o resgate da História e tinha um livro que eles montaram com as histórias que as crianças contaram de assombrações, lendas, muito interessante, inclusive fizeram uma visita de campo em que eu estava junto, para garantir a veracidade dos locais.

Seria interessante, para que as pessoas se sentissem pertencentes ao bairro, é importante, porque os bairros são vistos só como ponto de drogas, e não vê a importância que tem o bairro, que tem uma boa escola, um centro comunitário, posto de saúde. A gente trabalhou muito isso já na escola, que a escola começou ali onde é o posto de saúde hoje, as pessoas mostraram as fotos da época que a escola era ali, de como se formou a escola. As pessoas têm que saber a história do seu lugar. A gente foi ano passado levar balas para todos os bairros, e foi notável que a educação é diferente daqui da Vencato, pois aqui eles tem amor pela escola, pois ela não tá pixada, não ta quebrada, o centro comunitário não ta quebrado, o posto de saúde não ta quebrado, a comunidade São Vicente não ta quebrada, os locais públicos ,entende? Se tu vai em outra escola que fica próxima daqui, que não é longe, lá ta pixada, ta quebrada. O que têm de diferente as crianças do bairro Vencato, que tem esse amor, porque isso é amor, quem ama cuida, não estraga e é um trabalho em conjunto. A escola e o posto de saúde quando começaram a depreder, nós cuidávamos e isso foi gerando neles um sentimento de pertencimento e eles não fizeram mais.

Em Jaguarão, se tem uma defasagem da história da cidade. Isso a Unipampa agora vem resgatando. A história que é contada de Jaguarão é da elite da cidade, não é da periferia, do trabalhador, por isso que a história dos bairros ficam em segundo plano. Um professor hoje se vai dar aula sobre a história de Jaguarão, vai ter que buscar na internet, porque não tem um livro didático próprio sobre isso. A história sempre contada é da elite pela elite, e não do povo, essa história fica na oralidade, a história é elitizada.

A professora ainda elogia o trabalho que a Unipampa vem fazendo ao longo do tempo, focando na história das minorias através de resgate de memórias. Esta se mostra insatisfeita com o esquecimento desses locais de um modo geral, o que acarreta na discriminação desses populares. O que nota-se também é da falta de curiosidade da própria população da localidade em não buscar a história das origens do bairro, já que na escola os jovens não buscam informações sobre onde vivem, pois não são incentivados a conhecer as memórias que formaram aquele local.

O último entrevistado é o Sr. Jorge Nilton Tormes Echevengué, 60 anos que no período de janeiro de 2017 a dezembro de 2020 fez parte do Legislativo da câmara de vereadores. Este comenta vários fatos como, o percentual de recursos que seriam destinados aos bairros em prol de melhorias e tinham de ser compartilhados entre todos os bairros, equivalendo ao da parte central em que este não era compartilhado. Com isso fica claro o esquecimento dessas zonas no nível de infraestrutura e organização, que é um dos fatores do sentimento de indiferença da comunidade perante a parte elitizada .

⁷² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Nós podemos dizer, que seja na parte de infraestrutura, o que nos deixa muito a desejar no bairro em relação ao centro, que eu também não condeno, porque a gente sabe que é assim que funciona, que os investimentos, a maioria vai pra parte do centro, do que para os bairros. Eu lembro que quando comecei na vida política, a gente queria melhor infraestrutura pro bairro, mas a gente disputava com os outros bairros também, então quando vinha a melhoria, vamos supor que viesse 50% para o centro e a outra parte era dividida entre todos os outros bairros, a gente sempre pegava uma fatia menor, quando pegava. Tem muita promessa, por exemplo o asfaltamento que eu sempre briguei, pelo calçamento da Menna Barreto até o fim dela, e não concluiu, e os anos que fazem isso... sempre brigamos por pelo menos uma rua pavimentada que fosse ligada ao centro, e não conseguimos. Se tu pegar qualquer outro bairro do município, pelo menos tem uma rua pavimentada até o centro, e nós não temos, nós que somos o bairro mais central, o bairro mais próximo do centro é o nosso, e não temos uma rua que seja ligada do começo até o fim com o centro. Não podemos sair nem entrar do bairro com calçamento, essa é a grande dificuldade que a gente tem.

O Sr.Tormes ainda comenta que apesar de todas as dificuldades de um bairro de periferia, em comparação a outros locais, o local é privilegiado em épocas de chuva pois não tem problemas de escoamento de grandes níveis de água, ao contrário dos outros bairros que ficam alagados. Também cita a proximidade com o centro da cidade como fator positivo, pois caminhando poucas quadras é possível chegar ao centro.

Nós somos o bairro mais próximo do centro, invejado em infraestrutura, estamos localizados em um ponto alto, a gente não tem problema de inundação, embora tenha a parte às margens do rio Jaguarão que tem problema quando tem as enchentes, toda aquela extensão cerca das margens tem esse problema, não é só ali, ainda temos uma população que é ribeirinha, mas eu como trabalhei como secretário de obras do município, eu posso te falar assim que os outros municípios têm problemas de drenagem, problema de esgoto, e nós já não temos tanto. O bairro Vencato não tem tanto problema de esgoto, não tem tanto problema de drenagem, as águas escoam rápido, comparado aos outros bairros, temos vantagem nesse aspecto.

Fica claro nos dois relatos o desgosto de ambos os entrevistados com o esquecimento do bairro, que embora conforme narrativas, apesar de possuir uma infra estrutura melhor em comparação a outros bairros de periferia, mas mesmo assim a falta de importância é sentida tanto no espaço físico como no próprio sentimento de pertencimento desses populares. A elite está no centro das atenções tanto espaço, quanto na memória, e as pessoas que destes não fazem parte acabam sendo discriminadas. Tudo isso implica com que a comunidade não perceba o potencial da escola, do posto de saúde e dos projetos do centro comunitário.

Porém a professora Túlia comentou que esse olhar está mudando aos poucos no bairro, já que trabalham o tema de história do bairro com fotos antigas para que os jovens vejam como este foi se moldurando, buscando instigar uma curiosidade nestes. O Sr. Tormes também acrescenta que o bairro possui um bom potencial, apesar das adversidades, que toda

periferia possui, é um lugar bom de morar com recursos dos quais a comunidade não precisa se direcionar até o centro e o assistencialismo se faz presente no cotidiano do bairro.

Com todas as entrevistas percebe-se as diferentes maneiras de pensar o bairro Vencato. Aos olhos do Sr. Adão e Sr. Carlos Darcy, o bairro origina-se de uma chácara que foi loteada e aos poucos foi povoada fazendo assim parte da zona urbana da cidade sendo o lar de muitas famílias, porém é um lugar de periferia já que não é um local central, o que acarreta no pouco investimento em infraestrutura aos olhos do Sr. Tormes e Sra. Maria Túlia, mas que possui uma boa escola e hoje é um local mais tranquilo para morar, e também é um bairro com uma comunidade que luta em conjunto por suas necessidades, ajuda os mais necessitados e batalha por um futuro melhor por seus jovens com os poucos respaldos que tem aos olhos do Sr. “Catarina” e “Zé da Vencato”.

2.3. Mudando a percepção do bairro Vencato por meio de novas entrevistas

Neste momento trarei os aspectos e conceitos que caracterizam o bairro, os quais foram percebidos durante as entrevistas. Vale lembrar que cada entrevistado tem uma percepção distinta dos demais, e com isso trarei possíveis reflexões sobre esses conceitos conforme o desenvolvimento deste conteúdo.

Como mencionei anteriormente, para a confecção deste trabalho, foi fundamental buscar outras pessoas ainda não entrevistadas que vivenciaram os períodos de edificação do bairro e que estas através da História Oral⁷³ contassem suas memórias, agregando estes relatos às informações que foram coletadas em pesquisas anteriores, e (re)construir a história da comunidade que se formou. Como citado anteriormente, o bairro surgiu do loteamento de uma chácara localizada na zona rural de Jaguarão. Antes mesmo do Sr. Frederico Vencato comprá-la, a região já era conhecida como Chácara do Galo, graças ao símbolo de um galo alouçado que era encontrado em sua entrada. Mesmo quando anteriormente possuiu outros proprietários a região já era conhecida por esse nome. Percebe-se que a associação é algo muito forte, pois independente de terem ocorridas várias mudanças na localidade, o terreno que ainda era rural permaneceu ligado ao nome Chácara do Galo, mesmo quando o artefato simbólico que deu origem, não esteve mais presente na fachada. O mesmo tema ocorre com o nome do bairro. Pelos relatos a localidade foi denominada “Vencato” por uma simples conveniência ou foi

⁷³ Entre outras alternativas, a história oral se apresenta como solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos e sensibilidade humana. (SEBE, HOLANDA, 200, p.9)

uma homenagem da população aquele abastado senhor que se solidarizou com os mais humildes e doou terrenos para que construíssem suas moradias?

A memória⁷⁴ dos entrevistados foi fundamental para descobrirmos fatos novos, que ligada à história oral, proporcionou uma compreensão da trajetória da região, de cada um dos personagens presentes nas memórias dos entrevistados. Estes últimos que também têm sua participação nos relatos, exaltando que o foco principal das entrevistas, era de que fossem realizadas com pessoas comuns para termos uma idéia das distintas experiências que esses indivíduos passaram, nos proporcionam a compreensão da realidade e cotidiano que não encontramos nos livros. Por meio da memória coletiva foi possível garantir a veracidade de alguns elementos das entrevistas que no início não pareciam verídicos até o momento em que foram discorrendo as entrevistas. Um exemplo é: Quem era o dono da chácara anterior ao Sr. Frederico Vencato? O proprietário da chácara anterior era o Sr. Atanagildo Feijó, o qual a vendeu para o Sr. Frederico Vencato, conforme as antigas lembranças do Sr. Adão Pimentel, e que posteriormente a memória foi confirmada pelo Sr. Carlos Darcy⁷⁵, filho do Sr. Frederico. Também com as lembranças dos dois entrevistados que possuem memórias antigas do local, foi possível criar uma concretude do ambiente que acolhia a região e da rotina das pessoas que ali viviam.

Aos poucos o bairro foi se formando, gerando um sentimento de lar para alguns, mesmo com a precariedade em infraestrutura. Sem um representante na região, as pessoas se sentiam desamparadas, não que a presença de um líder solucionasse todos os problemas, mas alguém que tivesse coragem em alavancar projetos, o que levou à comunidade unir-se em benefício próprio na busca de melhorias. O sentimento de pertencimento e identidade⁷⁶ começou a emergir aos poucos, e com o surgimento dessa noção a comunidade iniciou uma série de imposições, que no princípio até poderia não dar certo, porém, aos poucos e com muita paciência as coisas foram melhorando, não se tornando ideais, porém estas pessoas

⁷⁴ Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. . *Dicionário de conceitos históricos* / Kalina. Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009. Bibliografia. 440 páginas. p. 276

⁷⁵ Sr. Carlos Darcy Vencato, entrevista realizada em 14 de dezembro de 2021.

⁷⁶ Para David Lowenthal, identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças. Isso serve tanto para o indivíduo quanto para os grupos sociais. . *Dicionário de conceitos históricos* / Kalina. Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009. Bibliografia. 440 páginas. p. 204

agora já reconhecem o caminho que devem seguir, impulsionadas por melhorias, e o melhor de tudo, sem medo de exigir.

Para que estas chegassem até aqui, precisou autonomia, união e luta, e as memórias foram essenciais para que a população evitasse os erros e descasos do passado que poderiam voltar a se repetir. Essas situações infelizes fizeram com que as pessoas compreendessem que não deveriam aceitar menos do que mereciam e com isso começou a surgir aos poucos um sentimento de pertencimento aquele bairro, que hoje é preservado por aqueles que ali moram, moldando este à sua maneira.

A população do bairro desconhece outros fatos ligados à história da região, esta que está centralizada na chácara, que à primeira vista se resume ao loteamento e doação de alguns terrenos para moradia dos mais pobres, desviando a atenção de algumas pesquisas que resgatam novas narrativas. Como falado anteriormente, a população do bairro no seu início de edificação, começou a ser formada por pessoas negras e pobres que não possuíam condições financeiras de arcar com uma residência nas proximidades do centro. Aos poucos o bairro foi se formando e crescendo, porém com suas limitações, o poder aquisitivo dessas pessoas não mudou, e a falta de atenção do governo municipal que também tem a sua parcela de culpa na falta de qualidade em serviços básicos o delimitou como um bairro de periferia, enquanto a poucos metros encontram-se famílias com bom poder aquisitivo que têm acesso a oportunidades melhores, em uma localidade que possui infraestrutura de qualidade que é zelada pela prefeitura, onde destas não se ouve reclamações de falta de água ou energia, canteiros centrais sem poda e lixo acumulado nas esquinas. Aqui fica uma dúvida que serve para pensarmos: como uma população pode ter tempo de pensar em sua história, se além de trabalhar para garantir a subsistência dos seus, também tem que lutar pelos direitos de melhor infraestrutura na sua comunidade? Sem os relatos coletados anteriormente e os atuais, não seria possível fazer todos esses questionamentos.

Como falei anteriormente, busquei algumas pessoas com idade mais avançada que não haviam sido entrevistadas antes, para que trouxessem novos fatos. Esses relatos mais antigos por não estarem transcritos em lugar algum poderiam se perder, pois essas pessoas que os têm guardados, poderiam não ter a oportunidade de relatá-los em vida. Sem essas novas informações, como saberíamos como era o cotidiano do bairro no passado?

Essa história é contada por um grupo que até então era desconhecido, no campo da pesquisa em história oral da cidade de Jaguarão, no qual tive o privilégio de entrevistar e deixar registradas suas narrativas, mostrando a riqueza que as memórias passadas

proporcionam, não são exclusivas da elite econômica, e estas devem sim serem compartilhadas com os mais jovens, para seguirem sendo contadas às novas gerações que estarão vivendo no bairro, e percebam que também vivem em um local que possui história.

O surgimento do carnaval⁷⁷ nessa região é um fato curioso e ainda desconhecido por muitos. Este não é mencionado porque está associado a pessoas negras e pobres? Se o carnaval na região tivesse surgido de costumes de famílias abastadas, teria conhecimento da maioria? Não sabemos. O carnaval é uma festa tradicional popular, e o surgimento deste no bairro Vencato é um fato muito pouco conhecido, pois é um dos acontecimentos que está na memória das poucas pessoas que ainda estão vivas, o que nos leva a pensar que essas informações não são compartilhadas, já que os mais jovens afirmam desconhecer tal fato. Uma possibilidade dessa falta de (re)conhecimento da origem da festa na cidade é a sua associação às classes pobres⁷⁸, pois com o tempo, o carnaval começou a se expandir de forma grandiosa, em que pessoas de todas as classes sociais participam, porém com outras características como trios elétricos de propriedades privadas formadas pela elite da cidade, e para quem quiser fazer parte, deve pagar um valor alto, deixando claro que o grupo deve ser formado por foliões com poder financeiro grande, criando uma barreira entre quem tem e quem não tem condições financeiras de participar da festa.

A falta de costume das famílias de mostrar suas memórias, prejudica a curiosidade que porventura poderia surgir dos seus descendentes em buscar informações sobre sua origem e do que está ao seu redor. Esse fato percebi em algumas entrevistas em que realizei e também na leitura das transcrições de Teixeira (2015, 2019), pois as pessoas agiam como se não houvesse uma história no passado, no qual muitas delas eram personagens e pareciam não perceber, e todavia agiam como se fosse algo normal. Uma sugestão que vem em mente seria o Centro Comunitário do bairro, dispondo parte de seu espaço, ser esse centro de memórias⁷⁹

⁷⁷ O entrudo era praticado pelos escravos. Estes saíam pelas ruas com seus rostos pintados, jogando farinha e bolinhas de água de cheiro nas pessoas. Tais bolinhas nem sempre eram cheirosas, sendo considerado ainda uma prática violenta e ofensiva, em razão dos ataques às pessoas com os materiais, mas era bastante popular. Disponível em: < <https://www1.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/228-a-origem-do>> Acesso em 3 de março de 2022, às 13:37.

⁷⁸ Marx definiu classe social como a posição comum de um conjunto de indivíduos no interior das relações sociais de produção. Para ele, classe era um grupo social com uma função específica no processo produtivo. Por exemplo, os proprietários de terra, os capitalistas e os trabalhadores constituem classes distintas. Cada um deles ocupa um lugar específico no processo de produção: uns possuem a terra, outros, o capital, e os trabalhadores, a habilidade de trabalho. *Dicionário de conceitos históricos* / Kalina. Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. — 2.ed., 2ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2009. Bibliografia. 440 páginas. p. 63

⁷⁹ O curso de Licenciatura em História Universidade Federal do Pampa da cidade de Jaguarão aos poucos vem resgatando as memórias do bairro e com elas, cria algumas oficinas e projetos com o intuito de trabalhar com as crianças da escola do bairro, mostrando pontos históricos e incentivando a curiosidade delas. Assim como a

com área de visitação, contendo amostras de arquivos, documentos, fotos, tudo o que simboliza o surgimento do bairro e sua significação, para que essas informações não se percam e perpetuem na memória da comunidade, fazendo com que esta tenha acesso a tudo que constrói sua identidade⁸⁰.

Será que as vertentes de água pura que passam abaixo da Capela São Vicente⁸¹ não são mencionadas porque matavam a sede das pessoas mais humildes e isso não a torna atrativa, em vez de estar localizada em uma região em que o proprietário fez parte da elite econômica da cidade? São perguntas que não posso responder nesse momento, mas deixo como sugestão para pesquisas futuras. É extremamente relevante que essas perguntas sejam realizadas, não somente por nós pesquisadores, mas pelos próprios moradores. Essa consciência é fundamental para que a comunidade se reconheça a si no seu espaço, sendo este participante da história, orientado para um possível futuro em seu benefício e aos demais em seu entorno.

Com os relatos percebe-se que os moradores do bairro, na sua maioria não fazem esse tipo de questionamento, já que não foram instruídos a pensar de tal maneira e essa prática não tem se mostrado benéfica para a população, pois essa falta de transmissão de cultura culmina nesta não consciência. Na escola do bairro estão incentivando os jovens esse tipo de pensamento, através de projetos com o auxílio da Unipampa, e conforme a própria vice-diretora tem rendido bons frutos, em que estes compreendem a importância da presença dos espaços públicos e a sua preservação, a curiosidade sobre a história do bairro pois estes desconhecem totalmente a trajetória da região desde o seu princípio e porque ela se caracteriza de tal maneira, os espaços de memória e contos de folclore.

Professora Maria Túlia afirma, a presença da Unipampa é fundamental para dar seguimento a esses projetos, pois além do conhecimento que os universitários possuem e transmitem, também trazem novas metodologias.

⁸⁰ Conforme relatos das entrevistas encontradas em anexo a partir da p. 65 deste trabalho, a professora Túlia, o líder comunitário Zé da Vencato, ex-líder Catarina e o ex-vereador Jorge Tormes, comentam que parte da comunidade se sente pertencente ao bairro, pois atuam na organização de atividades de conscientização e preservação do bairro e convívio social como um grupo.

⁸¹ Localizada na Rua Barbosa Neto nº150, bairro Vencato. Jaguarão-RS.

3. LOCAIS DE MEMÓRIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E PROJETOS NAS ESCOLAS DE PERIFERIA

Neste capítulo apresentarei problemas que os professores da rede de ensino enfrentam nas salas de aula das escolas de periferia em uma perspectiva geral, incluindo a escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, presente no bairro Vencato, local de pesquisa do referente trabalho.

Também trarei aqui a importância da disciplina de História na escola e no cotidiano das crianças e jovens do bairro, a importância do papel do historiador em pesquisar histórias de bairro buscando sempre reconhecer outros fatos desconhecidos através de várias metodologias de estudo, a importância deste conteúdo estar presente nas aulas e como interfere na vida dos alunos.

Trarei questionamentos sobre a importância da consciência histórica, através de referências de alguns pesquisadores da história os quais citarei mais adiante, e com isso tentar explicar a falta ou presença em determinados alunos, já que as realidades sociais que os diferem, interferem no modo de pensar como pessoa e na realidade à sua volta.

3.1. Os desafios do professor/historiador nas escolas de bairro

Como já sabemos, esta pesquisa está baseada em novas memórias, distintas das conhecidas em outras pesquisas realizadas anteriormente sobre o bairro. Para a confecção deste trabalho foi preciso também falar brevemente sobre a história da cidade de Jaguarão, local que abriga o bairro Vencato. Para a continuidade desta pesquisa, busquei outras pessoas que não haviam sido entrevistadas, e com suas memórias enriqueceram o pequeno acervo de histórias que vem se formando, e também de moradores da região que contribuíram com seus relatos cotidianos.

Com as narrativas apanhadas, principalmente de uma época em que a região que abriga o bairro não fazia parte da zona urbana da cidade, é possível ter uma noção da transformação dos aspectos físicos da região que passou de campo a zona urbana, dando possibilidade àqueles que não tinham oportunidade de comprar um terreno para morar a valores razoáveis permanecendo também perto do centro da cidade. Além disso, somos contemplados com o conhecimento de novas histórias de comunidade e particulares, já que até então a população desconhece tais acontecimentos e fatos citados nas entrevistas, levando a crer que os jovens do bairro também foram privados da história do local onde vivem, pois

foi através dos relatos em história oral que pôde-se desvendar tais acontecimentos, coletados com um pouco de dificuldade, já que muitas das pessoas entrevistadas anteriormente já não estão mais presentes para nos contar, e tampouco tinham o costume de passar adiante essas informações para as gerações mais novas da família, e outros que ainda estão vivos, porém com idade bastante avançada não priorizam o compartilhamento de suas memórias com os mais novos. Isso me leva a pensar que esse costume de não distribuição de informação perante os integrantes que compõem as famílias, além de ser recorrente em algumas famílias, acarreta em um não percebimento de consciência histórica e sentimento de pertencer àquela região, deixando assim uma sensação de que esses fatos não possuem importância, como a prática de passá-las adiante, podendo essas informações não serem mais encontradas.

A historiadora Ana Maria Monteiro (2007)⁸² traz em sua obra a problemática do ensino de história nas escolas, aonde os alunos que chegam cada um com sua bagagem, de memórias e saberes prévios da vida cotidiana da sua família, seja essa boa ou ruim, e todas elas diferindo umas das outras, pois cada aluno tem a sua realidade.

Nossos alunos, ao chegarem à escola são portadores de saberes, referências construídas nos grupos familiares que cultivam suas memórias: sejam memórias dos trabalhadores, migrantes nordestinos, desempregados, de lutas e combates diários pela sobrevivência, de referências étnicas, religiosas que oferecem explicações do mundo e de seu devir. Constituem, na área da educação, os chamados saberes prévios que muitos de nós descartamos a priori, como expressões de ideologias que precisam ser superadas porque portadoras de preconceitos e fomentadoras de atitudes e comportamentos discriminatórios. Ou, às vezes, porque resultado de ensinamentos errôneos, ultrapassados, equivocados, a serem superados por nossas aulas nas quais a “verdadeira história vai ser ensinada”... Mas, muitas vezes, esquecemos que são referências culturais fortemente ancoradas em figuras familiares que sustentam construções identitárias. “Dificuldades de aprendizagem”? Ou resistências a conteúdos e posturas mais críticas, apresentadas, freqüentemente, como verdades absolutas pelos professores, mas que se chocam abertamente com a cultura de referência dos alunos? (MONTEIRO, 1999. Pag.12,13)⁸³

Na citação acima, a autora explica que a bagagem de conhecimento que acompanha o aluno é oriundo de aspectos como: seus antepassados, classe social, etnia, gênero, religião e região de moradia. Isso acarreta muitas vezes em um comportamento inadequado de alguns alunos perante os demais colegas, como intolerância de todos os tipos, caracterizada pelas ações como bullying em um colega de aula que é negro e pobre, por exemplo. Em uma sala de

⁸² Mestre em História pela UFF e Doutora em Educação pela PUCRIO. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Currículo do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ. Professora de Didática e Prática de Ensino de História da UFRJ.

⁸³ MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org). PPGHIS/UFES, 2007, v.1. Disponível em :<http://www.ufrj.br/graduação/prodocencia/publicações/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>.

aula na maior parte das vezes estão presentes alunos, cada um com suas referências vindas da própria família que cultivava desde sempre alguma tradição e maneira específica de agir com o próximo. Aqui fica uma pergunta: Por que as famílias continuam perpetuando esse tipo de atitude nos dias atuais, ensinando os costumes e valores arcaicos aos seus filhos se atualmente com todo o acesso à informação disponível e visíveis transformações que ocorreram mostrando o que é certo ou errado e que a empatia deve estar presente em todas as situações do cotidiano, estas poderiam fazer diferente?⁸⁴

Nesse caso é inevitável que ocorram situações que apartam os jovens nas salas de aula, onde haverá alunos com uma bagagem de conhecimento histórico um tanto satisfatório, por intermédio da própria família, e com isso incentivou a curiosidade do jovem. Também não podemos esquecer o aluno da classe ao lado, que a família embora com bons valores, não teve oportunidade, tempo ou mesmo não sabia que era necessário esse tipo de saber, e esse jovem chega na escola sentindo-se perdido com um assunto ou maneira de pensar que não o havia sido apresentado antes.

O papel do professor de história é fundamental para lapidar a consciência desse aluno a pensar na sua história, mostrando-o de muitas maneiras que esse saber é importante para ele e para os que estão à sua volta, devendo utilizar metodologias que gerem curiosidade e este aprender a questionar porque as coisas são como são.

No contexto da aula e das atividades, cabe ao professor trabalhar o “*pensamento histórico*” para o questionamento de verdades estabelecidas e busca da compreensão da historicidade da vida social. Novos saberes são construídos pelos alunos, saberes estes que, ao se constituírem como conhecimento cotidiano, e ao incorporar a dimensão problematizadora e crítica, podem tornar-se instrumento de libertação, resistência. Mas pode também se manter como lugar para a legitimação de poderes instituídos, em perspectiva conservadora. (MONTEIRO, 1999. pag.15, 16)

⁸⁴ É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e nos situarmos nele. É a família formadora de nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ponto a quem aprendemos a nos referir. É nessa instituição, pois, que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras dos valores vigentes na sociedade. Ao se constituírem nas primeiras referências e figuras da autoridade, os pais se tornam responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Ao assumir esse papel formador, a família participa com a escola de um projeto comum, que é o da formação/educação da criança e do adolescente. SILVA, Áurea Pereira; AGUIAR, Daniela Fernandes de; XAVIER Daniela. Lisboa; OLIVEIRA Eriene Nunes; NOVASCO Elin Mary de Lima. *A influência da família no processo de ensino aprendizagem*.. 2005.92f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, Brasília, 2005.

Para que essas metodologias funcionassem adequadamente, antes deveriam ser realizadas análises do cotidiano desses alunos, já que não somente a disciplina de história, mas as outras ciências também seriam afetadas nos casos específicos de famílias em situação de risco financeiro, com histórico de violência ou mesmo quando a subsistência de uma casa depende do integrante familiar adulto que sai para trabalhar enquanto a criança muitas vezes por ser a mais velha, fica a cargo e responsabilidade dos irmãos menores, quando a família é formada por mãe ou o pai solos e seus filhos. É uma situação presente em diversas famílias de baixa renda, principalmente nos bairros, onde está localizada a população mais pobre. Há casos também de alunos que fora do horário da escola, ajudam financeiramente a família vendendo quitutes, colaborando assim nas despesas da casa, enquanto estes poderiam estar lendo um livro didático ou fazendo os deveres da escola. O ECA- Estatuto Da Criança E Do Adolescente⁸⁵ reitera o direito à educação da criança e do adolescente para que propicie o seu desenvolvimento como pessoa.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis; (ECA, 2021, Pag.44)

Já sabemos da importância do acesso dos jovens na escola, assim como a disciplina de História para a sua formação. Porém, professores com formação adequada são essenciais para que este tenha um ensino de qualidade. Com os empecilhos que as escolas por ora passam, muitas vezes alguns professores de outras áreas são redirecionados a assumir e lecionar outras disciplinas das quais não possuem formação e domínio da matéria, resultando em aulas

⁸⁵ O Estatuto da criança e do adolescente (ECA) é um documento que reúne as leis específicas que asseguram os direitos e deveres de crianças e adolescentes aqui no Brasil. Ele nasce da luta de diversos movimentos sociais que defendem os direitos de crianças e adolescentes, já que antes do estatuto existia apenas o “Código de Menores” que tratava de punir as crianças e adolescentes consideradas infratores. Desde 1990 com o ECA as crianças e os(as) adolescentes são reconhecidos como sujeitos de direitos e estabelece que a família, o Estado e a sociedade são responsáveis pela sua proteção, já que são pessoas que estão vivendo um período de intenso desenvolvimento físico, psicológico, moral e social. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. In: Vivendo a adolescência, 2017. Disponível em <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/eca> Acesso em: 25 de fevereiro de 2022, às 09:30.

sem qualquer interação e alunos desmotivados, restando ao professor ali presente, se render ao livro didático, pois é a única ferramenta que ele conhece e tem acesso. Esse fator em uma aula de história é muito prejudicial, já que o alunos não vão interagir com o professor ali presente, e este na sua postura, não saberá como fazer o aluno se interessar pela matéria. O aluno então perde a oportunidade de aprender a pensar, questionar e discutir sobre determinados fatos e temas que estão ao seu redor, indispensáveis para a sua formação, como afirma Luis Fernando Cerri (2010).⁸⁶

O que se espera socialmente do ensino de História? Espera-se que ela forneça um conjunto de conhecimentos mais ou menos fragmentários cujo domínio deveria ser obrigação de todo cidadão. Assim, determinadas coisas, acontecimentos e pessoas, se bem compreendidas e guardadas - o que envolve também um elemento afetivo - propiciariam ou ajudariam a propiciar um bom cidadão, comprometido com os objetivos de sua pátria.(CERRI, Pag. 265)⁸⁷

Há outros casos também de professores que por variados motivos dão mais atenção a alunos de melhor classe socioeconômica, estes que residem no centro da cidade em volta de melhor infraestrutura que os demais colegas da sala de aula. O aluno pobre que não recebe essa qualidade de ensino, além de sentir-se desmotivado, também sente-se discriminado num local que deveria ser de ensino igualitário para todos, que resulta muitas vezes na desistência das aulas. Esses professores agem sem ética, como se somente alguns alunos da sala fossem merecedores de educação e tivessem um futuro promissor, esquecendo-se que é de sua obrigação proporcionar mais atenção e oportunidade para o jovem desenvolver conhecimento, como Cerri(2010) afirma:

Quem seria o bom cidadão, o modelo ao qual os professores de história, as escolas e os movimentos deveriam dirigir seus esforços? Decerto não é mais aquele que apoia os governos, entendendo-os como encarnação da nacionalidade. Pelo contrário, ir contra os governos não raro é um ato de civismo, mesmo com tantos governos colando sua imagem à idéia da própria nação. Como formar esse civismo, se não podemos ignorar a crítica social e histórica às mazelas e dilacerações da história nacional? Como assumir a identidade nacional, como se amar o país, se não ocultamos todos os dramas, desonestidades e violências que estão presentes até hoje, enterradas junto com os alicerces nacionais? É possível formar um cidadão útil à sua pátria e à humanidade se ele não encontra nenhum elo intelectual e afetivo que permita constituir identidade? Como é que se ensina e aprende a amar a nação e, ao mesmo tempo, forma-se um cidadão que seja informado, crítico, questionador,

⁸⁶ Luis Fernando Cerri é doutor em Educação (2000), graduado em História (1992) pela Universidade Estadual de Campinas. Professor associado no Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atua no mestrado acadêmico de História e no mestrado profissional (Prof.História) da UEPG. Disponível em:< <http://www.cpop.ufpr.br/portal/equipe/luis-fernando-cerri>> Acesso em 26 de fevereiro de 2022, às 09:31

⁸⁷ CERRI, L. F. *Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática*. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.15i2.264278. Revista de História Regional, v. 15, n. 2, 9 dez. 2010. (pag.265)

portador da dúvida e da desconfiança que formam o senso crítico? Como se confia desconfiando na “comunidade de destino.” (nos dizeres de Otto Bauer sobre a nação), de modo a manter a distância mínima necessária para conseguir fazer contínuas análises críticas? (CERRI, 2010.p. 267)⁸⁸

Como mencionado no princípio, este capítulo é voltado para o tema ensino de história e metodologias de aprendizagem na sala de aula, em que os professores não devem render-se somente aos livros didáticos que muitas vezes não são substituídos por versões mais atualizadas e ainda lidar com a memorização, o que ocorre muito nas salas de aula, onde no fim o aluno não compreende determinado tema, mas sim decora sobre o assunto para as provas e trabalhos, e posteriormente não lembrará mais caso seja questionado. Minha intenção é trazer uma proposta de projeto de ensino que aplicada corretamente ajudaria os alunos a compreender os conceitos de memória, desenvolvimento de senso crítico e identidade, além de perceber os problemas ao seu redor e encontrar maneiras de solucioná-los. Como já sabemos, os livros didáticos utilizados como única ferramenta de aprendizagem muitas vezes não são suficientes, pois o conteúdo não mostra o cotidiano das pessoas comuns, e os jovens além de não se enxergarem como participantes, não vêem motivo para aprender algo do qual estes não estão incluídos, causando assim um desinteresse da disciplina.

Nós como professores/historiadores com a bagagem que acumulamos com extensos períodos de pesquisa, sabemos que todos fazemos parte da história, porém por diversos motivos não somos retratados e cabe a nós como profissionais capacitados mudar essa realidade utilizando métodos distintos e atualizados de ensino, mostrando que é possível proporcionar um aprendizado satisfatório aos alunos e os tornar mais interessados sobre o tema.

Os grandes feitos políticos do passado, a preocupação com a memorização mecânica de datas, de grandes personagens, há muito deixaram de ser temas privilegiados pela História escolar. As fontes e procedimentos para elaboração de livros didáticos e formação dos currículos receberam a herança dos *Annales*⁸⁹. Notadamente, a partir da década de 1980 no Brasil, a ANPUH (Associação Nacional de professores e universitários em História, ou simplesmente Associação Nacional de História), por

⁸⁸ CERRI, L. F. *Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática*. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.15i2.264278. Revista de História Regional, v. 15, n. 2, 9 dez. 2010.(pag.267)

⁸⁹ Segundo Peter Burke, essa escola é, amiúde, vista como um grupo monolítico, com uma prática histórica uniforme, quantitativa no que concerne ao método, determinista em suas concepções, hostil ou, pelo menos, indiferente à política e aos eventos. Esse estereótipo dos *Annales* ignora tanto as divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo. Talvez seja preferível falar num movimento dos *Annales*, não numa “escola”. In: *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo. Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. BURKE, Peter .(p.11)

intermédio da realização de encontros, seminários, simpósios, congressos (de caráter regional, estadual e até nacional), viabilizaram profundas mudanças no Ensino de História, destacadamente, os ensinamentos da escola historiográfica dos Annales, mostraram os futuros rumos e perspectivas científicas, responsáveis pela inserção de novos referenciais teórico-metodológicos à disciplina História. (RODRIGUES, 2011. P.40, 41).

3.2. (Re)criando a história de bairro: projetos em outros estados brasileiros e uma proposta para o bairro Vencato

A partir desse momento trarei alguns exemplos de projetos de ensino de História aplicados em algumas escolas do Brasil, que me proporcionaram uma reflexão e pensar em uma oficina de ensino a ser aplicado nas salas de aula da escola do bairro Vencato com o tema voltado para a história do bairro. Como constatado, a pesquisa em História abriu o leque de opções, que anteriormente era voltada somente a datas de eventos simbólicos e personagens históricos, cedendo espaço à história das minorias que nunca eram mencionadas nos relatos, por diversos motivos, dos quais a pobreza socioeconômica era o maior fator, que não permitia acesso às diversas oportunidades de melhoria de vida.

Fui em busca de alguns projetos de história voltados para o resgate da história de bairros de periferia e percebi que sem apoio da escola essas não se realizariam, assim como a escola promover uma oficina de pesquisa sem o apoio de instituições de pesquisa também não teriam resultados satisfatórios. O professor sem um apoio de profissionais pesquisadores não consegue arcar solo com um projeto, pois além da extensa carga horária que este deve cumprir em uma escola, a administração do tempo particular é um fator limita o cumprimento de tarefas. O trabalho deve ser em conjunto entre a escola e integrantes de universidades, sejam estes alunos ou professores, assim como o espaço dos centros comunitários dos bairros, possuindo papel importante como local de representação e identidade, podendo também ser utilizado como ferramenta para execução e perpetuação de projetos voltados em benefício da comunidade.

O centro comunitário poderá desempenhar um papel fundamental para a consolidação e criação de laços a nível local, do bairro, do grupo, e assim reforçar o

“laço social” onde são vividas as relações e onde podem ser descobertas as soluções.⁹⁰

Fui em busca de projetos que envolvessem a escola e o centro comunitário dos bairros pesquisados, analisando assim os resultados. Claro que nenhum projeto muda a realidade dos moradores de um bairro de periferia rapidamente, até porque esta não é a intenção, mas sim tentar mudar o senso crítico das pessoas que nessas regiões vivem, para que estas sim saibam visualizar os problemas ao seu redor e tentar solucioná-los em conjunto. Por mais que estas não percebam, a história do bairro em que vivem existe e deve ser compartilhada, assim como acontece com a história do município em que o bairro se encontra e assim por diante. Tentar com que estas pessoas percebam que existe uma identidade não é uma tarefa fácil, e essa é uma das motivações desses projetos.

Abaixo, apresento alguns exemplos de projetos que buscam resgatar a história de bairros no país:

Exemplo 1

História dos Bairros Imagemação⁹¹

“Por meio de uma linguagem artística, o projeto História dos Bairros busca anualmente registrar histórias da cidade. As atividades são desenvolvidas nos centros comunitários municipais e em outros espaços públicos. Integrando artistas com a comunidade, o projeto propicia o contato com o fazer artístico. Desde sua primeira edição, o História dos Bairros já realizou oficinas de fotografia, ilustração, literatura e vídeo. Em 2007, ano em que São Carlos comemorou seus 150 anos, 15 vídeos foram produzidos por estudantes e profissionais da área do audiovisual. Com oficinas de 12 horas, os participantes puderam fazer um pequeno vídeo sobre seu bairro e suas histórias. A diversidade de temas e formatos permite um registro único do município, a partir da visão dos próprios moradores.”

Exemplo 2

Caixa de História⁹²

⁹⁰ Página do governo de Portugal onde informa sobre os direitos básicos, igualdade de oportunidades aos cidadãos portugueses assim como estrangeiros presentes no país. Disponível em <https://www.seg-social.pt/documents/10152/13331/Centro_comunitario/> Acesso em 28 de fevereiro de 2022, às 17:00

⁹¹ Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cultura/115298-projeto-historia-dos-bairros.html>. Acesso em 28 de fevereiro de 2022, às 17:45.

⁹² Disponível em: <http://www.oficinasdehistoria.com.br/projetos/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2022, às 10:06.

“A Caixa de História é uma iniciativa concebida por Luís Reznik e concretizada por um grupo de professores formado por ele e ainda, Márcia Gonçalves, Marcelo Magalhaes, Helenice Rocha e Rui Aniceto Fernandes – todos membros do Grupo de Pesquisa Oficinas de História. Essa criação coletiva vem se concretizando a partir de diferentes apoios, como a Faperj, o CNPQ e a Petrobras. Essa proposta fez parte do Guia de Tecnologias Educacionais do MEC em 2009 e segue em plena atividade e realização. Antes de um projeto, a Caixa de História é uma idéia sobre a educação patrimonial e o ensino de história local. Atividades – todas preparadas para alunos de diferentes séries do Ensino Fundamental – inspiradas em documentos que evocam a história local incentivam a formação de identidades e a valorização do patrimônio material e imaterial pelos alunos moradores dessas regiões. O formato de “caixa” sugere a possibilidade de extrair daquele recipiente inúmeras histórias, em uma criação constante e infundável. Nela estão presentes materiais diversos como pranchas fotográficas, compact disk, papéis, folhetos, livretos, fac-símile de jornais, além de fichas de apresentação do material e de proposição do que deve ser feito para a análise do mesmo em sala de aula”.

Exemplo 3

"Inhamuns: Identidade e Preservação Patrimonial"⁹³

“Tauá. Durante o ano de 2013 os bairros e localidades deste município foram mobilizados com a realização do projeto "Inhamuns: Identidade e Preservação Patrimonial", realizado pela Fundação Bernardo Feitosa. O trabalho também aconteceu nos municípios de Arneiroz e Parambu.”

Alunos, professores, lideranças comunitárias e religiosas, moradores dos bairros e distritos (no caso da zona rural) se uniram em torno do projeto e fizeram importantes resgates da história local e regional, a partir da memória das famílias e comunidades. Várias atividades foram realizadas no município, como oficinas, palestras, eventos religiosos, comunitários e exposições, resgatando e revelando para a comunidade, especialmente as novas gerações, fatos e acontecimentos relevantes da região. Tendo como proposta principal disseminar a

⁹³ Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/projeto-resgata-memorias-e-historias-de-bairros-e-distritos>> Acesso em 28 de fevereiro de 2022, às 11:00.

cultura e os valores da região dos Inhamuns, a iniciativa visa, ainda, formar multiplicadores da cultura, especialmente professores. Mas também se volta para outros grupos e lideranças comunitárias, como artesãos, radialistas, profissionais de cultura e de educação e principalmente estudantes, no sentido de formar uma consciência identificada com os valores regionais. A meta é preservar a memória regional. Para a execução do projeto, a Fundação Bernardo Feitosa conta com o apoio do Governo do Estado do Ceará, Prefeitura Municipal de Tauá e Coelce. A Fundação tem 21 anos de existência, atua principalmente na região dos Inhamuns, tendo como principal missão resgatar e preservar a memória do patrimônio cultural como fonte para o conhecimento histórico.

Segundo a professora Salete Alves, uma das coordenadoras do projeto, a iniciativa surgiu da necessidade de se trabalhar medidas de conscientização da importância do Patrimônio Cultural, na formação de agentes multiplicadores no seio da sociedade. Bairro Alto Brilhante, Escola Lili Feitosa, Escola Cantinho do Saber, na festa da padroeira do município (Nossa Senhora do Rosário), entre outras comunidades urbanas participaram de oficinas, exposições, eventos e outras atividades executadas dentro do projeto. Os moradores de Marrecas, Trici, Carrapateiras, Barra Nova, Marruás e Santa Tereza receberam e participaram das atividades do projeto em suas comunidades (escolas, igrejas, associações, praças).

As primeiras oficinas foram ministradas na cidade de Tauá e no distrito de Marrecas, com duração de três dias. Na ocasião, os objetos identificados durante os três dias de discussões nas oficinas foram catalogadas para realização de uma exposição aberta. "O público das oficinas foi bem diversificado, além dos professores e grupos específicos, contamos com a presença de jovens estudantes, universitários, agricultores, que por meio do trabalho de animação sócio cultural foram sensibilizados a identificar na prática, objetos ou tudo aquilo que eles considerem que tenham um valor histórico cultural", destaca a professora. Segundo o projeto, o patrimônio cultural pode ser encontrado em formas de criações científicas, expressões artísticas, inventos tecnológicos, objetos, documentos, edificações, conjuntos urbanos, sítios de valor, bem como achados arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e científicos.

No bairro Alto Brilhante, por exemplo, com a facilitadora Olga Paiva e a professora Salete, 60 pessoas da comunidade trabalharam a história, a memória e a identidade dos moradores do Bairro Alto Brilhante em uma oficina. Daí foi programada a exposição "O Brilho do Alto". Por meio de levantamento de dados sobre a formação do bairro e a visita às

famílias e entidades da área, o grupo recolheu 150 fotografias antigas de famílias que residiram e residem no bairro, além de 64 objetos antigos que pertenceram e pertencem a diversos moradores.

A oficina realizada pelo projeto na Escola João Casimiro de Oliveira, situada na comunidade de Poço da Onça, Distrito de Carrapateiras contou com a participação de alunos, professores e funcionários da Escola, bem como integrantes da comunidade, e como resultado está sendo constituída a "Casa da Memória Cultural de Carrapateiras", em edificação alugada pela Prefeitura Municipal de Tauá. Conta, atualmente, com 61 objetos doados pelos moradores e, está em andamento a catalogação dos objetos pelos integrantes do grupo.”

Acima estão exemplos de resgate de memória em algumas cidades do país. No momento em que comecei a busca voltada a projetos de resgate e valorização de histórias desconhecidas, percebi que essa iniciativa é colocada em prática com menos frequência em comparação com as demais pesquisas voltadas para locais e monumentos históricos mais conhecidos. Assim como estes, aqui em Jaguarão não é diferente, já que a proposta em busca de enaltecimento de locais desconhecidos não é colocada em prática pelos pesquisadores locais mais antigos.

Com a chegada da Unipampa em Jaguarão que além de oportunizar um ensino superior de qualidade para as pessoas da região, esta também abriu espaço para novos pesquisadores com outras intenções de pesquisa e projetos, voltados para as minorias de uma forma geral, assim como a valorização de espaços considerados comuns e sem história na cidade.

EXEMPLO 4

Projeto de “Educação Patrimonial e Turismo no Cemitério das Irmandades em Jaguarão, RS”

Projeto realizado pelo Curso de Gestão em Turismo da Unipampa e com apoio do Curso de Licenciatura em História tem como intuito promover a história do Cemitério das Irmandades assim como seus aspectos físicos e documentais, possibilitando o conhecimento da história deste aos alunos das escolas assim como os moradores da cidade.

“O objeto desta pesquisa é o Cemitério das Irmandades de Jaguarão, município situado no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, na fronteira com o município de Rio Branco, departamento de Cerro Largo, Uruguai. Neste cemitério oitocentista, inaugurado no ano de 1858, as características referentes à história, à memória individual e coletiva, à arte tumular,

identificações étnicas, artísticas, culturais, religiosas são narradas para os visitantes em dezenas de corredores de túmulos, lápides, mausoléus, estatuária tumular, inscrições e outros símbolos construídos através de diversos tipos de técnicas e materiais. Por seus atributos relacionados à história, memória, arte, simbolismo, dentre outros, o Cemitério das Irmandades pode ser considerado um museu a céu aberto, um lugar de cultura, educação, pesquisa e, da mesma forma, de turismo.

O principal objetivo do projeto é analisar os materiais coletados anteriormente no projeto de pesquisa Turismo no Cemitério das Irmandades: história, memória, arte, simbolismo e educação patrimonial em Jaguarão, RS, sendo eles documentos, atas e depoimentos. Por iniciativa dos discentes do curso de Gestão de Turismo desta universidade, desde o ano de 2017 têm sido realizadas visitas técnicas no cemitério, sob orientação de docentes do curso de turismo e tendo como condutores locais monitores do laboratório de turismo e discentes do curso de Gestão de Turismo e História, no intuito de aprender, refletir e divulgar o cemitério e seu acervo no meio acadêmico. Essas atividades, o Turismo no Cemitério das Irmandades, têm congregado discentes de outros cursos da universidade, bem como de integrantes da comunidade local. Assim, pode-se compreender que proposta que se apresenta neste projeto visa constituir saberes que conduzam à organização do turismo no Cemitério das Irmandades, culminando na inserção da comunidade local, alunos de escolas locais e de turistas no Cemitério das Irmandades.. Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa. Integrantes: Alessandra Buriol Farinha - Coordenador / Liana Nadine Gonzalez Pineiro - Integrante / Nycole Schmitt Andrade - Integrante.”⁹⁴

Exemplo 5

“Territórios Negros em Jaguarão: revisitando o centro histórico”

“A oficina foi elaborada a partir da construção de um percurso patrimonial pela cidade, que tem seu conjunto histórico e paisagístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Tratou-se de uma visita guiada, de caráter dialógico, com o enfoque em passagens da história social do negro neste território, desde princípios da ocupação local, pelos colonizadores ibéricos, até os períodos que se sucederam à abolição da escravidão. A oficina foi inspirada em práticas recentes de revisão destes tipos de roteiros

⁹⁴Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=1E263BD9295B7977E2519A2E7C0812D4.buscatextual_6. Acesso em: 04 de março de 2022, às 08:05.

tradicionais como o que acontece em Porto Alegre e que originou o Museu do Percurso do Negro. Um contraponto às perspectivas mercadológicas do Turismo, que buscam demarcar reflexões fundamentais em torno da formação das cidades, chamando a atenção de grupos que foram negligenciados de uma História Oficial.”⁹⁵

Pode-se perceber que o projeto de “Educação Patrimonial e Turismo no Cemitério das Irmandades em Jaguarão, RS” busca evidenciar o acervo histórico assim como a divulgação dos conteúdos dos documentos, permitindo que a instituição também sirva como espaço educativo para os estudantes, habitantes locais e turistas. A oficina “Territórios Negros em Jaguarão: revisitando o centro histórico” traz como proposta a evidência dos locais de memória e herança cultural da população negra escravizada, que aqui em Jaguarão desembarcava através do cais do porto para depois ser comercializada.

Percebe-se que são escassos os projetos voltados para as minorias, pois muitas vezes torna-se trabalhoso buscar arquivos que talvez não existam mais, forçando os pesquisadores a procurar temas popularmente conhecidos devido o fácil acesso de material, e foi esse fato que me motivou a essa pesquisa e proposta pedagógica que trarei em seguida.

Os relatos coletados para esta pesquisa, também foram utilizados para a criação de um “cordel”,⁹⁶ pelo Sr. Silvio Nunes⁹⁷ e a professora Geice Peres⁹⁸ que contribuiu com a arte da capa, o qual será apresentado aos alunos da escola posteriormente⁹⁹, para que estes compreendam que há maneiras de registrar as histórias coletadas.

Minha sugestão de atividade é a realização de uma oficina permanente de história do bairro, utilizando o espaço da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas e o Centro Comunitário do bairro Vencato em conjunto, onde na escola os alunos produzirão um mini livro e a escola ficaria a cargo de levá-lo para o centro comunitário anualmente para que este ficasse exposto permanentemente na instituição para conhecimento da comunidade ao redor, pesquisas e visitação.

⁹⁵ LIMA, Andréa da Gama; AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *Territórios negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico*. In: Ensino de História no Conesul: Patrimônio Cultural, Territórios e Fronteiras. Jaguarão: Evangraf, 2012. p. 261-272.

⁹⁶ A **Literatura de Cordel** no Brasil é o resultado de uma série de práticas culturais em que os cantos e os contos – e suas variantes – constituem as matrizes a partir das quais uma série de formas de expressão se forjou. Na formação da cultura brasileira, da qual a literatura de cordel faz parte, tanto indígenas quanto africanos e portugueses adicionaram práticas de transmissão oral de suas cosmologias, de seus contos, de suas canções. A questão da harmonia sonora é muito ressaltada pelos poetas.. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4819>>. Acesso em: 04 de março de 2022, às 14:01.

⁹⁷ Assistente em Administração da Secretaria Acadêmica UNIPAMPA – Jaguarão/RS. Também é administrador da página “Arteiro”, que divulga poesias, crônicas e pequenos contos

⁹⁸ Professora do curso Licenciatura em Letras UNIPAMPA - Jaguarão/RS

⁹⁹ O modelo de cordel estará disponibilizado na p.86

A intenção é que essa oficina seja realizada na escola uma vez no fim de cada ano letivo, para que se exponha permanentemente o material atualizado no centro comunitário do bairro sempre no início de cada ano.

Para essa proposta será necessário realizar com antecedência, uma análise dos problemas da comunidade contando com o apoio da UNIPAMPA, com os alunos e professores da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, e o líder do centro comunitário. Essa conversa é fundamental para que haja uma discussão sobre o cotidiano do bairro, com os diferentes olhares que estarão presentes no centro para que se chegue a um consenso de um tema a ser trabalhado, ao mesmo colocando em prática uma das funções do espaço. O tema será oriundo de problemas do bairro e apresentação de práticas para solução destes.

A cargo dos professores de história da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas

- *Levar ao centro comunitário do bairro a necessidade da escolha de um tema ou problema a ser trabalhado no projeto, escolhido anteriormente através de uma análise realizada pelo trabalho em conjunto com a gestão do espaço comunitário, Unipampa e escola do bairro;
- *Levar o projeto aos alunos da escola, explicando os benefícios do projeto para a comunidade, além de disponibilizar tempo durante as aulas para a execução deste;
- *Explicar a importância da consciência histórica e identidade no seu cotidiano;
- *Explicar o porquê da ausência de história do bairro e questioná-los;
- *Presenteá-los com um material criado com os relatos coletados nesta pesquisa (cordel) para que sintam-se incentivados neste projeto e percebam que é possível resgatar memórias;
- *Ajudar os alunos com quaisquer dúvidas que venham a ter no decorrer da atividade.
- * Encarregar-se de levar o material criado pelos alunos para o centro Comunitário para que este fique exposto permanentemente.
- * A professora da escola juntamente com o Centro Comunitário do bairro devem solicitar um encontro com os professores de História da Unipampa para falar sobre o projeto e solicitar apoio para que este tenha continuidade nos anos seguintes.

A cargo dos alunos

- * Entrevistar familiares antigos ou conhecidos que moram a bastante tempo no bairro, com questionário específico e transcrito em um caderno ou impresso, assim como os relatos coletados;

- * Solicitar fotos antigas do bairro, caso tenha;
- * Caso haja fotos antigas, tirar outra foto atual para que se possa comparar e visualizar as mudanças, caso tenham ocorrido.

A cargo do curso de história da Unipampa

- Auxiliar na arrecadação de material;
- Dar apoio de formação ao professor;
- Auxiliar na impressão dos mini livros;
- Analisar os resultados do projeto.

Construindo o mini livro

- A construção do mini livro acontecerá todo final de ano letivo pelos alunos, e fica a critério da professora da escola, aplicá-lo como atividade avaliativa, sendo que o projeto deve ser executado apesar de qualquer circunstância;
- Os alunos deverão levar todo o material reunido para a aula de História em que foi combinada para fazer a seleção do material que será utilizado para a confecção dos mini livros;
- Enquanto os alunos mostram fotos e contam suas experiências como entrevistadores, a professora terá autonomia de levantar questões que fazem parte do cotidiano dos alunos e que estes não haviam percebido, assim como esclarece possíveis dúvidas que possam surgir;
- Cada aluno deverá escrever um resumo a partir do material que coletou e reunir com as fotos antigas e atuais, caso as tenha;
- A estrutura do mini livro poderá ser de ambas as formas: cada resumo acompanhado de suas fotos, ou também poderá ser por temáticas já que possivelmente muitas irão se assemelhar perante os fatos ocorridos e fazer uma relação entre esses resumos;
- O número de páginas do material é indefinido, já que cada aluno não possui um mínimo e sim uma meta que é trazer os relatos e fotos;
- Os alunos participantes do projeto deverão tirar uma foto do grupo juntamente com a professora na escola, para que esta conste também na página final do mini livro, identificando o grupo que o produziu;

- O mini livro será impresso em papel A4. Serão feitas 4 cópias do mini livro: uma para a escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, uma cópia para o Centro Comunitário do Bairro, uma cópia para a biblioteca da UNIPAMPA, e uma cópia para a Biblioteca Pública Municipal;
- Todos os anos o grupo que participará do projeto será diferente, já que a intenção é oportunizar a participação de alunos novos da escola. O que também fará com que o livro produzido no presente seja distinto e atualizado comparado ao ano anterior;
- O mini livro estando pronto, este será levado para o Centro Comunitário do bairro para que este fique exposto.

A cargo do centro comunitário

- *Ceder e organizar parte do espaço interno para a exposição do material criado pelos alunos da escola, nomeado como um projeto de história do bairro em conjunto com a escola;
- * Preservação e cuidado no manuseio do material e espaço de exposição, assim como o restante do local;
- * Criar iniciativas para que sejam realizadas conversas com a comunidade, convidando algumas pessoas que fazem parte da comunidade para que estas compartilhem suas memórias com os demais, trazendo também documentos e fotos antigos do bairro, e também pesquisadores e alunos história da Unipampa, que estudam sobre o bairro e a cidade.

Resultado do projeto

- Não foi possível colocá-lo em prática no momento em que estava produzindo este trabalho, pois as escolas estão fechadas devido as férias de verão;
- Assim que a escola iniciar o ano letivo de 2022, será levada a proposta deste projeto até a direção da escola;
- Assim que aprovado o projeto pela escola, a mesma proposta será levada ao gestor do centro comunitário para que este tenha conhecimento e auxilie para que o projeto aconteça e tenha continuidade os próximos anos;
- Como ainda não obtivemos nenhum resultado, espero que pós colocada em prática, a atividade mude a percepção da comunidade perante os acontecimentos ao seu redor sabendo reconhecer as adversidades e encontrar maneiras de solucionar os problemas;

- Tornar as aulas de história da escola do bairro mais satisfatórias tanto para os alunos quanto os professores;
- Incentivar a comunidade a também pensar em ações em prol de melhorias da região;
- Pensar em ações sociais para a população carente;
- Acrescentar mais funções ao centro comunitário, como local de acervo de documentos e informações gerais do bairro para pesquisa e visitação;
- Resgatar a história do bairro para que população compreenda que esta possui identidade e se veja como parte da história;
- Ser um exemplo que incentive a pesquisa e produção de material didático voltado para a história dos outros bairros de Jaguarão, e que este material seja incluído nas escolas de periferia da cidade, assim como a exposição da sua história para a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, tive a intenção de criar um modelo de atividade para os alunos da escola do bairro Vencato a partir das memórias coletadas por mim, em que estes utilizassem as memórias por eles recolhidas como fonte para a criação de material didático representativo da comunidade, a ser utilizado nas aulas de História e também com a finalidade de exposição no Centro Comunitário do bairro para visitação da população e pesquisa. Acredito que esse material ao ser utilizado na escola, será de grande auxílio para os professores ao lecionar a disciplina de história, já que não há muitas publicações voltadas para a história do bairro Vencato, assim como os demais bairros de periferia de Jaguarão.

O acesso a esse material nas aulas permitirá que os alunos sintam-se pertencentes à história do bairro, já que estes não estão presentes nos livros didáticos, proporcionando um sentimento de identidade e pertencimento ao bairro Vencato¹⁰⁰. O mesmo espero que aconteça com os moradores, com a exposição do material no centro comunitário. Acredito que este trabalho também incentive outros pesquisadores a enaltecer a existência dessas minorias, que estas também possuem a sua história e que deve ser compartilhada. Lembro aqui que não tive oportunidade de propor a atividade   escola, pois o ano letivo de 2022 ainda não havia iniciado, deixando aqui minha intenção de que esta atividade tão necessária seja colocada em prática ainda este ano.

No primeiro capítulo procurei contar a história de formação da cidade de Jaguarão até sua elevação, formação e estrutura, assim como as diferentes classes sociais que aqui se encontravam e contando um pouco sobre o cotidiano que as distinguiu. Também dediquei parte para falar sobre o bairro Vencato, meu objeto de estudo que por meio de fontes orais de moradores e conhecedores do bairro, tendo acesso   histórias que ainda eram desconhecidas por não serem compartilhadas.

No segundo capítulo relatei sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa, sendo a história oral, com seus conceitos e maneiras de utiliz -la em coleta de relatos, já que não haviam arquivos físicos para que eu pudesse pesquisar. Para isso busquei outras pessoas que pudessem falar sobre o bairro, de tempos remotos acrescentando assim, novas histórias às já

¹⁰⁰ Segundo CERRI “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. CERRI, L. F. *OS CONCEITOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E OS DESAFIOS DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA*. Revista de História Regional, v. 6, n. 2, 24 set. 2007.pag. 93

conhecidas. Também fiz uma relação entre entrevistados e seus relatos¹⁰¹, já que muitos fatos ocorridos no passado foram contados por mais de um entrevistado, porém como cada um possui uma visão distinta dos acontecimentos, esses fatos possuíam mais de uma versão. Após as entrevistas e leituras destas, percebi que os narradores possuíam coisas em comum, que primeiramente não percebi ao fazer os convites.

No terceiro capítulo, focado no ensino de história comentei sobre os problemas enfrentados pelos professores e alunos frequentadores das escolas de periferia, que não se interessam por uma história da qual estes não fazem parte. Também busquei criar um exemplo de atividade didática com as memórias do bairro as quais coletei, com o auxílio do Sr. Silvio Nunes e a professora Geice Peres foi criado um cordel. Este cordel é apenas um modelo que tem o propósito de mostrar aos alunos que é possível criar um material representativo de sua história através de pesquisa, inspirando-os a buscar outras histórias.

A proposta final vai além do incentivo à pesquisa, mas também com o material coletado, os alunos criarem um mini livro contendo as histórias relatadas por outros moradores e que este possa ser de utilidade nas aulas de história do bairro. Além da sua utilização na escola, este também represente a trajetória da comunidade e que esta ali se veja como personagem e também se identifique. A idéia é que este projeto tenha continuidade, pois a maior intenção é que seja realizado anualmente, sempre envolvendo alunos novos com temáticas distintas a cada ano, sempre com o apoio da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, seus alunos e professores, o centro comunitário do bairro e o curso de Licenciatura em História da Unipampa. O material produzido deverá ser colocado à disposição no Centro Comunitário para exposição e consulta, e a cada ano será criado uma versão atualizada para que também possamos comparar as melhorias e o progresso em relação aos anos anteriores.

¹⁰¹ Segundo XAVIER(2020) “Neste caso, o depoimento respeita e considera a sequência memorialística do depoente considerando seus silêncios, ditos e não ditos. Deste modo, o entrevistador é um ouvinte que jamais deve interromper o depoente. Tal classificação metodológica também poderá ser atribuída à tradição oral, porém com uma importante distinção: ao invés de entrevistador, o que existe é um observador do fenômeno. Como a memória que pode ser traduzida através dos depoimentos, como afirma Caxile (2019, p. 9), “a memória é a vida, formada por grupos vivos, sendo assim, ela está sempre evoluindo, fazendo - se na lembrança e no esquecimento” XAVIER, A. R.; MUNIZ, K. R. de A.; VASCONCELOS, J. G.; PINTO, F. R. M. Memória: abordagem teórico-conceitual. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.], v. 3, n. 1, p.3,4 e313798, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v3i1.3798. Disponível em:< <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3798>>. Acesso em: 7 de março de 2022, às 06:30.

REFERÊNCIAS

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa da Gama. *Territórios negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico*. In: Ensino de História no Conesul: Patrimônio Cultural, Territórios e Fronteiras. Jaguarão: Evangraf, 2012.

APERS – inventário de Manoel Amaro Barbosa. Autos n. 944 Maço n. 36. Estante n. 14. Cartório de Orphãos e Ausentes, Jaguarão, 1899

CERRI, L. F. *Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática*. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.15i2.264278. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, 9 dez. 2010.

CERRI, L. F. *Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história*. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, 24 set. 2007.pag. 93

DE VARGAS GIL, Carmem Zeli. *Da Vila Dique ao Porto Novo: Extensão Popular, rodas de memórias e remoções urbanas*. 2017.88f. UFRGS, Porto Alegre, 2017.

Dicionário de conceitos históricos / Kalina. Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009. Bibliografia. 440 páginas.

Disponível em <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>

Disponívelem:<https://www.researchgate.net/publication/276343673_Construindo_a_Historia_dos_Bairros_Um_Dialogo_Entre_Memoria_e_Educacao>.

GONZALEZ PIÑEIRO, Liana Nadine. *Arte e discursos do Cemitério das Irmandades de Jaguarão nas primeiras décadas da República*:. 2018. 69F. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Unipampa, Jaguarão, 2018.

HARTOG, François. *Memória e História*. In: Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

<http://www.cpop.ufpr.br/portal/equipe/luis-fernando-cerri>

A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo. Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. BURKE, Peter .

Jaguarão – A história que queremos preservar – Ano 2003; Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Jaguarão: revisitando o Centro Histórico. In: AL-ALAM, C. C.; SILVA, A. F.; FRAGA,

LAPUENTE SOUZA, Katarine. “*JUBILOSOS E ESPERANÇOSOS INICIÁVAMOS ENTÃO A CAMINHADA*”: *homens e mulheres e as décadas iniciais do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (1966-1986)*. 2017. 75f Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Unipampa, Jaguarão, 2017

LIMA VERGARA, Patrícia. “*UM POR TODOS, TODOS POR UM*”: *A SOCIEDADE OPERÁRIA JAGUARENSE (1911-1948)*. 2019. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Unipampa, Jaguarão, 2019.

MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão*. Barcelona: Universidade Politècnica de Catalunya, 2001. Tese (Doutorado).

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria. *Ensino de História: entre história e memória*. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). *História e Educação: territórios em convergência*. 1ªed.Vitória(ES): GM/ PPGHIS/UFES, 2007, v. 1

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral, caminhos e descaminhos*. São Paulo: ed. Contexto, 1992.

PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES. Rev. Pemo – Revista do PEMO. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, 2020

RODRIGUES, André Wagner. *Um olhar complexo sobre o passado: história, historiografia e ensino de história no pensamento de Edgar Morin*. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2011.

ROSA, Alzemiرو Gonçalves. *A voz popular: O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História-Licenciatura na Universidade Federal do Pampa. Jaguarão, 2015.

Pereira; AGUIAR, Daniela Fernandes de; XAVIER Daniela. Lisboa; OLIVEIRA Eriene Nunes; NOVASCO Elin Mary de Lima. *A influência da família no processo de ensino aprendizagem*.. 2005.92f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, Brasília, 2005.

SOARES, Eduardo S.; FRANCO, Sérgio F. *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010

Sobre iniciativas que resgatam histórias de bairros: <https://www.researchgate.net/publication/276343673_Construindo_a_Historia_dos_Bairros_Um_Dialogo_Entre_Memoria_e_Educacao>.

Sobre (COVID-19). Disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/covid19/covid-19/> >

Sobre a função do centro Comunitário. Disponível em: <https://www.seg-social.pt/documents/10152/13331/Centro_comunitario/>

Sobre a origem do carnaval. Disponível em: <
<https://www1.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/228-a-origem-do>>

Sobre as funções de um centro comunitário<https://www.seg-social.pt/documents/10152/13331/Centro_comunitario/

Sobre atividades que envolvem historia de bairros Disponível em:
 <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/projeto-resgata-memorias-e-historias-de-bairros-e-distritos>>

Sobre atividades didáticas que envolvem história de bairros.Disponível em:
<http://www.oficinasdehistoria.com.br/projetos/>

Sobre descarte de documentos. Disponível em: <
<https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>

Sobre história de bairros: <http://www.labcidade.fau.usp.br/depois-que-o-barro-acaba-novas-centralidades-em-periferias-autourbanizadas/>

Sobre o cordel <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4819>

Sobre o Estatuto da criança e do adolescente ECA <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/eca>

Sobre projetos voltados à história de bairros
[.http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cultura/115298-projeto-historia-dos-bairros](http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cultura/115298-projeto-historia-dos-bairros).

Sobre projetos voltados no resgate de memórias dos bairros de periferia
 Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/276343673_Construindo_a_Historia_dos_Bairros_Um_Dialogo_Entre_Memoria_e_Educacao

TEIXEIRA, Fladiane Nunes. *O Vencato a partir da memória de seus moradores: Do loteamento à construção do bairro*. Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2015. (Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em História)

TEIXEIRA, Fladiane Nunes. *Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão/RS*. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

THOMSOM, Alistair. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. Proj. História, São Paulo, (15), abr.1997.

XAVIER, A. R.; MUNIZ, K. R. de A.; VASCONCELOS, J. G.; PINTO, F. R. M. Memória: abordagem teórico-conceitual. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.], v. 3, n. 1, p.3,4 e313798, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v3i1.3798. Disponível em:<<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3798>>.

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. p.3. Disponível em < <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802> >

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Aqui trago as entrevistas completas e mais informações sobre os entrevistados. Ao total são seis entrevistas, com um roteiro de treze questões, transcritas em ordem cronológica. Entrevistadora: Maria Gabriela Faria, acadêmica do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, Rio Grande do Sul.

PRIMEIRA ENTREVISTA

No dia 18 de outubro de 2021, às 14:00h foi entrevistado o Sr. Adão Pimentel, 75 anos, aposentado, residente na rua José Alberto Portela, 107, Cerro da Pólvora. Por ser uma das figuras mais antigas da região, escolhi o Sr. Adão para essa entrevista para que este pudesse nos surpreender com fatos que até então eram desconhecidos, pois os detalhes do seu relato, não são encontrados em nenhum documento. Este senhor, quando tinha por volta de seis anos de idade recorria a área que hoje é o Bairro Vencato quando ainda era campo, enquanto sua mãe trabalhava como lavadeira nas margens do rio Jaguarão, e traz detalhes como era o local, e até lembra do primeiro morador durante o processo de loteamento do bairro.

Maria Gabriela: Boa Tarde Sr. Adão Pimentel!

Pimentel: Boa tarde!

Maria Gabriela: O senhor sabe como surgiu o bairro?

Pimentel: Eu vim conhecer a Chácara do Galo eu já tinha seis anos né, agora os donos primeiros não sei, a única coisa que sei dizer, que era do “Velho” Atanagildo Feijó que era primo-irmão do meu pai, tudo castelhano, agora de quem comprou não sei, eu sei que ele vendeu pro Vencato, e os alugador que foi o Velho Júlio Peres¹⁰², o Amadeu¹⁰³ que eu não me lembro quem era o Amadeu e o “Sputinik”¹⁰⁴ que era um alemão que arrendou aí e era fugido

¹⁰² Arrendatário de uma parte da Chácara do Galo. Não foram encontrados documentos com informações sobre esse indivíduo.

¹⁰³ Arrendatário de uma parte da Chácara do Galo. Não foram encontrados documentos com informações sobre esse indivíduo.

¹⁰⁴ Arrendatário de uma parte da Chácara do Galo. Não foram encontrados documentos com informações sobre esse indivíduo.

da guerra da Alemanha, era marido da professora que não me lembro mais o nome, ele tava aqui fugitivo. A mãe mandava dinheiro pra ele aqui, que lá na Alemanha ele era morto. Mamãe lavava pra Luísa, que era mulher do Atanagildo, era lavadeira, e tinham os cachorros que eram brabos e eu ia costeando, não sei o que eu fui fazer lá, e subi em cima do muro e cai e espetei o braço e aí o meu padrinho, tem um sinalzinho aqui, foi bem aqui, botou álcool, que loucura, como ardia. Na Chácara do Galo, eles plantavam pêra e transportavam por via fluvial, ali perto do açude tinha um monte de pereira. E ali o cemitério também era campo, que foi dado pelo Claudino Echevengá¹⁰⁵, o Cemitério das Irmandades. O Cemitério, a metade era Católico e a outra parte era Protestante, e que a Chácara do Galo, dizem que era da sogra do finado Claudino Echevengá, que era tudo da mesma gente.

Maria Gabriela: O senhor sabe a história dos primeiros moradores do bairro?

Pimentel: A primeira casa que fizeram foi ali na Rua do Cordão¹⁰⁶, era a casa do “Canário”¹⁰⁷, que era funcionário do Vencato, depois ele (Sr. Frederico Vencato) começou a lotear, fez a vila ali, deu o terreno pra fazer o colégio, tudo isso aí, pra fazer o postinho, pra praça, foi doado pelo Vencato, e aí o bairro foi crescendo.[...] o finado Claudino Echevengá que era um dos homens mais ricos. Aquilo ali era grandíssimo, e ele era um dos primeiros a ter auto na garagem, as olarias¹⁰⁸ dele, barbaridade, aquele lagoão era de olaria.

Maria Gabriela: O senhor sabe de algum fato curioso sobre o bairro?

Pimentel: As catacumbas que tinha no taquareiro, as cruz de ferro, hoje não sei se acha, mas aquilo deve ser de 1800 e pouco, pois a Chácara do finado Áureo é de 1858 e aquela casa deve ser da mesma idade daquilo ali, e ali na frente aquilo tudo ali de muro, hoje é arame, ali na frente da Chácara do Galo, na entrada. Era muro daquele tijolo bagual¹⁰⁹, um portão todo de ferro, e em cima do portão tinha um galo pedrêz¹¹⁰ alouçado, era bonito aquilo ali. Ali da ponta do muro das casas era de tijolo de grade, e o fundo da casa também toda de muro e grade.

¹⁰⁵ Fazendeiro vizinho do Sr. Vencato, que tinha suas terras ao lado da Chácara do Galo.

¹⁰⁶ Atual Rua Barbosa Neto.

¹⁰⁷ Um dos funcionários do Sr. Frederico Vencato. Não foi encontrado nenhum familiar para dar mais informações sobre este Sr.

¹⁰⁸ Local onde se fabricam tijolos e artefatos de barro.

¹⁰⁹ Termo para algo muito grande.

¹¹⁰ Salpicado de preto e branco

Onde era a Rua do Cordão, todo mundo pegava água na cacimbinha que tinha um pé de embira¹¹¹, e até o dia de hoje é lá, e ta naquele terreno que tem vazio entre o meio e o Hélio, e não sei de quem é a outra casa, e a água dessa cacimba¹¹² é de uma vertente que passa ali, e ali defronte onde era o Colégio, que hoje é a Capela São Vicente, também tem outra vertente, que eu tomava água, é uma vertente que sai aqui na Vencato, o aquífero Guarani.¹¹³

Maria Gabriela: A escola da Vencato menciona nas aulas a historia do bairro?

Pimentel: Não soube responder.

Maria Gabriela: Já viu a história do bairro publicada em algum livro?

Pimentel: Não.

Maria Gabriela: O senhor acha que seria importante a Vencato possuir a sua história publicada em algum livro e que este fosse considerado referência como os demais livros sobre a história da cidade?

Pimentel: Acho que sim

Maria Gabriela: Por que a Vencato e os outros bairros não possuem história publicada como a parte central da cidade?

Pimentel: Não soube responder.

Maria Gabriela: Acha que faria alguma diferença o bairro e os demais terem sua história publicada? Se sim, para quem?

Pimentel: Não soube responder.

Maria Gabriela: Em quais situações e momentos a população do bairro sente indiferença da parte central da cidade?

Pimentel: Não soube responder.

¹¹¹ Fibra de vegetal.

¹¹² Poço de água potável.

¹¹³ Disponível em: < <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/aquifero-guarani.htm>> Acesso em: 18 out, 2021.

Maria Gabriela: Por que somente a parte negativa do bairro é mencionada em certos momentos?

Pimentel: Não soube responder.

Maria Gabriela: Quais aspectos positivos do bairro poderiam ser mencionados?

Pimentel: Não soube responder.

Maria Gabriela: Por que os autores de obras não tem objetivo de falar dos bairros, no caso da Vencato?

Pimentel: Não soube responder.

Maria Gabriela: Houve algum personagem político que empenhou-se em busca de melhorias do bairro, tanto física quanto cultural? Qual? Em que período?

Pimentel: Não soube responder.

SEGUNDA ENTREVISTA

Entrevista realizada no Centro comunitário do Bairro Vencato, dia 19 de outubro de 2021, às 17:00h, com o Sr. João José Martins Dutra, popularmente conhecido como “Zé da Vencato”, 53 anos, vendedor e atual líder do centro comunitário do bairro.

Foi escolhido para essa entrevista devido ao seu papel como líder comunitário, o qual além de engajar lutas de melhorias em infraestrutura no bairro, é também um integrante da comunidade que conhece toda a população, o que permite que nos dê informações mais específicas sobre o cotidiano e vida social do bairro.

Maria Gabriela: Boa tarde Sr. Dutra!

Sr. Dutra: Boa Tarde!

Maria Gabriela: O Sr. sabe como surgiu o bairro?

Sr. Dutra: O que eu sei é que aqui era campo, depois o dono o Sr. Frederico Vencato loteou e daí surgiu o bairro.

Maria Gabriela: O Sr. sabe a história dos primeiros moradores do bairro?

Sr. Dutra: Não soube responder.

Maria Gabriela: Sabe algum fato curioso sobre o bairro?

Sr. Dutra: Em 1986, o Fernando Ribas que era prefeito na época, deu a escritura do prédio para construir o centro comunitário, e eu me lembro que eu ajudava a carregar pedra para fazer o alicerce, e isso levou como dois anos.

Maria Gabriela: A escola da Vencato menciona nas aulas a historia do bairro?

Sr. Dutra: Do pessoal que mora aqui? Nunca, nunca ouvi nada a respeito, nem nada parecido.

Maria Gabriela: Já viu a história do bairro publicada em algum livro?

Sr. Dutra: Não

Maria Gabriela: Você acha que seria importante a Vencato possuir a sua história publicada em algum livro e que este fosse considerado referência como os demais livros sobre a história da cidade?

Sr. Dutra: Sobre a publicação da história do bairro, seria muito interessante, porque, saberíamos como surgiu, quando iniciou a sua construção, como foram as etapas da construção para ser o que hoje é. Inclusive, foi o Vencato que doou o terreno do colégio, foi ele que doou a praça da Vencato, foi ele quem nos doou o terreno para o centro comunitário, e para tu ver, que construíram o colégio, construíram o centro comunitário, a praça, o postinho de saúde, e nunca sequer ninguém lembrou dele, colocou o nome dele. Quem nos doou todo o forro, a parte elétrica e pagou o eletricitista foi a Dona Adélia e seu Darcy que era irmão dela. Depois quando reinaugurarmos o centro aqui, vamos tirar o nome de centro comunitário zona C Vencato, que vai deixar de existir, e vai ser Centro Comunitário Vencato. Nós vamos fazer uma homenagem, acredito que daqui a um ano, pois a gente parou, temos todo o piso, as coisas para fazer na obra e não deu por causa da pandemia.

Maria Gabriela: Por que a Vencato e os outros bairros não possuem história publicada como a parte central da cidade?

Sr. Dutra: Não soube responder

Maria Gabriela: Acha que faria alguma diferença o bairro e os demais terem sua história publicada? Se sim, para quem?

Sr. Dutra: Não soube responder

Maria Gabriela: Em quais situações e momentos a população do bairro sente indiferença da parte central da cidade?

Sr. Dutra: É assim: o pessoal do centro fala: o pessoal da Vencato, o que eles vão pensar: os marginal! Por quê? Porque a Vencato foi um bairro muito violento, para tu ver que tu entrava aqui de noite, te cobravam um pedágio aqui no bairro, ali na Odilo Gonçalves, então o pessoal tinha medo de vir aqui no bairro Vencato, tinha muita essa coisa de droga. Nós aqui conseguimos acabar com as drogas com ação social. O que a gente fazia aqui no bairro? Nós fazíamos reunião com a delegada, com o capitão da brigada e a comunidade vinha, e nós conversávamos com a comunidade de que forma nós podíamos melhorar o bairro, para ajudar os próprios filhos, era muito pesado o bairro Vencato. Onde tu ia tinha boca de fumo. Aí comecei a fazer reunião, ação social, dava palestra para as mães, a importância das crianças estarem no estudo. Tinha que quebrar o tabu, que era a única forma que tinha, de que se os pais eram pobres, os filhos tinham que ser pobres também. Tu pode mudar, só que através do estudo, isso era o que nós fazíamos, só que parou por causa da pandemia, mas nós vamos continuar fazendo isso aí, mostrar para os pais a forma de mudar a vida deles, que é com o estudo.

Maria Gabriela: Por que somente a parte negativa do bairro é mencionada em certos momentos?

Sr. Dutra: Por que era um bairro muito violento e ficou com essa fama.

Maria Gabriela: Quais aspectos positivos do bairro poderiam ser mencionados?

Sr. Dutra: Começamos a criar uma ação social, eu tava pensando assim, as crianças não sabem o que é um tradicionalismo, não sabem nada, de que forma eu poderia criar um interesse nelas? eu vou buscar recurso, apoio de pessoas que têm estância, comecei a procurar eles, isso a uns sete anos atrás, pedi apoio pra eles e comecei a fazer o churrasco do dia do gaúcho, demos churrasco para as crianças da APAE, do piquete da APAE, pro Lar de Passagem, e para as crianças do bairro, que no primeiro ano de churrasco teve umas 280 crianças aqui no centro comunitário, e o resto que a gente vinha durante o ano lutando, fazendo rifa, uma coisa e outra, a gente comprava carne e a comunidade vinha almoçar aqui com as crianças a dez reais. O adulto pagava, as crianças não pagavam, almoçavam gratuitamente, e fizemos quatro anos isso aí, fizemos dois assados no couro e o resto com ovelha e costelão. A bebida a maior parte a gente compra, mas às vezes era doada também. Dessa forma a gente também foi fazendo natal para as crianças aqui, foi fazendo festa do dia das crianças, páscoa para as crianças, aqui tem capoeira, tinha boxe, vai começar reforço de aula, tudo para a comunidade. Tem coisas para se mudar, principalmente na parte humana do ser humano, porque às vezes tu luta... luta e alguns nunca estão contentes. Eles acham que os de fora vem e são melhores, mas só que esses de fora vem e não fazem nada, e esse pensamento deles têm que mudar, pois esse pensamento às vezes te deixa meio esgotado, desmotivado, frustrado. O bairro Vencato hoje é muito tranquilo, o mais tranquilo de todos eles em Jaguarão, tu passa aí, tu pode voltar. Aquele negócio que tu tinha que estar te cuidando não tem mais. Tem seus contrapontos, entendeu? Tem coisa para melhorar, mas pelo que era? É muito bom aqui agora.

Maria Gabriela: Por que os autores de obras não tem objetivo de falar dos bairros, no caso da Vencato?

Sr. Dutra: Não soube responder

Maria Gabriela: Houve algum personagem político que empenhou-se em busca de melhorias do bairro, tanto física quanto cultural? Qual? Em que período?

Sr. Dutra: Aqui nunca houve político ajudando, nem na época e nem agora. As lideranças comunitárias na época quem criou foi o Fernando Barreirinhos, a Carvalho, a Kennedy, o Cerro, aqui também, onde o líder do bairro era votado pela comunidade e levava os problemas do bairro para o prefeito, isso sem remuneração, sem nada, e trabalhava gratuito para a

comunidade, simplesmente por amor à comunidade, ajudar o seu bairro. O antigo líder comunitário, o “Catarina”, cedeu o centro comunitário, para que a população pudesse ter o posto de saúde e não ficasse sem essa assistência social, até construir um novo postinho, porque , o postinho que havia aqui, que era um chalé, se desmanchou. Quando o novo partido político assumiu, a prefeitura fez doações dos centros comunitários, o Cerro fez isso aí, colocou famílias, dividiu o centro comunitário, criou duas casas, e doou para as famílias, aqui ele tinha doado para uma família, e depois doou para mais duas famílias, as outras duas partes do centro comunitário, por não fazer moradias que era obrigação do município. Isso aqui nunca tinha sido usado pra comunidade. Todos os presidentes que passavam aqui, eles faziam benefício para baile, e outras coisas, daí tu queria usar pra aniversário e era uma luta te deixarem, aí comecei a fazer reunião no colégio com a comunidade, mostrar para que servia o centro comunitário, para que foi construído o centro comunitário, e o pessoal começou a debater, comecei a mostrar minhas propostas para eles, de formar um centro comunitário, lutar pelo bairro e ajudar a comunidade através de ação social. Aí comecei uma briga na justiça com a prefeitura, não tive apoio de nenhum vereador, procurei os vereadores todos, nunca tive apoio deles, apoio pra nada.

TERCEIRA ENTREVISTA.

Entrevista realizada dia 16 de novembro de 2021, às 16:00h na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas, localizada na Rua Rosalino Lopes de Moura n°121, bairro Vencato. A entrevistada é a Vice-diretora da escola, a professora Maria Túlia Duarte de Mendes Arence de 51 anos que morou no bairro durante a infância e com seu relato será possível compreender um pouco o cotidiano da escola do bairro e algumas lembranças sobre a história do bairro.

Maria Gabriela: Boa tarde Sra. Maria Túlia!

Sra. Maria Túlia: Boa tarde!

Maria Gabriela: A senhora sabe como surgiu o bairro?

Sra. Maria Túlia: O que eu sei é mais ou menos de vivência. Antes tinha só a Chácara do Galo, que era de propriedade dos Vencato. Na época, a Vencato mesmo, era da “sanga” pra

cá, desse lado da região, não era como a prefeitura colocou, da rua Uruguai pra cá. A Vencato não era ali, a Vencato era onde a gente tá, da rua Ciro Oliveira Nunes nessa direção, o resto era centro.

Maria Gabriela: Você sabe a história dos primeiros moradores do bairro?

Sra. Maria Túlia: Quando eu era pequena, aqui era campo, só tinha uma ou duas casas que eram dos funcionários que trabalhavam para o Sr. Frederico Vencato, e depois eles foram loteando.

Maria Gabriela: Sabe algum fato curioso sobre o bairro?

Sra. Maria Túlia: tinha num local uma casa que foi onde começou o carnaval de Jaguarão, ao lado da Capela São Vicente de Paulo, que começou com a Negras Minas.

Maria Gabriela: A escola da Vencato menciona nas aulas a história do bairro?

Sra. Maria Túlia: Em Jaguarão, se tem uma defasagem da história da cidade. Isso a Unipampa agora vem resgatando. A história que é contada de Jaguarão é da elite da cidade, não é da periferia, do trabalhador, por isso que a história dos bairros ficam em segundo plano. Um professor hoje se vai dar aula sobre a história de Jaguarão, vai ter que buscar na internet, porque não tem um livro didático próprio sobre isso.

Maria Gabriela: Já viu a história do bairro publicada em algum livro?

Sra. Maria Túlia: O pessoal do PIBID de História da Unipampa fez todo o resgate da História e tinha um livro que eles montaram com as histórias que as crianças contaram de assombrações, lendas, muito interessante, inclusive fizeram uma visita de campo em que eu estava junto, para garantir a veracidade dos locais, fomos ali na sanga que tem problema histórico de enchente, que nas cidades maiores eles fazem obras, canaletas, e depois fizeram uma pesquisa sobre os pontos afro do bairro Vencato e os alunos ficaram sabendo que o carnaval começou ali na rua do Cordão e que agora tá errado, porque a prefeitura colocou que a Ciro oliveira Nunes é a Rua do Cordão, e não é, a rua do Cordão é a Barbosa Neto, e isso também implica na identidade dos alunos.

Maria Gabriela: Você acha que seria importante a Vencato possuir a sua história publicada em algum livro e que este fosse considerado referência como o demais livros sobre a história da cidade?

Sra. Maria Túlia: A gente trabalhou muito isso já na escola, que a escola começou ali onde é o posto de saúde hoje, as pessoas mostraram as fotos da época que a escola era ali, de como se formou a escola, a praça, o centro comunitário. As pessoas têm que saber a história do seu lugar.

Maria Gabriela: Por que a Vencato e os outros bairros não possuem história publicada como a parte central da cidade?

Sra. Maria Túlia: A história sempre contada é da elite pela elite, e não do povo, essa história fica na oralidade, a história é elitizada.

Maria Gabriela: Acha que faria alguma diferença o bairro e os demais terem sua história publicada? Se sim, para quem?

Sra. Maria Túlia: Seria interessante, para que as pessoas se sentissem pertencentes ao bairro, é importante, porque os bairros são vistos só como ponto de drogas, e não vê a importância que tem o bairro, que tem uma boa escola, um centro comunitário, posto de saúde.

Maria Gabriela: Em quais situações e momentos a população do bairro sente indiferença da parte central da cidade?

Sra. Maria Túlia: O bairro já foi muito violento, considerado ponto de drogas e isso afeta diretamente a vida das pessoas.

Maria Gabriela: Por que somente a parte negativa do bairro é mencionada em certos momentos?

Sra. Maria Túlia: Porque o bairro tem histórico de violência, as pessoas depredavam e nós começamos a cuidar. Hoje os prédios não são mais pichados, as pessoas começaram a cuidar também.

Maria Gabriela: Quais aspectos positivos do bairro poderiam ser mencionados?

Sra. Maria Túlia: Quem ama cuida, não estraga e é um trabalho em conjunto. A escola e o posto de saúde quando começaram a deprender, nós cuidávamos e isso foi gerando neles um sentimento de pertencimento e eles não fizeram mais.

Maria Gabriela: Por que os autores de obras não têm objetivo de falar dos bairros, no caso da Vencato?

Sra. Maria Túlia: Não soube responder.

Maria Gabriela: Houve algum personagem político que empenhou-se em busca de melhorias do bairro, tanto física quanto cultural? Qual? Em que período?

Sra. Maria Túlia: Não lembro de nenhum.

Quarta entrevista

Entrevista realizada dia 2 de dezembro de 2021, as 19:00h com o Sr. Jorge Nilton Tormes Echevengua, 60 anos, residente na rua Fernandes Vieira 665, bairro Vencato. Metalúrgico aposentado, fez parte do legislativo da cidade de Janeiro de 2017 a Dezembro de 2020. Escolhi o senhor Jorge Tormes pelo seu papel como político morador do bairro e suas possíveis soluções para os problemas presentes.

Maria Gabriela: Boa tarde Sr. Tormes!

Sr. Tormes: Boa tarde!

Maria Gabriela: O Sr. Sabe como surgiu o bairro?

Sr. Tormes: A única história que sei é que o nome do bairro deriva do antigo dono do terreno, o Vencato.

Maria Gabriela: Você sabe a história dos primeiros moradores do bairro?

Sr. Tormes: Não soube responder.

Maria Gabriela: Sabe algum fato curioso sobre o bairro?

Sr. Tormes: Não soube responder.

Maria Gabriela: A escola da Vencato menciona nas aulas a história do bairro?

Sr. Tormes: Não soube responder.

Maria Gabriela: Já viu a história do bairro publicada em algum livro?

Sr. Tormes: Não soube responder.

Maria Gabriela: Você acha que seria importante a Vencato possuir a sua história publicada em algum livro e que este fosse considerado referência como os demais livros sobre a história da cidade?

Sr. Tormes: Acho que sim

Maria Gabriela: Por que a Vencato e os outros bairros não possuem história publicada como a parte central da cidade?

Sr. Tormes: Não soube responder.

Maria Gabriela: Acha que faria alguma diferença o bairro e os demais terem sua história publicada? Se sim, para quem?

Sr. Tormes: Sim, para as pessoas que moram no bairro.

Maria Gabriela: Em quais situações e momentos a população do bairro sente indiferença da parte central da cidade?

Sr. Tormes: Se tu pegar qualquer outro bairro do município, pelo menos tem uma rua pavimentada até o centro, e nós não temos, nós que somos o bairro mais central, o bairro mais próximo do centro é o nosso, e não temos uma rua que seja ligada do começo até o fim com o centro. Não podemos sair nem entrar do bairro com calçamento, essa é a grande dificuldade que a gente tem. A infraestrutura, é o que nos deixa muito a desejar no bairro em relação ao centro, que eu também não condeno, porque a gente sabe que é assim que funciona, que os investimentos, a maioria vai pra parte do centro, do que para os bairros. Eu lembro que quando comecei na vida política, a gente queria melhor infraestrutura pro bairro, mas a gente disputava com os outros bairros também, então quando vinha a melhoria, vamos supor que viesse 50% pro centro e a outra parte era dividida entre todos os outros bairros, a gente sempre pegava uma fatia menor, quando pegava. Tem muita promessa, por exemplo, o asfaltamento que eu sempre briguei, pelo calçamento da Menna Barreto até o fim dela, e não concluiu, e os anos que fazem isso.. sempre brigamos por pelo menos uma rua pavimentada que fosse ligada ao centro, e não conseguimos.

Maria Gabriela: Por que somente a parte negativa do bairro é mencionada em certos momentos?

Sr. Tormes: Eu sou suspeito porque moro aqui, eu ainda acho que nosso bairro onde nós temos tudo, é o bairro mais próximo do centro entre todos. Estamos a quatro quadras do centro, o que eu acho que tem aqui que causa má fama, é o bairro ser violento, nesse ponto sim, onde surge essas gangues é sempre na Vencato. Antigamente tinha a Carvalho, a Pindorama, os mutirões, e ultimamente no nosso bairro é onde estão aparecendo mais essas gangues, que causam medo, na parte de segurança. Quando há um tumulto, uma briga no centro, geralmente estão envolvidos os da Vencato, nesse ponto eu acho que o bairro deixa a desejar, no nível de segurança. No passado, já teve gangues mais famosas, mais ainda tem, o bairro já esteve mais violento, mas ainda continua com a fama de ser um bairro violento. Outro fator seria a falta de pavimentação, porque de todas é a mais importante. Se hoje tu me perguntar se estou fazendo alguma coisa, não estou com a mesma intensidade, esse é o primeiro ano que estou fora da política, vai completar um ano agora final no ano, dei uma certa “relaxada”, então eu parei com as reuniões, com aquela luta que eu tinha, eu acho que é uma coisa temporária, essa minha trégua é temporária, a partir do ano que vem a gente vai seguir lutando com os colegas, e ainda teve esse contexto da pandemia, mas eu acho que uma das grandes lutas nossas, vai ser na votação pelo nosso bairro, porque o nosso bairro se tu olhar, o que mais carece é isso aí, porque nós temos uma praça pra lazer, um posto de saúde, uma escola boa, temos muitas coisas boas aqui no bairro. Se tu for num banco por exemplo, é só andar umas quatro quadras, diferente do Bela Vista, acho que dos problemas mesmo, é a falta de pavimentação.

Maria Gabriela: Quais aspectos positivos do bairro poderiam ser mencionados?

Sr. Tormes: Nós somos o bairro mais próximo do centro, invejado em infraestrutura, estamos localizados em um ponto alto, a gente não tem problema de inundação, embora tenha a parte às margens do rio Jaguarão que tem problema quando tem as enchentes, toda aquela extensão cerca das margens tem esse problema, não é só ali, ainda temos uma população que é ribeirinha, mas eu como trabalhei como secretário de obras do município, eu posso te falar assim que os outros municípios têm problemas de drenagem, problema de esgoto, e nós já não temos tanto. O bairro Vencato não tem tanto problema de esgoto, não tem tanto problema de drenagem, as águas escoam rápido, comparado aos outros bairros, temos vantagem nesse aspecto. A gente sempre teve uma política social aqui no bairro, e a nossa briga sempre foi

voltada para os três bairros: Vencato, Cerro das Irmandades e Cerro da Pólvora e também um pouco da Fundação Carlos Barbosa. Sempre teve um grupo, inclusive de colegas daqui da Vencato, que sempre fez essas partes sociais, que seria Papai Noel, Páscoa, refeições, e a gente sempre teve ajuda, sempre teve colaboração do bairro, eu acho que o bairro ele é solidário, ele se preocupa em ajudar quem é mais necessitado, e eu devo morar aqui por volta de quarenta anos, sempre teve isso aqui, inclusive, agora têm outras pessoas fazendo o que eu fazia, essa parte de participação social e eu também colaboro, eu também ajudo, só não estou encabeçando no momento, mas acho que sempre teve pessoas com esse pensamento voltado de ajudar o próximo.

Maria Gabriela: Por que os autores de obras não têm objetivo de falar dos bairros, no caso da Vencato?

Sr. Tormes: Não soube responder.

Maria Gabriela: Houve algum personagem político que empenhou-se em busca de melhorias do bairro, tanto física quanto cultural? Qual? Em que período?

Sr. Tormes: O vereador Fred que está na ativa, colega de bancada, morador do bairro também, e depois ele foi vice-prefeito, e depois ele saiu da política. O vereador Dias que não era morador do bairro mas sempre estava com o olho aqui, e batalhei com ele numa época e conseguimos uma emenda de projeto pro bairro Vencato, mas não citava a rua, e usaram esse projeto daquela emenda pra outro lugar, então nós perdemos a pavimentação. Sempre teve alguém que trabalhou pela Vencato.

QUINTA ENTREVISTA.

A quinta entrevista foi realizada no dia 8 de dezembro de 2021, às 15:00h com o Sr. Juarez Justino Albanaz popularmente conhecido como “Catarina”, residente na rua Odilo Gonçalves n° 1374, microempresário no ramo de chapeamento e pintura de veículos e ex-líder comunitário do Bairro Vencato. O Sr. Albanaz teve um papel importante no bairro durante seu cargo na liderança do bairro, onde em seus relatos nos conta sobre os trabalhos realizados em benefício do bairro.

Maria Gabriela: Boa tarde Sr. Albanaz!

Sr. Albanaz: Boa tarde!

Maria Gabriela: O Sr. sabe como surgiu o bairro?

Sr. Albanaz: A partir do loteamento da chácara do falecido Sr. Frederico Vencato. O Sr. Frederico cedeu o terreno da praça do bairro para o Fernando Ribas. Ali começou o bairro. Hoje temos posto de saúde, centro comunitário, escola, creche. Tudo foi fruto do meu trabalho junto com os moradores que queriam ver o bairro melhorar.

Maria Gabriela: Você sabe a história dos primeiros moradores do bairro?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Sabe algum fato curioso sobre o bairro?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: A escola da Vencato menciona nas aulas a história do bairro?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Já viu a história do bairro publicada em algum livro?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Você acha que seria importante a Vencato possuir a sua história publicada em algum livro e que este fosse considerado referência como os demais livros sobre a história da cidade?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Por que a Vencato e os outros bairros não possuem história publicada como a parte central da cidade?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Acha que faria alguma diferença o bairro e os demais terem sua história publicada? Se sim, para quem?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Em quais situações e momentos a população do bairro sente indiferença da parte central da cidade?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Por que somente a parte negativa do bairro é mencionada em certos momentos?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela: Quais aspectos positivos do bairro poderiam ser mencionados?

Sr. Albanaz: Quando veio o aterro, veio a água encanada onde precisava, limpavam as valas que fazia anos que não limpavam, pois os líderes que passaram não pediam as limpezas, e o pessoal foi se adaptando à limpeza. Todo mês eu fazia uma promoção pro pessoal manter limpo. Como eu usei? Usei as crianças do colégio Dr. Fernando Côrrea Ribas, eram 156 alunos na época, e lancei uma horta comunitária lá no meu terreno. Toquei durante cinco anos até a troca de governo. Sempre tinha criança lá, as que estudavam de manhã iam de tarde pra lá, e as que estudavam de tarde iam de manhã. Ensinei a plantar todo tipo de verdura, legumes, frutas, ensinei a fazer enxerto e limpeza. Sempre a saúde deles em primeiro lugar. Todo fim de semana os pais iam até a horta comunitária e colhiam o que quisessem, só que o filho tinha que estar presente, os pais não podiam ir sozinhos, porque foi o filho que plantou, que cuidou do começo da sementinha até a colheita. O que não era colhido, a diretora levava para fazer sopa na escola. Tudo era dividido entre eles. Lá eles também aprendiam matemática, ciências, geografia, história, e a gurizada gostava, iam em massa pra lá, era difícil ir pouca criança pra lá, eram crianças menores e alguns adolescentes e gostavam. Inclusive saiu muita criança das ruas, da Vila Vencato com problemas de drogas. Eles gostavam de estar lá porque eu ensinava, já outros queriam entrar, viam a oficina, eu explicava como eram as coisas, que pra entrar nessa e em outras profissões tem que estudar. Já naquela época eu batalhava com o Vitor Hugo, pra que liberassem uma verba, que entrasse na nossa associação, pois nós tínhamos uma Associação de Serviços Automotivos de Jaguarão e região que é formada por 48 oficinas e cada uma ofertava um emprego pra uma criança que quisesse trabalhar, que se estudasse de manhã, trabalhava de tarde, se estudava de tarde trabalhava de manhã e nós iríamos rachar a despesa. Porém com a troca de governo que ocorreu em seguida, o projeto não teve início. Gente eu quero fazer uma festa de Natal no bairro. Eu tenho bastante patrocinadores, o que vocês acham? Vão me ajudar? O pessoal prontamente se dispôs a ajudar e nós fazíamos. Não faltava comida, não faltava refrigerante, não faltava presente, tudo a vontade. Mas não havia nenhum vínculo político, era tudo fruto do trabalho da comunidade.

Maria Gabriela: Por que os autores de obras não tem objetivo de falar dos bairros, no caso da Vencato?

Sr. Albanaz: Não soube responder.

Maria Gabriela:Houve algum personagem político que empenhou-se em busca de melhorias do bairro, tanto física quanto cultural? Qual? Em que período?

Sr. Albanaz: Trabalhei como líder comunitário no Bairro Vencato de 2009 a 2015. Como eu sou de Santa Catarina, eu fiz Gestão Ambiental, e não gosto de ver lixo amontoado, um vizinho se aproveitando do outro, eu acho que todo mundo tem que ser igual, se eu limpo, os outros têm que limpar também. Na época o Coronel do exército foi até o bairro ver o meu trabalho, e gostou muito e ofereceu o Quartel e os caminhões para fazer uma promoção, que a proposta era o pessoal juntar o lixo e trocar por cupons, e daí o pessoal começou a levar todo tipo de lixo, garrafas, coisas velhas, tudo que na Vencato estava atrapalhando nos terrenos baldios. Em pouco tempo o bairro ficou lindo. A prefeitura também entrou com apoio, levando também os caminhões e as máquinas, e fizemos tudo, e foi muito bonito. Daí em diante o pessoal pediu para eu entrar de líder comunitário, e eu fui me informando qual era a prioridade que mais precisava, isso na época estava entrando o prefeito Vitor Hugo Rosa, e no ano de 2000, começou a construção da tubulação do canal fechado na rua Andrade Neves. Com o surgimento da tubulação, o prefeito Vitor Hugo precisava de um local para colocar o maquinário da prefeitura, e como eu estava construindo ali justo na beira da sanga, fizemos um acordo. Como ali é ribeirinho e tem o pessoal ali e qualquer problema dá enchente, como tava saindo muito aterro e não tinha onde colocar, eu fiz uma proposta pro Vitor Hugo, pois todos da comunidade aceitavam o local como estava, podia ser lama, podia ser o que fosse, e assim foram, o Vitor Hugo me deu carta branca e daí eu fui ver realmente quem eram as pessoas que precisavam do aterro. Nunca deu briga de divisão de aterro. Os líderes comunitários dos outros bairros da cidade começaram a tomar gosto de ver como eu trabalhava e nós começamos a fazer reuniões com os líderes dos outros bairros, e inclusive entrou o Clóvis Reis, um grande parceiro, estava pra tudo. Quando havia as festas para as crianças, ele arcava com a alimentação delas. Era organizado e era bonito o que acontecia. Como nós tínhamos CNPJ, conversei com a Receita Federal eles gostaram da idéia começaram a doar roupas e calçados que eram apreendidos, tudo isso a gente distribuía pro pessoal. Eu tinha a minha lista. No dia de coleta, eu abria o meu galpão onde era a minha oficina, organizava tudo direitinho com testemunha da diretoria, e contabilizávamos os produtos. Vamos chamando por pessoa e pegando por família e assim foi indo. No período

que estive como líder comunitário, descobri a lei do Auxílio Moradia, conversei com o Vitor Hugo, e ele disse que se tem isso aí, vou conversar com o advogado da prefeitura e ver o que ele vai me dizer. Daí se descobriu que realmente tinha essa lei, mas ela não era baseada em dar uma casa para uma pessoa. Por exemplo: uma família que não tem condições de ter um banheiro, daí a prefeitura dava o material e nós, os moradores da comunidade, construíamos o banheiro pra ela. Teve telhados novos, adaptados quartos para crianças e adultos com deficiência, foi uma beleza naquela época, para toda família que eu pedia naquela época, ela era atendida, não se ouvia dizer um não, ou porque, era tudo muito bem estudado, se levava as pessoas lá pra ver, os vereadores, se realmente eram para as pessoas que precisavam e que não tinha nada de política envolvida no negócio.

SEXTA ENTREVISTA.

A última entrevista foi realizada no dia 14 de dezembro de 2021, às 18:00h na residência do Sr. Carlos Darcy Vencato de 80 anos, estancieiro. Presentes estavam a sua esposa Sra. Regina Costa Vencato, 79 anos, aposentada, formada em Belas Artes e professora particular de desenho e pintura, e o filho Sr. Genaro Vencato, 44 anos, microempresário. Com a entrevista do Sr. Carlos Darcy é possível saber alguns detalhes da história da família que deu nome ao bairro.

Maria Gabriela: Boa tarde Sr. Darcy Vencato!

Sr. Darcy Vencato: Boa tarde!

Maria Gabriela: O Sr. sabe como surgiu o bairro?

Sr. Darcy Vencato: O pai comprou a chácara em 1964 do Sr. Atanagildo Feijó e uns dois anos depois ele loteou, começou o loteamento onde é a Vila Vencato hoje. Nós temos descendência de italiano por parte de pai, e de alemão por parte de mãe. Nós não somos jaguarenses, nós viemos no ano de 1958 da cidade de Camaquã para Jaguarão. Nós viemos para plantar arroz no Uruguai. Nós moramos dois anos no Uruguai e depois viemos morar aqui. Foi depois que compramos a chácara. Na chácara só tinha criação de vacas, produzíamos uva e fabricávamos vinho, pela parte dos italianos. Nós casamos lá na chácara (Carlos Darcy e Regina). Nós casamos em 1968. Eu sou estancieiro, origem plantador de arroz. Todos meus irmãos trabalham com isso, os filhos deles e meus filhos também. A gente passou a vida inteira

plantando arroz, a vida inteira dele (Frederico) plantava em Camaquã. A chácara em si, foi ele quem loteou. Quando foi loteado, o acordo era 25% do total do terreno de comissão para a imobiliária. Esse foi o custo, a comissão. Cada um dos filhos ganhou uma quadra, e ela tá até hoje lá. Eu sei que ele (Frederico) era bem organizado. Eu fui pra lá (chácara) em 1964, morei, casei e morei depois de casado. Morei no sentido, nós morávamos pra fora e quando vinha ficava ali. Na verdade morávamos na campanha. Moramos de 1964 a 1990, sendo que casei em 1968. Nós não tínhamos casa na cidade e parava lá na casa da chácara. Nós éramos 4 filhos, a minha irmã casou e foi pra Camaquã. A Adélia foi a que mais viveu na Chácara até o ano passado quando ela faleceu em maio do ano passado. A Adélia morava com o pai e a mãe.

Maria Gabriela: O Sr. sabe a história dos primeiros moradores do bairro?

Sr. Darcy Vencato: O que eu sei é que ele doou um lote de terreno para um pessoal mais humilde, e essas pessoas queriam que fizessem uma homenagem pra ele por ter feito a doação.

Maria Gabriela: Sabe algum fato curioso sobre o bairro?

Sr. Darcy Vencato: A vila começou a ser chamada de Vencato, por causa da localidade, ninguém se preocupou em colocar um nome, e daí ficou. A nós não incomoda em nada que continue assim. Só não foi em homenagem a meu pai o nome, foi só pelo terreno ser onde fazia parte da chácara. Ali na Vencato e entorno tem uma turma que sabe muito mais história do que eu, pois a maioria deles conviveu com o meu pai.

Maria Gabriela: A escola da Vencato menciona nas aulas a historia do bairro?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela: Já viu a história do bairro publicada em algum livro?

Sr. Darcy Vencato: Não que eu me lembre.

Maria Gabriela: Você acha que seria importante a Vencato possuir a sua história publicada em algum livro e que este fosse considerado referência como os demais livros sobre a história da cidade?

Sr. Darcy Vencato: Acho que sim.

Maria Gabriela: Por que a Vencato e os outros bairros não possuem história publicada como a parte central da cidade?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela: Acha que faria alguma diferença o bairro e os demais terem sua história publicada? Se sim, para quem?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela: Em quais situações e momentos a população do bairro sente indiferença da parte central da cidade?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela: Por que somente a parte negativa do bairro é mencionada em certos momentos?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela: Quais aspectos positivos do bairro poderiam ser mencionados?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela :Por que os autores de obras não tem objetivo de falar dos bairros, no caso da Vencato?

Sr. Darcy Vencato: Não soube responder.

Maria Gabriela: Houve algum personagem político que empenhou-se em busca de melhorias do bairro, tanto física quanto cultural? Qual? Em que período?

Não soube responder.

CORDEL

CAPA



VERSO



21.06.14

**E O MELHOR CAUSO DE PEDRO MENTIRA
ESPERA SER RECONTADO...**

https://www.facebook.com/arteiro12?ref_type=bookmark

Se você conhece alguma história do Pedro Mentira ajude-nos a
contá-la enviando para o e-mail snunes.ag@gmail.com

☎ **(53)98142-2670**

Arteiro

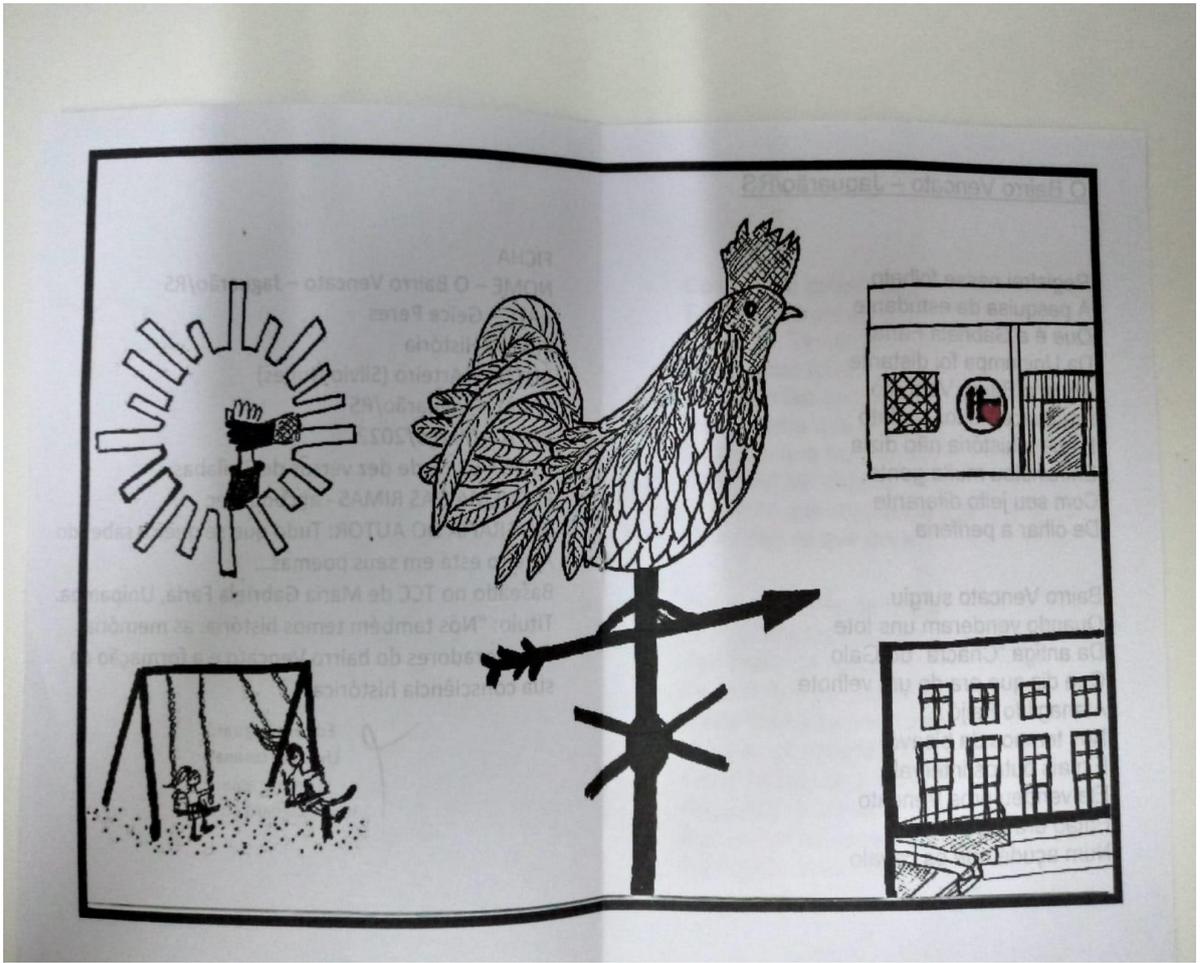
**O Bairro Vencato –
Jaguarão/RS**

Preparação

SILVIO NUNES

2022

FICHA**NOME – O Bairro Vencato – Jaguarão/RS****ARTE – Geice Peres****TEMA - História****AUTOR – Arteiro (Silvio Nunes)****LOCAL – Jaguarão/RS****DATA – Março/2022****ESTROFES - 8 de dez versos de 7 sílabas****ESQUEMA DAS RIMAS - abcbddceec****BIOGRAFIA DO AUTOR: Tudo que se queira saber do Arteiro está em seus poemas...****Baseado no TCC de Maria Gabriela Faria, Unipampa.****Título: “Nós também temos história: as memórias dos moradores do bairro Vencato e a formação de sua consciência histórica”.****Editora Yaguarú
Livros Artesanais****Compre aqui:****www.yaguaru.com.br**



O Bairro Vencato – Jaguarão/RS

Registrei nesse folheto
A pesquisa da estudante
Que é a Gabriela Faria
Da Unipampa foi distante
Até lá o Bairro Vencato
Pra buscar todos os fatos
E que a história não dizia
Entrevistou muita gente
Com seu jeito diferente
De olhar a periferia

Bairro Vencato surgiu
Quando venderam uns lotes
Da antiga "Chácra" do Galo
Que diz que era de um velhote
Atanagildo Feijó
Nos tempos da bisavó
E mais outros intervalos
Ele vendeu pros Vencatos
Então era tudo mato.
Num açude que os cavalos



Costumava beber água
E que ainda existe lá
Contam... Tinham sepultura
Quem sabe foram tirar
Ou então tão escondida
Nas taquaras que crescida
No vento que faz murmura.
Na frente da "chácra" tava
Um muro que impressionava
Tijolo bagual que dura.

Um galo pedrês de louça
Bem acima dum portão
Todo feito de metal
Perto à Rua do Cordão
Onde tinha umas vertentes
Dava água transparente
Cacimbinhas sem igual
Água boa de tomar
Bem ali foi começar
Na cidade o carnaval

Uma história bem bonita
Mas nem tudo foram flores
O bairro não é central
Pois no centro os atores
São sempre os protagonista
Problema capitalista
Deixa tudo desigual
E do Centro da cidade
Falam com perversidade:
-Vencato? Só marginal!

Diz que tinha muita droga
E um pedágio na entrada
Era preciso pagar
No meio da madrugada
Mas o povo se uniu
Sua força ele descobriu
Pra poder reivindicar
Mais saúde educação
Segurança que virão
Pôr as coisas no lugar

Hoje o Bairro tá melhor
Foi a base de protesto
Que hoje tem lá um bom colégio
E aqui me manifesto:
Tem postinho de saúde
Mas o povo não se ilude
Que isso não é privilégio
Tem Centro Comunitário
Um direito necessário
Vou fazer um sortilégio

Assim em forma de verso
Dizer que Jaguarão viu!?
Não é só porta e janela
Ou Free Shop e casario
Aqui é lugar de gente
E o que tem de diferente?
Que nos bairro se revela
Toda solidariedade
Do povo dessa cidade
Que é a maior beleza dela

Fim